

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

Rafael de Oliveira

**HISTÓRIA E TRABALHO NA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO: um relato de experiência
sobre o trabalho como princípio educativo no ensino de História**

Porto Alegre

2021

Rafael de Oliveira

HISTÓRIA E TRABALHO NA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO: um relato de experiência
sobre o trabalho como princípio educativo no ensino de História

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Ensino de História na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS).

Orientadora: Profa. Dra. Claudia
Wasserman

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Rafael de
HISTÓRIA E TRABALHO NA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO: um
relato de experiência sobre o trabalho como princípio
educativo no ensino de História / Rafael de Oliveira.
-- 2021.
172 f.
Orientadora: Claudia Wasserman.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino
de História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Trabalho. 2. Trabalho como princípio educativo.
3. Ensino de História. 4. Ensino Médio. I. Wasserman,
Claudia, orient. II. Título.

Rafael de Oliveira

HISTÓRIA E TRABALHO NA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO: um relato de experiência
sobre o trabalho como princípio educativo no ensino de História

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Ensino de História na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS).

Orientadora: Profa. Dra. Claudia
Wasserman

Porto Alegre, 2 de abril de 2021.

Resultado: Aprovado com conceito A.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudia Wasserman (UFRGS)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Profa. Dra. Carmen Lúcia Bezerra Machado (UFRGS)

Profa. Dra. Laura Souza Fonseca (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Vicente, meu filho, por me acompanhar nesses dias de isolamento social. Agradeço à Lia, minha vó, por seu amor imenso, porque com ela aprendi a valorizar o estudo e o trabalho.

Agradeço à professora Marlene Ribeiro, seus ensinamentos atravessam essa dissertação. Estão presentes no meu problema, na forma de abordá-lo, nos aspectos teóricos. Acima de tudo, o que aprendi com ela está presente na minha prática docente, agradeço pelo seu exemplo de educadora comprometida com as lutas do povo, pelo testemunho de coerência entre o dizer e o fazer.

Agradeço aos estudantes que participaram do curso História e trabalho na indústria do plástico, em especial aos que autorizaram a análise de seus trabalhos. Agradeço aos trabalhadores que se disponibilizaram a gravar entrevistas de história oral. Agradeço aos colegas do IFSUL, especialmente aos que colaboraram diretamente para essa pesquisa: o professor João, coordenador do Curso de Plásticos, que prontamente acolheu a ideia do curso, auxiliou na sua divulgação, na localização de egressos e na facilitação das entrevistas; ao colega Yuri, por sua ajuda inestimável nas questões referentes às tecnologias digitais, às colegas Mônica e Vanessa, que auxiliaram com o SUAP, no processo de registro e certificação do curso.

Agradeço à professora Claudia Wasserman, pela dedicação na orientação desse trabalho, pela atenção com que leu meus textos, acolhendo ideias, propondo ajustes, indicando caminhos. Também agradeço às professoras Laura e Carmen, e ao professor Benito, que compuseram minha banca examinadora, seus apontamentos foram fundamentais para o formato que ganhou esse trabalho.

Agradeço aos colegas da turma de 2019 do Profhistória, pelos debates que proporcionaram durante as disciplinas. Agradeço aos amigos Luciano e Filipi, pelo incentivo para participar da seleção do mestrado. Também agradeço aos educadores do Município de Porto Alegre, onde trabalhava quando entrei no mestrado profissional, quando foi gestada a ideia original da minha pesquisa. Agradeço aos camaradas do coletivo de municipais do Alicerce, ao lado deles travei as batalhas políticas dos últimos anos, agradeço por sua radicalidade na luta por um mundo livre de opressões e desigualdades, tal utopia é parte dessa dissertação.

Muito Obrigado!

"Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo". (Karl Marx, 2006, p.120).

RESUMO

Essa dissertação discute as possibilidades de utilização dos processos e relações de trabalho na indústria como fundamento da organização do processo educativo na disciplina de História ofertada para o Curso Técnico em Plásticos Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), câmpus de Sapucaia do Sul. Como dimensão propositiva realizei um curso de 30 horas através do AVA-Moodle, buscando compreender e explicar limites e possibilidades do trabalho como princípio educativo no contexto histórico de crise estrutural do capitalismo, marcado por desemprego e precarização do trabalho. A proposta foi que os estudantes interpretassem fontes para o estudo da história do trabalho, elaborando problemas e narrativas de cunho historiográfico acerca de aspectos do trabalho no setor, situando-os em suas relações de sucessão e simultaneidade com os processos de industrialização e desenvolvimento histórico do capitalismo. Acredito que o curso atingiu seu objetivo geral ao possibilitar a construção de uma proposta para a utilização do trabalho como princípio educativo no ensino de História, estimulando o aprendizado de conceitos e processos históricos, e a compreensão da realidade atual como síntese de acontecimento anteriores, e parte de um processo permanente de transformação.

Palavras-chave: Trabalho. Trabalho como princípio educativo. Ensino de História. Ensino Médio.

RESUMEN

Esta disertación analiza las posibilidades de utilizar los procesos y relaciones de trabajo en la industria como base para la organización del proceso educativo en la disciplina de Historia en el Curso Técnico en Plásticos Integrado a la enseñanza secundaria en el Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), campus de Sapucaia do Sul. Como dimensión proposicional, realicé un curso de 30 horas a través del AVA-Moodle, buscando comprender y explicar los límites y posibilidades del trabajo como principio educativo en el contexto histórico de crisis estructural del capitalismo, marcado por el desempleo y el trabajo precario. La propuesta fue que los estudiantes interpretan fuentes para el estudio de la historia del trabajo, elaborando problemas y narrativas de carácter historiográfico sobre aspectos del trabajo en el sector, situándolos en sus relaciones de sucesión y simultaneidad con los procesos de industrialización y desarrollo histórico del capitalismo. Creo que el curso logró su objetivo general al posibilitar la construcción de una propuesta para el uso del trabajo como principio educativo en la enseñanza de Historia, estimulando el aprendizaje de conceptos y procesos históricos, y la comprensión de la realidad actual como síntesis de hechos anteriores, y parte de un proceso de transformación permanente.

Palabras-clave: Trabajo. Trabajo como principio educativo. Enseñanza de la Historia. Enseñanza Sencundaria.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código 001.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS | 23 |
| 2.1 O materialismo histórico e o trabalho como princípio educativo..... | 24 |
| 2.2 O trabalho e a história no técnico em plásticos no IFSUL..... | 35 |
| 3 A CONSTRUÇÃO DOS PROBLEMAS | 50 |
| 3.1 Os materiais didáticos da primeira semana..... | 51 |
| 3.2 O primeiro encontro..... | 55 |
| 3.3 O fórum da primeira semana..... | 56 |
| 3.4 O segundo encontro..... | 60 |
| 3.5 O fórum da segunda semana..... | 63 |
| 4 TRABALHO E REVOLUÇÃO INDUSTRIAL | 69 |
| 4.1 Os materiais didáticos da terceira semana..... | 69 |
| 4.2 O terceiro encontro..... | 74 |
| 4.3 O fórum da terceira semana..... | 76 |
| 4.4 Enfim, a história oral!..... | 83 |
| 4.5 O sexto encontro..... | 85 |
| 4.6 O fórum da sexta semana..... | 88 |
| 4.7 O sétimo encontro..... | 92 |
| 4.8 O fórum da sétima semana..... | 94 |
| 5 TEMAS E TRAJETÓRIAS | 96 |
| 5.1 Atividades e materiais disponibilizados..... | 97 |
| 5.2 Tecnologias, condições de trabalho e formação profissional..... | 101 |
| 5.3 Meio ambiente e consumo de plásticos..... | 113 |
| 5.4 A indústria do plástico no Brasil..... | 120 |
| 5.5 Mulheres na indústria do plástico..... | 126 |

| | |
|---|-----|
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 132 |
| REFERÊNCIAS | 137 |
| APÊNDICES | 141 |
| APÊNDICE A - Slides da aula assíncrona sobre problemas históricos..... | 141 |
| APÊNDICE B - Slides da aula síncrona Breve história da História..... | 144 |
| APÊNDICE C - Slides da aula síncrona sobre História Oral..... | 147 |
| APÊNDICE D - Bibliografia das pastas temáticas..... | 151 |
| ANEXOS | 154 |
| ANEXO A - Imagens sobre Revolução Industrial disponibilizadas na terceira semana..... | 154 |
| ANEXO B - Páginas da cartilha do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR), disponibilizadas na sétima semana..... | 159 |

1 INTRODUÇÃO

Uma diferença entre o curso e as outras aulas de História que já tive, foi a forma de didática, pois a gente realmente precisou se envolver, a cada conteúdo nós tínhamos que produzir e demonstrar que conseguimos entender o que foi proposto na aula, nas minhas antigas aulas de História o professor costumava explicar a matéria e dar perguntas do livro para responder, então não tinha uma sequência de produção de cada um [...] E algo que chamou muito a minha atenção foi que os conteúdos foram diferentes do que costumamos estudar em História. (Educanda 10).

Gostei bastante do curso, e atendeu acima das minhas expectativas [...] Uma sugestão seria fazer as atividades síncronas pelo Google Meet, pois acho uma plataforma melhor para interação e em alguns módulos, substituir alguns textos por vídeos, que fica mais dinâmico! :) (Educanda 13).

Os trechos acima são avaliações formuladas por estudantes¹ do curso *História e Trabalho na Indústria do Plástico*, elas foram apresentadas em um fórum de discussão do AVA-Moodle na última semana do curso que constituiu a dimensão propositiva do meu projeto de mestrado. No texto que segue pretendo apresentar um relato desse curso, espero que esse texto ajude a explicar os limites e possibilidades da proposta. Meu objetivo principal é produzir uma reflexão sobre o princípio educativo do trabalho aplicado ao ensino de História. Essa reflexão foi produzida a partir do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL), câmpus de Sapucaia do Sul.

Essa dissertação foi escrita em um momento significativo da minha trajetória profissional, quando completava dez anos trabalhando como professor, sempre na rede pública, sempre no ensino básico. Comecei na Rede Estadual/RS, trabalhei em Santa Cruz do Sul tendo o privilégio de lecionar na mesma escola em que havia concluído o ensino médio, segui na Rede Estadual no município Canoas, e depois passei para Rede Municipal de Porto Alegre onde trabalhei por cinco anos com o ensino fundamental, em agosto de 2019 entrei no IFSUL.

Uma das questões que me motivaram a entrar no Instituto, além da carreira, foi a possibilidade de vivenciar com maior intensidade a dialética trabalho e educação. Tenho essa preocupação desde o início da minha trajetória profissional, tratar os desafios que emergem na escola a partir da base de trabalho que os condiciona. Nunca entendi os problemas da educação escolar em uma dimensão estritamente escolar, e a possibilidade de lecionar em um lugar que coloca explicitamente este desafio é uma grande motivação.

A história desse educandário remonta 1917, ano da fundação da *Escola de Artes e Offícios* destinada a oferecer educação profissional para meninos pobres no município de

¹ Os estudantes serão tratados por nomes fictícios, Educando ou Educanda, numerados de 1 a 13.

Pelotas. O município assumiu a escola em 1930 renomeando-a como *Instituto Technico Profissional*, denominação que manteve até 1942 quando por Decreto-Lei assinado pelo presidente Getúlio Vargas foi transformada em *Escola Técnica de Pelotas*, ela vira uma autarquia Federal em 1959 recebendo nova denominação, *Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL)*. Em 1999 o governo Fernando Henrique Cardoso transformou a ETFPEL em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS) possibilitando a oferta de seus primeiros cursos de graduação e pós-graduação.

O CEFET foi transformado em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia em 2008, ano da consolidação de uma nova política nacional de educação profissional na gestão de Luis Inácio Lula da Silva.

O Curso Técnico em Plásticos é ofertado em Sapucaia do Sul desde 1996, quando o ainda CEFET-RS criou sua primeira unidade de ensino fora de Pelotas, na época ele era oferecido na modalidade "subsequente" ao ensino médio. Conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) ele foi criado para formar profissionais qualificados para o domínio do planejamento, operação, coordenação, monitoramento e controle do processo de fabricação de produtos plásticos e reciclagem, além de supervisão de aquisição de matéria-prima e controle de qualidade do produto. Ainda conforme o PPC o curso foi planejado e executado respondendo a uma demanda de formação profissional da Região Metropolitana de Porto Alegre, que concentra um grande parque industrial no qual o setor de plásticos é preponderante, e se encontra em expansão devido à alta demanda por produtos deste material, que tem substituído matérias-primas convencionais em função da boa relação custo-benefício dos produtos plásticos.

Importante para a compreensão dos objetivos deste projeto de pesquisa é destacar o caráter Integrado ao Ensino Médio que o curso adquire desde 2013. Isso faz com que nem todos os estudantes tenham por objetivo trabalhar na indústria do plástico, boa parte procura o IFSUL pela qualidade do ensino médio ofertado, o que permite aos egressos disputar vagas nas principais universidades do estado/RS. Atualmente sua matriz curricular compreende um mínimo de 3680 horas (3360 obrigatórias e 320 complementares), divididas em quatro anos nos quais desde o primeiro ano as disciplinas técnicas estão integradas às propedêuticas. O objetivo é oferecer uma formação humanística, científica e tecnológica, que capacite o educando para "ingressar no mundo do trabalho de modo compromissado com o desenvolvimento regional e nacional, exercendo atividades de forma crítica, ética e criativa". (IFSUL, 2017, p.8). São oferecidas anualmente 64 vagas para estudantes com o ensino fundamental completo, que prestam exame vestibular respondendo questões de Português,

Matemática, História e Geografia, neste processo metade das vagas é reservada para egressos de escolas públicas.

Os Institutos Federais (IFs) recebem duas categorias de educandos que historicamente materializam sentidos distintos para o ensino médio: nossos estudantes são tanto jovens oriundos de famílias mais pobres, que tradicionalmente procuram o ensino profissionalizante; quanto de famílias de classe média, oriundos de escolas privadas, que tradicionalmente valorizam o ensino médio por seu caráter propedêutico, objetivando acessar o ensino superior. Assim, não estou propondo uma experiência de trabalho como princípio educativo no interior de um currículo que visa a estreita "empregabilidade", nem tampouco que pretende apenas uma formação "geral", a tentativa aqui é materializar a utopia de integração entre essas duas dimensões, de ensinar História em uma perspectiva que não separa trabalho e cidadania, formação profissional e humanística.

Reforço a ideia de "integração": a lógica da proposta pedagógica é que os egressos possam tanto ocupar vagas de trabalho na indústria do plástico, quanto seguir seus estudos ou trabalhar em outras áreas, daí que o currículo "integre" a formação profissional com a formação geral. Nesse contexto, o ensino de História não está restrito aos problemas do mundo do trabalho, não objetiva a simples "empregabilidade", mas pretende refletir acerca da articulação do trabalho com o conjunto das dimensões humanas.

É a partir desse lugar que formulei o seguinte problema de pesquisa: considerando as relações sociais contraditórias próprias do sistema capitalista e as direções nas quais tencionam a educação profissional, quais os limites e possibilidades do trabalho como princípio educativo no ensino de História para jovens que cursam o Técnico em Plásticos Integrado ao Ensino Médio no IF-Sul, câmpus de Sapucaia do Sul?

Não se trata de discutir a preparação dos estudantes para o mundo do trabalho, mas de verificar como o mundo do trabalho condiciona a educação, cria possibilidades e ao mesmo tempo impõe certos limites a uma prática educativa emancipatória. Nesse caso perguntar por limites e possibilidades do ensino de História é perguntar como a escolarização se articula ao mundo do trabalho, é perguntar sobre as possibilidades que a educação realizada através do trabalho tem para transformar as relações produtoras e reprodutoras de desigualdades e opressões.

A partir da dimensão propositiva tentei abordar esse problema na perspectiva de alguns objetivos de aprendizagem: gostaria que os educandos conseguissem elaborar problemas e narrativas acerca de aspectos da produção e das relações de trabalho no setor do plástico, coerentes com conceitos e critérios que orientam a História enquanto saber

sistematizado. Meu objetivo foi que os estudantes entendessem o trabalho na indústria do plástico situando-o em suas relações de sucessão e simultaneidade com os processos de industrialização e desenvolvimento do capitalismo em escala global, e suas manifestações particulares no Brasil.

Ao longo do curso os educandos analisaram fontes para o estudo da história do trabalho na indústria do plástico e produções historiográficas acerca do trabalho industrial, relacionando conceitos e conteúdos trabalhados na disciplina de História à observação e reflexão acerca das práticas de trabalho observadas na indústria do plástico contemporânea. Com essa abordagem busquei que, por um lado compreendessem melhor os temas e conteúdos da História, e por outro desenvolvessem uma reflexão sobre a profissão para a qual se preparam. Um objetivo pedagógico estruturante foi que os estudantes percebessem a historicidade constituinte dos fenômenos do mundo do trabalho, identificando e compreendendo a existência de permanências e transformações nas relações e nos meios de produção presentes na indústria do plástico.

Quando meu projeto de pesquisa foi concebido ele era bem mais audacioso do aquilo que agora vos apresento: eu gostaria de investigar o sentido do estudo de História para estudantes e egressos do Curso Técnico em Plásticos Integrado ao Ensino Médio, comparar a perspectiva dos primeiros formandos do curso, que estudaram na década de 1990, com a perspectiva dos estudantes de 2020, acompanhar a evolução da relação trabalho e educação ao longo da Nova República. Também pretendia visitar as indústrias do plástico para fazer entrevistas com trabalhadores, pretendia aproximar as aulas de História dos laboratórios do IF onde os estudantes cursam as disciplinas técnicas, pretendia trazer os trabalhadores da indústria do plástico para sala aula, pretendia aplicar questionários ao conjunto dos estudantes do curso... Só que no meio do caminho tinha uma pandemia...

Já imagino alguns leitores falando em voz alta:

- Professor! O senhor poderia fazer tudo isso utilizando as tecnologias, estão aí o Google Meet para proporcionar os debates, o OBS para gravar suas entrevistas, também existem *softwares* para simular o trabalho nos laboratórios...

É verdade meu caro, pelas citações apresentadas no início deste capítulo já deves ter percebido que o Google Meet também foi uma demanda discente, mas o fato é que eu não trilhei esse caminho.

Eu me esforcei para aprender a utilizar as tecnologias digitais, e até certo ponto aprendi bastante, fiz um Curso de Tecnologias Digitais e Metodologias Ativas oferecido pelo IF, ele previa 40 horas de atividades, eu gastei 80 horas e não consegui fazer tudo que era

proposto. Mas aprendi o necessário para começar a andar, eu aprendi a organizar e executar uma disciplina via Moodle, o que incluiu postar arquivos, vídeos do youtube, abrir e gerenciar fóruns de debates, também aprendi a abrir salas e convidar pessoas para participar de conferências via RNP, aprendi a gravar vídeos, mas não consegui inserir meu rosto ao lado de slides e imagens. Para alguns isso pode ser pouco, para mim isso foi muito, custou horas de estudo vendo e revendo os vídeos no canal do IF, custou horas de trabalho tentando executar as coisas e invariavelmente errando duas ou três vezes antes de acertar, custou horas de convívio com meu filho, custou "enforçar" alguns exercícios físicos que eu mantinha durante a pandemia...

Uma vez que um dia tem 24 horas, e que eu não estava disposto a uma sobrecarga de trabalho que pudesse me levar a um esgotamento mental durante a pandemia, optei por um curso que utilizasse o mínimo possível de recursos tecnológicos, e assim "gastei" o tempo dedicado ao projeto com a pesquisa de materiais didáticos convencionais, que pudessem ser utilizados via Moodle, além de explorar a comunicação escrita com os estudantes. Serei franco, não se tratou apenas de uma opção "racional", baseada em administração do tempo - com três meses de pandemia eu já não aguentava mais ouvir falar em reunião e encontro virtual, já não aguentava mais falar com as pessoas pela tela do computador, eu queria fugir disso...

Mas, não foi possível fugir disso, esse é um condicionamento que o mundo do trabalho impôs, eu precisaria das tecnologias digitais para mediar meu trabalho, seja no curso, seja nas aulas que foram retomadas em outubro. Então, preparei um curso através do AVA-Moodle do IFSUL, e do portal de serviços de conferência web da RNP.

Quando qualifiquei o texto, no mês de maio, o IF estava com as aulas suspensas, não tinha retomado atividades nem na modalidade remota, o que só aconteceu em outubro de 2020. A lógica de desenvolver uma experiência utilizando o trabalho como princípio educativo "por dentro" do currículo "normal" do Instituto era impraticável com as aulas suspensas. Ofereci então um curso de matrícula optativa aberto aos estudantes dos quatro anos do Curso Técnico em Plásticos, o curso teve uma carga horária de 30 horas, dez de atividades síncronas e vinte de atividades assíncronas, desenrolou-se ao longo de dez semanas, iniciando em 28 de agosto e terminando em 30 de outubro. Recebi excelente acolhida dos colegas do IF para a realização desse curso: com a divulgação, com a localização de egressos, com a parte burocrática já que o curso precisava de registro no SUAP, e eu ainda não tinha oferecido um curso/disciplina de matrícula facultativa.

Como escrevi acima, os questionamentos que deram vida a esta pesquisa tomaram corpo ao pensar minha prática docente, meu trabalho como professor da escola pública, no movimento de problematizar minha própria formação como educador - tal pesquisa é motivada pelo desejo de refletir sobre meu próprio trabalho, seus limites e possibilidades.

Mas, creio que uma pesquisa de mestrado não pode desenvolver-se apenas ao redor das inclinações pessoais do pesquisador, ainda mais tratando-se de uma instituição pública, ela deve se justificar também em termos de sua relevância social. Nesse sentido espero que essa experiência possa contribuir com a construção de alternativas pedagógicas que viabilizem a relação entre o ensino de História e o trabalho, algo urgente em uma sociedade na qual milhões de pessoas estão desempregadas, e outros milhões trabalham mais do gostariam recebendo menos do que necessitam. Desemprego, rebaixamento dos salários, eliminação de direitos, empobrecimento da população trabalhadora, compõem o quadro no qual os egressos do ensino médio começam a traçar suas histórias profissionais. Aqui já estou citando alguns dos mais evidentes "limites" que as "relações sociais próprias do sistema capitalista" impõem ao trabalho como princípio educativo.

Minha pesquisa pretende contribuir com a construção de um ensino de História que nos auxilie a enfrentar esses desafios, pensando a educação profissional como demanda das pessoas que estudam e não do mercado de empregos, pensando um ensino de História que supere a dicotomia entre a vida e a escola, entre teoria e prática de trabalho. Ele foi pensado e executado como parte de um esforço de superação da simples preparação para o "mercado", sonhando formar sujeitos críticos, que possam não apenas conquistar um "emprego", mas principalmente, transformar o "trabalho".

Pensada dessa maneira esta dissertação também é uma resistência ao economicismo presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que a partir de um discurso determinista e tecnologista prioriza na formação dos trabalhadores os saberes práticos, visando a resolução de problemas pontuais, substituindo a qualificação e formação integral pelo modelo de competências², como se a educação fosse capaz de resolver o drama do desemprego sem mexer nas relações sociais que produzem o desemprego e a subordinação do trabalho.

Bem, alongando um pouco essa introdução gostaria de falar agora dos estudantes que participaram do curso, vinte e sete educandos matricularam-se, quinze do primeiro ano; quatro do segundo ano; sete do terceiro ano; e um estudante da Graduação em Engenharia do

² Como referências críticas em relação ao papel desempenhado pelo conceito de competências no ensino médio e profissional cito Marise Ramos (2001, 2002), Noela Invernize (2001) e Newton Duarte (2003).

IF, que afirmou interesse pela área de plásticos e solicitou matrícula. Quando divulguei o curso não confirmei o horário da aula síncrona. A confirmação da sexta-feira a tarde como data dos encontros acabou gerando algumas desistências, apenas dezenove dos vinte e sete puderam comparecer ao primeiro encontro, os que não participaram entraram em contato pedindo pela possibilidade de fazer o curso sem participar dos encontros síncronos: minha resposta foi negativa, e aqui já aproveito para prestar outra explicação acerca das minhas opções.

Respondi que para ser certificado o estudante precisava participar de no mínimo 7 dos dez encontros previstos; para aqueles que insistiram alegando que estavam trabalhando eu abri uma exceção - afinal não pretendia excluir trabalhadores do curso - disse que poderiam fazer o curso sem participar das atividades síncronas, desde que conseguissem semanalmente responder as atividades dos fóruns, demonstrando que estavam acompanhando e entendendo as discussões.

Minha preocupação fundamental era com o comprometimento, a seriedade dos educandos que participariam do curso, uma vez que eu avisei que não daria notas, que não haveria reprovação, fazendo a certificação das trinta horas com base no envolvimento do estudante, em sua disposição para estudar os materiais disponibilizados e produzir reflexões acerca deles, entendi que se faziam necessárias algumas regras básicas e de fácil compreensão para o estabelecimento de um compromisso pedagógico: se o educando não pudesse participar da aula síncrona, precisaria mostrar que tem condições de acompanhar as propostas sem esse espaço, a forma objetiva de fazer isso era participar do fórum, se nem com isso o educando pudesse se comprometer ficaria inviável certificar trinta horas de formação.

Com essa exigência sete estudantes abandonaram o curso, na realidade nem começaram, uma vez que não houve acesso ao encontro nem realização de atividades no Moodle. Perdi ainda 4 estudantes ao longo da primeira metade do curso: dois estavam entre os que tentaram acompanhar sem a presença nas aulas síncronas, chegaram a fazer algumas atividades com bom desempenho, mas começaram a atrasar trabalhos e acabaram optando por não continuar; outros dois estavam participando, mas disseram que a proposta de realizar pesquisas a partir de materiais se distanciava dos seus interesses e expectativas. Dezesete estudantes concluíram o curso: nove educandos do primeiro ano, dois do segundo ano, e seis do terceiro ano. Não fiz investigações mais detalhadas sobre o motivo das "quebras", meu intuito era concentrar minhas reflexões em quem fez o curso, e não nos motivos de desistência.

Faço um parêntese para falar do horário regular das aulas: a tarde é o turno no qual o Curso Técnico em Plásticos funciona, esse curso não tem aulas nem pela manhã nem pela noite, isso é, ao determinar o horário da tarde como espaço para os encontros eu estava seguindo a rotina de horários do curso. Em virtude da suspensão das aulas, muitos estudantes acabaram se matriculando em cursos online ou buscando algum estágio no tempo que antes era ocupado pelas aulas. Acredito que é por aí que se explica a incompatibilidade de horários que alguns alegaram.

Entre os concluintes, treze disponibilizaram termos de consentimento para que eu pudesse analisar seus trabalhos nessa dissertação, essa solicitação foi feita em um encontro síncrono, com carta de apresentação e solicitação de consentimento enviada nos e-mails cadastrados no Moodle. Considerei que já tinha um material bastante volumoso para a análise.

Que material é esse? Minhas fontes de análise prioritárias serão os trabalhos escritos pelos estudantes, cada educando entregou duas versões de uma redação que discutia problemas de pesquisa acerca de questões relacionadas à indústria do plástico e à História, uma versão preliminar no meio do curso, e uma versão final. Os trabalhos da primeira versão totalizaram 37 páginas, sendo os maiores com três e os menores com uma, as versões finais totalizaram 72 páginas, sendo os maiores trabalhos com oito e os menores com duas, sempre em arquivos de word ou PDF, com letras em fontes e tamanhos distintos. Somadas a primeira e segunda versões desses trabalhos totalizei 109 páginas analisadas.

Outra fonte foram as atividades dos fóruns do Moodle, postadas semanalmente: foram elaboradas 13 questões, distribuídas em fóruns de 6 semanas distintas, totalizando 238 respostas analisadas.

Existem ainda as fontes que eu produzi diretamente. Meu "caderno de sala", preenchido conforme a prática que me acompanha desde o início da carreira: tenho um caderno de anotações que levo para sala de aula, no caso específico desse curso reservei duas matérias de um caderno de 200 folhas, totalizando 37 folhas escritas em frente e verso. Ele foi utilizado tanto para anotações de conversas e questões que transcorriam durante as atividades síncronas, como para anotar as perguntas dos estudantes ou demandas que surgiam ao longo da aula, também fiz nele breves relatórios das aulas logo após o seu encerramento, destacando as impressões que tinha e/ou pequenas análises feitas "ao calor" da aula. Por exemplo, na descrição/avaliação que fiz após o décimo encontro, eu escrevi: *"Cada um falando de uma coisa, não é uma turma. Alguns entenderam que apresentação e orientação é corrigir o trabalho durante aula"*. Também utilizei esse caderno para anotações referentes aos trabalhos que ia corrigindo, e para preparação das aulas seguintes.

Visto em retrospectiva a forma como esse caderno foi preenchido é bastante sintomática do rumo que tomou o curso. Nos primeiros encontros eu apostava no espaço síncrono como momento de potencializar os debates e as trocas entre os estudantes, as primeiras páginas estão repletas de anotações feitas durante os encontros. No final do curso, eu já havia abandonado essa perspectiva, tratava os encontros síncronos como espaço para explicar as questões apresentadas nos fóruns e orientar individualmente os estudantes acerca de problemas ou questões que poderiam ser melhoradas em seus trabalhos. Meu caderno reproduz esse processo, a medida que avanço na leitura das folhas vai diminuindo o espaço da descrição e das anotações referentes às perguntas, e crescendo o espaço destinado às anotações sobre os trabalhos dos alunos, minhas avaliações acerca deles, e sobre o que eu iria dizer para eles nos encontros. A avaliação do décimo encontro, que reproduzi acima, reflete essa conclusão, "*não é uma turma*", ou seja, eu não consegui fomentar a construção de um trabalho coletivo, o projeto se desenvolveu a partir de orientações individuais.

Também são fontes para a análise os comentários que fiz às respostas dos estudantes nos fóruns do Moodle, e no retorno que dei individualmente para as diferentes versões dos trabalhos propostos. O material didático que utilizei também é fonte para contar a história do curso: vídeos do youtube; capítulos e trechos do livro didático em formato PDF; livros, capítulos de livros e artigos acadêmicos de História ou áreas relacionadas à indústria do plástico; os slides utilizados nos encontros síncronos. Do material que produzi para o curso destaco quatro, pela dificuldade que deram na sua criação.

O mais trabalhoso desses materiais foi a gravação e transcrição de três entrevistas de história oral que realizei com trabalhadores da indústria do plástico: foram dois egressos do IF, uma que trabalha na análise de produtos, e outro que trabalha assessorando projetos de reciclagem; outra entrevista com uma trabalhadora da operação de máquinas, que cursou apenas o ensino fundamental e atualmente atua no sindicato dos trabalhadores do setor. Depois de transcrevê-las integralmente selecionei alguns trechos para o trabalho didático com os alunos, eu as apresentei como exemplo de fonte para o estudo da história do trabalho na indústria do plástico, como depoimentos de história oral.

Outro material que produzi foi um texto intitulado "Elementos para uma história do trabalho na indústria do plástico". Escrevi esse texto porque não encontrei textos de história abordando a indústria do plástico em uma perspectiva crítica, a maioria das produções que encontrei são comemorativas, como explicarei mais adiante elas tratam a "história" como um amontoado de datas e nomes de personalidades importantes, especialmente inventores e donos de indústria.

Outro material significativo foi aquele que chamei de "resumos comentados de textos clássicos". São três resumos: Bloch (2001), Hobsbawm (2005), e Cardoso (1981). Eles foram elaborados especialmente para o curso articulando as interpretações dos autores com questões e problemas históricos que haviam aparecido nos meus primeiros contatos com os educandos matriculados no curso. Da maneira como entendo trataram-se de "codificações" (Freire 2014, 2018) que objetivavam proporcionar a reflexão acerca de questões que emergiam entre os estudantes a partir de textos historiográficos que marcaram a minha formação (não só a minha, evidentemente), e constituem obras clássicas³ do nosso campo de estudo. A ideia surgiu ainda no mês de março, quando as aulas foram suspensas e o departamento de ensino pediu que continuássemos alimentado os estudantes com materiais e atividades que seriam de realização facultativa para eles.

Organizei então resumos dos livros de Sidney Chalhoub (2011) e Darcy Ribeiro (1981) que seriam utilizados como referências em aulas sobre a Abolição e a Revolução Mercantil, considerei positivo o retorno dos estudantes na medida em que pareceram ter entendido a proposta e os conceitos apresentados, e resolvi desenvolver essa ideia no curso História e Trabalho na Indústria do Plástico. Gostei da estratégia porque ela não exige maior domínio da informática, trata-se de fazer um texto em word, depois converter em PDF e postar. O desafio está em relacionar a argumentação dos autores com situações concretas que os estudantes haviam levantado, nos capítulos seguintes voltarei a falar desses textos.

Outro material, de elaboração bastante trabalhosa, foram duas aulas gravadas e disponibilizadas no Moodle: uma sobre a noção de problemas históricos (4 minutos) e outra sobre a industrialização do Brasil (22 minutos). São aulas relativamente curtas, e bastante "toscas". Como expliquei acima, eu não consegui projetar na tela de gravação do OBS meu rosto com imagens ou slides, assim minha aula se resumiu a slides e imagens com a minha voz ao fundo. Mesmo essa aula bastante rudimentar custou muito tempo investido. "Apanhei" por três dias do *Canva* tentando fazer slides mais interessantes até desistir e optar por utilizar o formato tradicional de sala de aula, com slides ou só de imagens ou só de conceitos. Depois acabei "perdendo" uma semana para postar a aula no Moodle, no curso fornecido pelo IF eu tinha aprendido a colocar direto um vídeo no Moodle, mas no momento que comecei o Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico a indicação era para não fazer isso, para abrir um canal no youtube e disponibilizar no Moodle apenas o link.

³ Com clássico estou fazendo referência ao fato de que essas obras tiveram diversas edições, são citadas em muitos livros e artigos, e durante a minha graduação fizeram parte da bibliografia obrigatória das disciplinas de Introdução ao Estudo da História, Teoria da História e História Contemporânea.

Ali foi mais uma semana de tentativas frustradas, "briguei" com internet que é muito lenta até receber o auxílio salvador do colega Yuri, professor de Matemática do IF, que a partir de um compartilhamento de tela criou o canal de youtube pra mim, além de me ensinar a fazer as postagens. Estou descrevendo essas agruras com as tecnologias, que não fazem parte do meu problema de pesquisa, para que meus leitores possam formar uma ideia das dificuldades que tive, e das opções que fui fazendo ao longo do curso: na medida que eu demorava muito para fazer coisas que no Curso de Tecnologias Digitais e Metodologias Ativas haviam dito que eram simples, minha estratégia foi tentar contornar essas tecnologias - eu investi energia apenas para aprender a fazer o mínimo necessário à comunicação com os estudantes e o desenvolvimento do curso. Na realidade quanto mais durava a pandemia, e quanto mais apareciam exigências acerca do desenvolvimento de competências e habilidades digitais, mais eu odiava essas tecnologias.

Pelo que pude observar essas aulas gravadas tiveram pouco impacto na construção dos trabalhos, foram pouco referenciadas. Trato esses materiais como fontes porque encerrado o curso eu os revisei procurando entender de que forma eles influenciaram na formulação dos trabalhos desenvolvidos pelos educandos. Na descrição e análise que farei dos materiais utilizados terei esse elemento como critério: falarei mais daqueles materiais que tiveram mais influência e pouco ou quase nada dos materiais que tiveram pouco ou nenhum impacto nas atividades realizadas pelos estudantes.

Aproveito essa introdução para falar da relação que tinha com os educandos antes do curso, nesse quesito eles podem ser divididos em três grupos.

Os estudantes do primeiro ano, nove dos dezessete que concluíram o curso, haviam estudado comigo duas ou três semanas entre fevereiro e março, o período que antecedeu a suspensão das aulas. Basicamente eu não lembrava do rosto de nenhum deles, nem de características marcantes, minha única lembrança (anotação) era oriunda do "caderno de sala" que havia levado para essas aulas, anotei suas respostas para a atividade de investigação do universo temático que havia realizado nesses longínquos encontros do mês de março.

Os estudantes do segundo ano haviam trabalhado comigo por cinco meses em 2019, como disse acima entrei no IF em agosto, com o segundo semestre em desenvolvimento. Até dezembro dividi as turmas de plástico com o professor Roger Elias, construímos uma experiência de co-docência bastante proveitosa, tanto para mim, que tive todo um semestre de adaptação ao novo local de trabalho, com um colega dividindo comigo o trabalho, tanto para os educandos que não tiveram uma ruptura no excelente trabalho que já era desenvolvido. Com esses estudantes eu havia tido duas aulas em 2020, agora no segundo ano, eu lecionaria

para suas turmas em regime de unidocência. Os estudantes do terceiro ano, seis entre os que concluíram o curso, tinham a mesma relação prévia comigo: cinco meses de trabalho, em regime de co-docência com o professor Roger Elias, em 2019 eles eram estudantes do segundo ano. Como o IF não tem história no terceiro ano, esses estudantes não seriam "meus" ao longo de 2020 não fosse por esse curso.

Essa dissertação está dividida em 5 capítulos. O primeiro foi essa introdução, eu procurei apresentar o problema, a dimensão propositiva da minha pesquisa, e justificar sua relevância. Também apresentei rapidamente as minhas fontes, e pontuei problemas com as tecnologias digitais, já que tenho muitas dificuldades para trabalhar com elas e todo curso foi desenvolvido via Moodle.

Vou dedicar o segundo capítulo às discussões teóricas e metodológicas, pretendo apresentar minha compreensão acerca da noção de trabalho como princípio educativo, e sua articulação com o materialismo histórico, concepção de história com a qual trabalho. Vou apresentar esses conceitos em diálogo com o PPC do Curso Técnico em Plásticos do IFSUL, e com os programas das disciplinas de História I e História II do Instituto. Ao fazer isso meu objetivo é aproximar a discussão teórica do contexto prático no qual tentei materializar uma experiência de trabalho como princípio educativo.

Os três capítulos seguintes organizam a descrição e análise da minha dimensão propositiva em três momentos. No terceiro capítulo conto a história do curso partindo da formulação de problemas históricos aos quais dedicamos as duas primeiras semanas, foi a partir desses problemas, elaborados pelos próprios estudantes, que eles seguiram a "*sequência de produção de cada um*" aludida pela Educanda 10 no início dessa introdução. No quarto capítulo pretendo lançar um olhar panorâmico acerca de atividades comuns que eles desenvolveram nos fóruns das terceira, sexta e sétima semanas: novamente citando a estudante que abriu esse capítulo, trataram-se de atividades nas quais eles precisaram "*demonstrar o que conseguiram entender*" a partir de codificações e fontes históricas comuns, que deveriam ser interpretadas por cada educando a luz do problema que havia formulado.

Ressalto que essas atividades foram agrupadas em um capítulo para favorecer a exposição, elas não correspondem à ordem didática seguida no curso. Essa fez com que os estudantes, na quarta e quinta semanas, se dedicassem a um trabalho individual sobre fontes e textos selecionados especificamente para cada problema, e só depois dessa primeira imersão em temas individuais retornassem à atividades comuns. Para melhor relatar essa experiência deixei a análise das atividades individuais para um mesmo lugar, o quinto capítulo, que narra o curso a partir da trajetória individual de alguns estudantes, tomando como fonte principal as

duas versões do trabalho de pesquisa que realizaram. Meu objetivo é contar como, a partir de uma base de materiais e propostas pedagógicas comuns, os educandos foram construindo trajetórias individuais de estudo e produção escrita.

Nesses três capítulos finais pretendo relacionar a descrição e análise das intervenções docentes, através dos encontros síncronos e materiais disponibilizados, com a descrição e análise da produção dos estudantes. Quero mostrar em que medida os estudantes avançaram no sentido dos objetivos pedagógicos propostos, esses capítulos também devem servir para a análise acerca da visão de história e trabalho que os estudantes apresentam, e se essa visão se modificou ou complexificou ao longo do curso. O sexto e último capítulo é o das considerações finais, além do balanço dessa experiência, nele pretendo apontar possibilidades para o desenvolvimento do princípio educativo do trabalho nas aulas de História do IFSUL.

Não posso dizer, como a Educanda 13, que esse curso "*superou as minhas expectativas*": entendo que faltou a dimensão coletiva, o debate entre os estudantes, a troca que efetivamente constitui uma turma, aquilo que ela chamou de "*maior interação*", e para o que sugeri o Google Meet... Bem, para uma introdução já basta, sem mais delongas vamos à teoria.

2 QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A dura realidade de quem trabalha no plástico não tem nada prazeroso. Porque assim, o trabalhador na indústria do plástico tem que baixar a cabeça, produzir, produzir, e nunca nada que os trabalhadores produzem tá bom. (Entrevista Maria da Silva)⁴.

Já na entrevista de Maria conhecemos alguém que não teve tantas oportunidades legais, trabalhando desde cedo em empresas que se importavam apenas com o lucro, e não com a qualidade das condições de trabalho e direitos dos funcionários. Com isso, é nítido a divergência das fontes e acredito que isso seja consequência da enorme desigualdade social que enfrentamos, principalmente a respeito da educação de qualidade para todos. (Educanda 13).

[...] a Maria precisou trabalhar desde novinha para ajudar no sustento de sua família... trabalhou muito tempo na mesma função e ela não viu uma oportunidade de crescer e aprimorar os seus saberes dentro da indústria. Na sua entrevista Maria conta sobre o perigo de acidente de trabalho, sobre os trabalhadores não serem valorizados e nem suas vidas e sobre não ver lado bom em trabalhar na indústria e a exploração que acontece [...] Maria não conseguiu estudar o suficiente para ter um bom cargo dentro da indústria por conta de suas dificuldades e enquanto Joana viu oportunidades na indústria Maria não. (Educanda 10).

Os trechos acima fazem parte de uma atividade da sexta semana do Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico. Propus que os estudantes analisassem duas entrevistas de história oral gravadas e transcritas por mim, a indicação era para que tratassem os depoimentos como fontes para o estudo da história. Ao longo desse capítulo procuro explicar esse tipo de proposta didática a partir das concepções de História e Educação que subsidiaram a construção da minha pesquisa e do curso que constituiu sua dimensão propositiva. A primeira é tributária do materialismo histórico (Hobsbawm, 2019; Thompson 2009), dele retiro meu principal instrumento de análise, o "trabalho", e sua derivação pedagógica, o "trabalho como princípio educativo". Eles são entendidos como categorias de análise porque com a mediação deles procurei interpretar as questões da minha pesquisa, o trabalho como princípio educativo é também uma categoria metodológica porque orientou a organização do Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico.

Para apresentação desse referencial dividi o capítulo em dois tópicos. No primeiro tópico vou falar do materialismo histórico, do conceito de trabalho, e explicar minha compreensão do trabalho como princípio educativo. No segundo tópico procuro amarrar esse referencial a uma concepção acerca dos objetivos de ensinar História no contexto do Curso Técnico em Plásticos do IFSUL. Maria e alguns dos educandos vão nos acompanhar pelo

⁴ Trata-se da entrevista de uma trabalhadora da indústria do plástico, na transcrição de todas as entrevistas mantive nomes fictícios, preservando o anonimato das pessoas que contribuíram com esse trabalho.

capítulo, espero com isso trazer a teoria para mais perto da realidade com a qual estou trabalhando.

2.1 O materialismo histórico e o trabalho como princípio educativo

Olha eu comecei a trabalhar com doze anos de idade, no calçado, e hoje estou com 40. Eu passava cola no calçado, na indústria. A peça passava primeiro pelo corte, depois pela costura, depois pela preparação, depois pela colação e depois pra ir pra montagem. Eu passava cola, também trabalhei na preparação. Nisso eu fiquei trabalhando foi... até os 28, 29 anos de idade. Não tinha carteira assinada, eu estudava pela manhã, pela tarde eu trabalhava, fazia serão todos os dias até às dez da noite, e sexta-feira era direto virado a noite até o sábado pela manhã. (Entrevista Maria da Silva).

Olha a memória que eu tenho sobre a história no tempo que eu estudei, a história era só sobre o Brasil, descoberta do Brasil, Sete de Setembro, ou coisa do gaúcho, Dia do Gaúcho, coisa assim que não... história, história não, nas escolas tu acaba não tendo o conhecimento de toda história do Brasil, das demais coisas do Brasil, na escola, não tem muito na escola [...] Ele (o professor) passava coisa no quadro, não tinha muito incentivo pra leitura também não. (Entrevista Maria da Silva).

Os trechos acima transcritos respondiam questionamentos que empregavam o termo "história" em dois sentidos distintos. No primeiro Maria conta sua história de trabalho, no segunda ela busca pela História enquanto matéria da escola, ela tenta (sem muito sucesso) lembrar o que aprendeu de significativo na disciplina. Acredito que uma das tarefas fundamentais do professor de História é contribuir para que esses dois sentidos da palavra história não se separem tanto, ao menos não tanto assim. Não digo com isso que a história escolar deve se transformar em um conjunto de pequenas histórias, oferecendo suporte para a multiplicação de narrativas individuais, mas que ela deve fornecer ferramentas para que o estudante possa pensar a sua história, a história que vive, e também a história que faz ou pretende fazer.

Era isso que a Educanda 10 e a Educanda 13 tentavam fazer nas citações que abriram o capítulo, tentavam elaborar uma reflexão que respondesse questionamentos acerca do trabalho para o qual se preparam a partir de um conceito da História, o conceito de *fonte histórica*. Minha principal inspiração para pensar o ensino de História nessa perspectiva é o Caderno 11, escrito por Gramsci (1999) em 1933. Ali, ele começa com uma afirmação que pretendia polemizar com uma visão preconceituosa, de que a Filosofia é reservada a poucos homens, diz o pensador sardo: "todos os homens são filósofos" (GRAMSCI, 1999, p.93) porque todos os homens têm uma concepção de mundo, "na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na 'linguagem', está contida uma determinada concepção de mundo". (GRAMSCI, 1999, p.93). Na medida em que compartilhamos determinada visão

de mundo com outras pessoas, que compartilhamos "um mesmo modo de pensar e de agir" (GRAMSCI, 1999, p.94), somos "homens-massa", ou "homens-coletivos", "conformistas de algum conformismo". (GRAMSCI, 1999, p.94).

- Mas e a história professor?! Agora vai virar ensino de Filosofia?!

Não meu caro leitor, não seja impaciente, a história entra agora. A diferença entre essas concepções espontâneas, esses sentidos comuns, e o pensamento sistematizado enquanto "ordem intelectual", enquanto atividade científica - Gramsci escreve "a filosofia dos filósofos" - é que o senso comum é "desagregado", "ocasional", "incoerente", isso é, o homem comum pertence a uma multiplicidade de homens-massa, proclama crenças contraditórias, e, sobretudo, não reconhece a historicidade de sua concepção de mundo. Nessa perspectiva a percepção do caráter de permanente mudança do mundo e das ideias a seu respeito é um dos componentes fundamentais da distinção entre uma consciência ingênua e uma consciência crítica, entre o que ele chama de senso comum e o senso filosófico. Não se pode formar uma concepção coerente do mundo "sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções". (GRAMSCI, 1999, p.95).

Para Gramsci (1999) cabe ao educador, pensado enquanto educador coletivo, o "movimento filosófico", construir a superação desse tipo de pensamento, nesse sentido "criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas originais" (GRAMSCI, 1999, p.96), mas transformar as descobertas em base de ação, isso é, em "elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral". (GRAMSCI, 1999, p.96). Por isso ele afirma que levar uma multidão de pessoas a pensar de maneira coerente, unitária, e historicista é um fato "filosófico" muito mais importante do que alguma descoberta circunscrita a pequenos grupos.

Conforme Gramsci, até hoje (o texto é de 1933) os sistemas filosóficos atuaram sobre o povo como força externa, elemento coercitivo, que subordina as massas a uma hegemonia exterior, que "limita o pensamento original das massas populares de uma maneira negativa, sem influir positivamente sobre elas" (GRAMSCI, 1999, p.115), portanto, mantendo a dualidade entre o senso comum e o senso filosófico.

Romper essa dualidade é tarefa da filosofia da práxis, que pretende elaborar uma filosofia a partir da filosofia espontânea, já existente no senso comum e difundida porque ligada à prática das classes trabalhadoras. Não se trata de dirigir o senso comum já existente, mas de produzir "um senso comum renovado com a coerência e o vigor das filosofias individuais". (GRAMSCI, 1999, p.101). Nesse sentido a tarefa dos educadores é elaborar e

tornar coerentes os problemas e princípios que os trabalhadores colocam a partir de sua atividade prática, pois o pensamento “científico” que pretendem elaborar encontra no contato com as massas a fonte das questões que devem ser resolvidas.

[...] para ajudá-lo a elaborar criticamente o próprio pensamento e assim participar de uma comunidade ideológica e cultural, é necessário partir do que o aluno já conhece, de sua experiência filosófica (após lhe ter demonstrado que ele tem uma tal experiência, que é um “filósofo” sem o saber). (GRAMSCI, 1999, p.119).

Na interpretação que estou fazendo aqui, o conhecimento histórico é um tipo de pensamento sistematizado, unitário, coerente e consciente da fase de desenvolvimento por ele representada, tratando-se de ensino de História, a filosofia da práxis traduz-se no materialismo histórico, e a tarefa educativa é realizada tomando o trabalho como princípio educativo. Relacionando esses conceitos ao meu projeto de pesquisa diria que a instrução nos conteúdos de História ocorre na relação com as experiências de vida dos estudantes, que atravessadas por uma série de influências díspares conformam visões distintas e por vezes contraditórias.

As possibilidades formativas do ensino de História, o sentido no qual orienta a formação dos estudantes, é resultado da articulação entre essa instrução e o senso comum no qual se move o educando, senso comum esse condicionado pelo trabalho, ou pela relação do educando com o trabalho social. Só é possível verificar se o educando está aprendendo história ao identificar as formas pelas quais ele incorpora esse aprendizado ao seu senso comum, isso é, tentando compreender a forma pela qual ele tenta articular o saber sistematizado ao saber manifesto no senso comum do qual partilha.

Respeitadas as diferentes influências teóricas, entendo que essa compreensão sobre as finalidades do ensino de História pode ser aproximada da compreensão que Paulo Freire (2018) expressa sobre o papel do processo educativo. Em sua *Educação como Prática de Liberdade*, o educador pernambucano afirma que uma característica básica do ser humano é a consciência da própria historicidade. Por exemplo, o gato não tem historicidade porque é "afogado" em um tempo unidimensional, não tem a capacidade de emergir do tempo, de transcendê-lo, de discernir entre suas três dimensões, o animal vive em um "hoje constante, de que não tem consciência". (FREIRE, 2018, p.57). Ao contrário disso, o homem existe no tempo: "porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se". (FREIRE, 2018, p.57). Ao fazer isso o ser humano se liberta da sua unidimensionalidade, discernindo suas relações com o mundo e impregnando-as de um sentido consciente, consequente.

Bem, evidente que nos termos gramscinianos o professor também se movimenta em um senso comum, constantemente ele deve exercer a crítica a esse senso comum, estar atento

à historicidade dos conceitos com os quais trabalha. Nesse sentido, como explica Hobsbawm (2019b), é importante entender que antes do advento do capitalismo não existia o *conceito* de trabalho *em geral*, distinto de tipos particulares de trabalho - enquanto conceito capaz de caracterizar determinadas atividades humanas em oposição a outras ele é uma invenção. Essa invenção está na base da teoria materialista da história, construída em oposição à crença de que as ideias, pensamentos e instituições dominam os humanos e poderiam explicar seu desenvolvimento histórico. Daí que a característica básica de uma abordagem marxista da história seja o argumento sobre a "relação fundamental entre o ser social e a consciência social". (HOBSBAWM, 2019b, p.228).

Tomando essa relação, Hobsbawm (2019b) explica o fundamento do que considera uma leitura marxista da história:

[...] o fato básico é que a análise de uma sociedade, a qualquer momento de seu desenvolvimento histórico, deve começar pela análise de seu modo de produção: em outras palavras, (a) a forma tecnoeconômica do metabolismo entre homem e natureza, o modo pelo qual o homem se adapta à natureza e a transforma pelo trabalho; e (b) os arranjos sociais pelos quais o trabalho é mobilizado e distribuído. (HOBSBAWM, 2019b, p.228-229).

Mas não quero trilhar aqui o caminho dos debates sobre como se escreve uma história na perspectiva do materialismo histórico, quero ficar no terreno das relações dessa base teórica com a educação. Nesse caso um texto fundamental é *A Ideologia Alemã*, onde Marx e Engels (2006) descrevem a formação humana como um processo essencialmente histórico, que coincide com a forma como produzimos nossas vidas. Como espécie começamos a nos distinguir dos animais quando começamos a produzir nossos meios de existência, e ao fazê-lo produzimos nossa vida material. Cada geração transmite às gerações seguintes determinadas formas de produção da vida, determinadas relações de produção, formas e meios pelos quais produzem suas existências, e ao transmiti-las prescreve às gerações seguintes "suas próprias condições de existência e lhes imprime um determinado desenvolvimento, um caráter particular". (MARX e ENGELS, 2006, p.66).

Da forma como compreendo o argumento marxiano, não devemos identificar a base de trabalho legada pelas gerações anteriores com a base de empregos legada pelas gerações anteriores, o emprego é uma parte dessa base, mas somos apresentados à base de trabalho antes de conhecermos a base de emprego. Em relação à indústria do plástico isso pode ser exemplificado pela questão ambiental, pelos resíduos da indústria, nesse caso a lógica do trabalho invade nossas vidas, ou melhor: na maioria dos casos não "invade", entra em nossas casas a convite, quando compramos produtos em um supermercado ou loja de utilidades. Pensar o trabalho na perspectiva da educação é tentar articular essas manifestações. Cito

agora o trecho de uma atividade realizada pela Educanda 10, na qual tentava explicar a importância dos aprendizados referentes à indústria do plástico que desenvolveu no Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico:

Colocando uma experiência própria, eu que moro na mesma rua que um arroio, os lixos plásticos que acabam ficando estagnados na beira deste arroio tem (sic) um odor muito forte que invade a casa de quem mora perto, e alguns animais como ratos saem deste lugar e entram em nossas casas e acontece casos de doenças transmissíveis. (Educanda 10).

Ou seja, entendo que o trabalho já era educativo para a Educanda 10 antes do curso, a indústria produtora de bens descartáveis, com sua lógica de consumo cada vez mais acelerada, invadia sua casa, não era convidada. A base de trabalho constrói um senso comum sobre como lidar com o odor que vem do arroio, como se livrar dos ratos e doenças transmissíveis, a mesma base de trabalho está conectada à explicação do senso comum para isso: é a falta de consciência das pessoas que jogam o lixo, é a incompetência da prefeitura que não cobre o arroio... Voltarei às percepções dos educandos acerca dos problemas ambientais no próximo capítulo, aqui o fundamental é o seguinte: da forma como compreendo, tomar o trabalho como princípio educativo pressupõe construir ligações entre fenômenos como o relatado pela educanda e a lógica hegemônica de produção da vida material.

Retorno ao texto marxiano. Em seus *Manuscritos* de juventude, Marx (2001) subsidia o tipo de raciocínio apresentado aqui ao atribuir ao trabalho um valor antropológico, resposta à questão sobre o que é o homem: "no tipo de atividade vital está todo o caráter de uma espécie". (MARX, 2001, p.116). A diferença fundamental entre a atividade vital dos humanos, que chamamos "trabalho", em relação à atividade vital das outras espécies é que os humanos projetam essa atividade, "o homem faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital lúcida". (MARX, 2001, p.116). Nós somos capazes de projetar o nosso trabalho porque ele não é simples decorrência de instintos biológicos, produzimos nossa vida através do trabalho, daí a implicação elementar entre trabalho e educação decorrente dessa perspectiva teórica.

O materialismo histórico não nega o papel das ideias ou da consciência na história, a questão é que a consciência não é gerada de forma alheia à atividade prática dos indivíduos. Nesse sentido o trabalho é educativo independente das intenções dos sujeitos que trabalham e se educam, ao trabalhar homens e mulheres vão formando a si mesmos, ainda que não saibam explicar como ou porque fizeram tal coisa, ainda que não consigam teorizar sobre o seu fazer, assim entendido, o trabalho é educativo mesmo que eduque para reprodução de atividades prescritas, mesmo que comprima o espaço de reflexão.

Olha, no plástico eles preferem... quanto mais ignorante melhor pra eles. Não ter conhecimento, abaixar a cabeça e trabalhar, porque se a pessoa se impõe eles não gostam. Tem setores que no trabalho eles preferem pessoas com mais formação né, na do plástico é o contrário. (Entrevista Maria da Silva).

O trabalho não educa individualmente, ele não é atividade individual, cada "indivíduo" entra no mundo com relações sociais já estabelecidas, que prescrevem determinadas condições de existência, isso é, começamos a agir em um contexto histórico produzido pelo trabalho das gerações que nos precederam. Tomando o exemplo da atividade descrita por Maria: não é a máquina e a ação do trabalhador que o educam, mas é o agir através da máquina em um contexto histórico marcado pela subordinação do trabalho, no qual a atividade de trabalho é atividade de "baixar a cabeça e produzir" a qual ela estava submetida desde a infância. Por aí podemos entender a pouca valorização que a entrevistada deu para a educação na atividade profissional; quando perguntei quais os principais saberes necessários ao trabalho no plástico ela respondeu que:

Mas, na gestão também não precisa ter muita formação. A gestão precisa ter o quê? O patrão ele quer um gestor, precisa o quê? Ser fiel a ele e deu, é isso. Tem muito encarregado, gestor de empresa, que não tem estudo nenhum, mas tão fazendo o quê? Cumprindo o papel deles, que é ficar do lado do patrão, defendendo o lado dele, os interesses do patrão. (Entrevista de Maria da Silva).

Como bem notado pelos educandos essa perspectiva vai *de* encontro à expressa por Joana dos Santos⁵, que destacou a importância de diferentes saberes, sejam os que ela adquiriu no curso técnico e na graduação, seja os que adquiriu no processo de trabalho. Joana tem uma história de trabalho muito distinta de Maria: depois de começar como estagiária em uma indústria, já adulta, quando cursava o técnico em plásticos, começou uma trajetória profissional na mesma empresa e agora trabalha na análise de produtos, na "gestão" se quisermos empregar a expressão de Maria.

Nesse sentido a categoria "experiência" é fundamental para que possamos construir conhecimento sobre os processos históricos a partir da fórmula marxiana de que o ser social condiciona a consciência social. Como explica Thompson (2009) não podemos conceber um ser independente de suas ideias, conceitos ou expectativas, as mudanças ou permanências sociais dão origem à experiências que são fundamentais na medida em que exercem pressões sobre a consciência social existente, é o que autor chama de "presença imperativa" do acontecimento:

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas estão presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências

⁵ Novamente, trata-se de nome fictício dado a uma trabalhadora da indústria do plástico que contribuiu com a realização do curso disponibilizando-se a gravar uma entrevista de história oral.

gerais, velhos sistemas conceptuais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença. (THOMPSON, 2009, p.17).

Ratos também entram sem bater e assim vão conformando uma experiência, uma forma de se relacionar com o mundo, e uma necessidade em relação à transformação desse mundo, que pode se manifestar na tentativa de "conscientizar" a vizinhança para que não jogue lixo, na busca por um emprego que permita morar em outro lugar, ou simplesmente em comprar veneno contra os roedores.

O trabalho é constituído por uma contradição entre a necessidade e a liberdade de quem trabalha, entre aquilo que precisa ser feito e aquilo que o trabalhador se dispõe a fazer. Essa contradição faz parte da própria essência do trabalho que só pode se realizar obedecendo determinadas leis, que antes de qualquer coisa são leis naturais, que caracterizam o mundo exterior. Por exemplo, é necessário alocar os recursos naturais existentes visando equalizar determinadas necessidades, isso não depende da simples "vontade" dos seres humanos, são essas contradições que Mézáros (2007) chamada de "contradições homem/natureza" - mas não são elas que mais interessam nessa dissertação. Aqui interessam principalmente as contradições existentes entre os próprios seres humanos, entre grupos humanos que estabelecem relações antagônicas com o trabalho social, são as contradições capital/trabalho aquelas que nos interessam.

Deste ponto de vista o capital comprime o espaço de projeção da atividade laboral, tenta retirar do trabalhador o espaço de projeção da sua atividade, prescrever essas atividades. Interpretando Marx (2011) entendo que entre as tradições dos mortos que comprimem o cérebro dos vivos, a principal é a tradição do trabalho produtor de mercadorias, do trabalho ele mesmo entendido enquanto uma mercadoria. O papel diretivo que o trabalho cumpre na sociedade capitalista tenciona para a produção de um humano "alienado", termo que não deve ser entendido como oposto de "conscientizado", porque a alienação não é um fenômeno da "consciência", ou do mundo das ideias.

Em primeiro lugar, o trabalhador é alienado em relação ao produto do seu trabalho, em relação ao objeto ou serviço no qual materializou o seu trabalho. Na "moderna" economia de serviços o motoboy não costuma comer a comida chinesa que entrega, e o catador de material reciclável não pode comprar o produto ecologicamente correto feito da matéria-prima que ele mesmo recolheu. A essa alienação Marx chama "alienação em relação ao produto do trabalho", ela significa "não só que o trabalho se transforma em objeto e assume uma existência externa" (MARX, 2001, p.112), mas principalmente que se torna um poder

autônomo em relação ao trabalhador, "que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica". (MARX, 2001, p.112).

Essa alienação está engendrada a uma outra que Marx chama alienação no processo de trabalho, a alienação que consiste no fato de que não é o trabalhador que define o como fará, o trabalho é imposto e não voluntário. Agora meu leitor desistiu e pulou da cadeira, já consigo ouvi-lo exclamando:

- Isso é coisa do século XIX, hoje em dia temos a produção flexível, a indústria 4.0, hoje o capital quer 'colaboradores' criativos!

A questão é que essa criatividade é delimitada por objetivos e metas, ou seja, é comprimida. Mais do que isso, é preciso perguntar a quais e quantos trabalhadores atualmente é reservado o trabalho criativo, não estou falando apenas do trabalho externo à moderna economia industrial, falo do interior mesmo desse espaço. Por exemplo, ao perguntar sobre indústria 4.0 a resposta que recebi nas entrevistas é que a engenharia *lean* chegou através da instalação de câmeras e softwares que monitoram a qualidade e o volume da produção em tempo real.

Acredito que o programador desse software precisa ser bem criativo, e deve ter um bom espaço para projeção do seu trabalho, a questão aqui é qual o espaço de projeção do trabalho dos operadores de máquina, daquelas pessoas que têm sua produção controlada através do software. Eu não estou dizendo que não existem transformações no capitalismo, que o trabalhador segue sendo o "gorila amestrado" de Ford, eu entendo que existem mudanças na forma do trabalho e que elas certamente exigem novos olhares, e inclusive demandam uma nova educação, mas o ponto é que as transformações do capitalismo não mexeram na estrutura geradora de trabalho alienado. No ato da produção o trabalhador continua se relacionando com seu trabalho como "coisa estranha, que não lhe pertence, a atividade como sofrimento (passividade), a força como impotência". (MARX, 2001, p.115).

Ao tirar do trabalhador o produto do seu trabalho, ao comprimir a capacidade de planejamento do próprio trabalho, o capital "rouba-lhe, do mesmo modo, a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal". (MARX, 2001, p.117). Não temos mais atividade autogerida, consciente, projetada pelo sujeito que executa, mas ao contrário, atividade dirigida do exterior onde o trabalhador não controla nem o processo de realização nem os objetivos da atividade. Por isso Marx (2011) afirma que o trabalhador é alienado enquanto membro do gênero humano, porque é roubado na característica que o define como membro da espécie humana.

Criticando as abordagens contemporâneas, que a partir da dicotomia trabalho material e trabalho imaterial, trabalho produtivo e trabalho improdutivo, pretendem superar a abordagem marxista do trabalho, Ricardo Antunes (2009, 2011) retoma *O Capital* para estabelecer uma distinção entre "trabalho concreto", atividade pela qual os seres humanos satisfazem suas necessidades de existência, e "trabalho abstrato", criador de valor de troca e como tal reduzido a padrão de medida de valor, o "tempo de trabalho". A primeira é "a forma de intercâmbio entre o ser social e a natureza" (ANTUNES, 2009, p.211), não pode ser extinta na medida em que é a característica ontológica do ser humano, portanto falar em crise do trabalho, ou fim do trabalho, só faz sentido se tivermos nos referindo à crise do trabalho abstrato, nesse sentido a crise do trabalho consiste "na redução do trabalho vivo e ampliação do trabalho morto" (ANTUNES, 2009, p.211), é uma crise do trabalho conforme o padrão de realização da sociedade capitalista.

Creio que a indústria do plástico é um exemplo gritante dessa lógica, ela cria empregos, alguns bem remunerados, tem tecnologia de ponta em vários setores, agrega valor, faz a economia "girar"... Mas tudo isso produzindo coisas para que joguemos fora, tudo isso fazendo descartáveis, objetos que não devem durar enquanto valor de uso, embora durem muito como lixo no meio ambiente. Evidente que não estou dizendo que a indústria plástica não produza nada de útil, das teclas do computador com as quais escrevo esse texto às próteses utilizadas pela Medicina, existe uma série de utilidades, o que estou sugerindo é que, no volume de bens produzidos por essa indústria, a imensa maioria é feita para ser consumida e descartada com velocidade gigantesca, e que nesse sentido ela é uma das melhores expressões da lógica destrutiva (Mészáros, 2011) do capital no mundo contemporâneo.

Resumindo o que foi dito até agora. Compreendo que os humanos se formam pelo trabalho, entendido como a atividade real dos sujeitos que transformam a natureza e ao fazê-lo produzem sua própria existência, na relação com esta atividade eles formam a sua consciência. Podemos dizer então que o trabalho tem uma face contraditória: por um lado é trabalho livre, autodeterminado, por outro é trabalho subordinado. O ser humano se faz humano pela capacidade de fazer de sua atividade vital uma atividade conscientemente direcionada, só que na sociedade capitalista o trabalhador é coagido a minimizar o caráter consciente de sua atividade, a realizar algo que é imposto. Existe uma tensão para a desumanização do trabalho que nunca se concretiza completamente porque o trabalho não pode perder definitivamente seu aspecto de projeção, de alguma maneira o trabalhador dota o seu trabalho de algum sentido.

Da forma como o compreendo, o princípio educativo do trabalho é uma tentativa de articular o processo de ensino e aprendizagem a partir dessa contradição. Da longa tradição teórica que desenvolveu-se a partir daí, vou tomar a contribuição de Antonio Gramsci (2001) que pensa o princípio educativo do trabalho no contexto da crítica à reforma do sistema escolar italiano realizada sob a direção de Giovane Gentile.

O trabalho é definido pelo autor como "atividade teórico-prática" (GRAMSCI, 2001, p.43), tal definição não quer significar apenas a síntese de uma ação com uma ideia, mas tem um sentido pedagógico mais profundo. Da forma que foi compreendido e utilizado nessa dissertação, o trabalho é a dimensão através da qual realizamos prioritariamente o nexos entre a "instrução", o aprendizado dos conteúdos que compõem as diferentes disciplinas escolares, e a "educação", o universo mais amplo dos valores e da cultura na qual se insere o estudante. Essa perspectiva implica pensar o trabalho enquanto fundamento organizador do ensino escolar sem necessariamente importar os processos de trabalho para o interior da escola. Nessa perspectiva, o problema da formação escolar consiste em:

[...] elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo. (GRAMSCI, 2001, p.53).

Daí advém outra implicação da utilização dessa categoria como princípio educativo: aqui não se trata de oferecer suporte teórico para determinadas práticas de trabalho, mas antes de trazer à tona a dimensão teórica que já existe nas práticas sociais.

No Caderno 12, texto que citei acima, produzido por Gramsci (2001) em 1932, ele começa o debate acerca da educação escolar situando-a na relação com o contexto geral do trabalho no moderno capitalismo industrial, caracterizado pela necessidade cada vez maior de escolarização, nesse sentido o trabalho está associado à expansão da escolaridade nos diferentes níveis, e de modo particular à expansão do ensino técnico. No capitalismo as ciências se mesclaram de tal modo à vida e as atividades práticas adquiriram um caráter tão complexo que cada uma delas "tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas". (GRAMSCI, 2001, p.32). Isso fez com que, ao lado das escolas "humanistas", destinadas a "desenvolver em cada indivíduo humano a cultura geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de pensar e de saber orientar-se na vida" (GRAMSCI, 2001, p.33), fossem criadas escolas particulares para ramos profissionais inteiros.

Então esse é um ponto que eu gostaria de sublinhar - na linha do que foi dito antes sobre o papel do trabalho na formação independentemente da consciência que homens e mulheres tenham acerca desse fato - diria que o trabalho também educa a escola independente da

consciência que seus atores tenham desse fato. Por esse caminho podemos dizer que a crise escolar no capitalismo é um aspecto particular da "crise orgânica mais ampla e geral". (GRAMSCI, 2001, p.33). Ou seja, a antiga divisão entre escola clássica e escola técnica (profissional) era um esquema racional na medida em que estava ajustado às necessidades e divisões sociais oriundas do mundo do trabalho. O que levou esse esquema à bancarrota foi o desenvolvimento da base industrial e sua exigência de um novo tipo de intelectual, colocando em questão o próprio princípio de orientação da cultura humanista:

A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola desinteressada (não imediatamente interessada) e 'formativa', ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir-se cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. (GRAMSCI, 2001, p.33).

É na solução que ele propõe para essa crise que emerge o conceito de "escola unitária", tomando conscientemente o trabalho como princípio educativo. Na visão de Gramsci (2001) deveríamos construir uma escola inicial única, que agregue tanto a cultura geral humanista e formativa, quanto o desenvolvimento da capacidade de trabalhar técnica e industrialmente, desenvolvendo assim também um novo tipo intelectual, marcado por uma "inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente, já que não apenas orador puro - mas superior ao espírito matemático abstrato". (GRAMSCI, 2001, p.53).

A escola unitária conjugaria o ensino da cultura proporcionado pelas escolas tradicionais com o ensino técnico requerido pela moderna indústria, uniria o pensar e o fazer. Também seria frequentada por jovens de todas as classes sociais, rompendo com o dualismo que direciona os jovens das classes abastadas para um tipo de escola e os jovens trabalhadores para outra, reproduzindo os primeiros enquanto camada dirigente e os segundos enquanto grupo dirigido. Nesse sentido não precisamos "inventar" o trabalho como princípio educativo, ele já é princípio imanente nas escolas de ensino fundamental, que desenvolvem (isso é, conforme os programas *deveriam* desenvolver) na criança as primeiras noções de ciências naturais ao lado das primeiras noções sobre direitos e deveres do cidadão:

O conceito do equilíbrio entre ordem social e ordem natural com base no trabalho, na atividade teórico-prática do homem, cria os primeiros elementos de uma intuição do mundo liberta de toda magia ou bruxaria, e fornece o ponto de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórica, dialética do mundo, para a compreensão do movimento e do devir, para a avaliação da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente, para a concepção de atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro. (GRAMSCI, 2001, p.43).

Nas últimas passagens podemos observar como para Gramsci o trabalho e a tarefa escolar são elementos organicamente vinculados à sua concepção de história, compreender o trabalho é compreender o processo de transformação do mundo. Na escola unitária o ensino médio é entendido como "fase decisiva" na criação de valores fundamentais do humanismo, como "a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização". (GRAMSCI, 2001, p.39). É na fase representada pelo ensino médio que devemos começar o aprendizado dos métodos criativos na ciência, não sendo mais um monopólio da universidade ou "deixado ao acaso da vida prática". (GRAMSCI, 2001, p.39).

Eu tinha pouca expectativa eu (sic) me matricular pensei que seria só mais uma aula de historia (sic) normal onde o professor passa o que quer estando ou não relacionado com o assunto. eu (sic) fiz a matrícula pelas horas complementares e os conteúdos foram bem diferentes do que eu esperava, esperava que fosse só sobre historia (sic) sem pensar em criar um interesse no aluno ou dar escolhas de vários caminhos a seguir no trabalho. o que foi bem diferente do que aconteceu. (Educando 8).

Essa é a avaliação que o Educando 8 fez do Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico. Inspirado em Gramsci eu procurei promover uma aula de História na qual os conteúdos de aprendizagem estivessem relacionados "com o assunto" de interesse do estudante. Evidente que esse assunto não poderia ser qualquer coisa, nesse sentido me afasto radicalmente das perspectivas que pretendem transformar os conteúdos de ensino em um agradável passa-tempo, no qual o estudante só pensa naquilo que acha "legal". O "interesse do aluno" na minha proposta era um problema de pesquisa relacionado ao trabalho, e os conteúdos trabalhados deveriam ser pensados sempre na relação com esse problema. Como interpretei o trecho citado, o fato de o educando ter gostado do curso está ligado ao seu interesse pelo trabalho na indústria, é por isso que ele rejeita a "aula de historia(sic) normal", mas isso é assunto para o próximo tópico.

2.2 O trabalho e a história no técnico em plásticos do IFSUL

A troca dos combustíveis usados ao longo do tempo para gerar energia, teve uma evolução indo des (sic) do material mais básico a madeira seguido do carvão mineral, usado principalmente no início da Revolução Industrial, até combustíveis fósseis e energia nuclear [...] Após isso começaram a procurar por meios menos poluentes usando assim o álcool anidro, hidrelétricas e energia eólica para conseguir a energia necessária. Teve uma evolução, no quisito (sic) da energia gerada, potência e destruição. (Educando 5).

Oiii sor minha internet ta (sic) um pouco instável não escutei direito [...] Já adicionei as suas indicações de melhoras [...] Usei bastante aquele texto acadêmico: A era do plástico, vi novamente o vídeo a história do plástico, retornei aos textos da revolução industrial. (Educanda 9).

Os trechos acima reproduzem a participação de dois educandos no bate-papo público (o chamado *chat*) do último encontro do Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico,

inicialmente pensado como espaço para apresentação dos trabalhos de conclusão ele foi transformado em uma aula de orientação, na qual os estudantes relatavam o que fizeram, e tiravam dúvidas sobre o trabalho que deveria ser entregue naquele final de semana. Na primeira transcrição o Educando 5 respondia uma contestação minha: havia dito que ele utilizava muito o termo "evolução", que em História isso era um "campo minado", então pedi para que ele explicasse como entende "evolução", onde existia "evolução" na história que havíamos estudado. A segunda citação serve para ilustrar os problemas com a comunicação na plataforma, eles estão entre os motivos que me levaram a desistir da ideia de apresentação e debates nos encontros síncronos.

Nesse tópico vou tentar explicar meu referencial teórico na relação com o projeto educacional dos IFs, particularmente da disciplina de História no curso de plásticos do IFSUL.

Na década de 1980 a produção mundial de plástico estava superando a produção do aço, o que é um excelente indicador da importância desse produto como material básico da atividade industrial⁶. No Brasil o desenvolvimento dessa indústria é um pouco mais tardio, embora a primeira indústria de transformados plásticos seja da década de 1940, o setor só começou a observar um desenvolvimento mais pronunciado com a instalação dos pólos petroquímicos que garantiam a produção de matéria-prima no Brasil. Por esse motivo, no Rio Grande do Sul, a década de 1980 é chave para o crescimento da indústria de transformados plásticos, que teve sua arrancada com a instalação do pólo petroquímico de Triunfo, em 1982.

Atualmente, somos o segundo estado do país no número de empresas de transformados plásticos e em empregos gerados no setor. Segundo a Abiplast⁷ são 1252 empresas, gerando 27.301 empregos diretos, sendo que o setor se destaca no fornecimento de embalagens e componentes para calçados. A explicação econômica para esse sucesso é o baixo custo do produto e a facilidade de transformá-lo adaptando-o às diferentes necessidades. O plástico permitiu um *boom* de consumo entre as classes populares, de brinquedos e objetos de uso doméstico, por exemplo.

Inaugurado em 1996 o curso técnico em plásticos do IF, na época CEFET, foi pioneiro no estado, ele respondia a uma demanda por profissionalização no setor que estava em expansão. No corpo teórico que orienta esse trabalho, interpreto a demanda pelo curso na perspectiva desenvolvida por Demerval Saviani (2005), que argumenta que o

⁶ A informação está em: Helman, Hélio. A indústria do plástico no Brasil. São Paulo: Editora Definição, 2017.

⁷ O dado é citado por Helman (2017), também aparece no PPC do Curso de Plásticos (IFSUL, 2017), ambos apontam a Abiplast como referência.

desenvolvimento das forças produtivas exige dos trabalhadores alguns conhecimentos que não podem ser aprendidos pela simples prática, exige alguma forma de escolarização. Temos então que, sob o capitalismo, a escola é portadora de uma contradição fundamental: por um lado o sistema precisa estender a escolarização para a classe trabalhadora, por outro a socialização dos conhecimentos historicamente produzidos entra em choque com o funcionamento do sistema baseado na apropriação privada de trabalho e de saberes.

O desenvolvimento da educação e, especificamente, da escola pública, entra em contradição com as exigências inerentes à sociedade de classes de tipo capitalista. Esta ao mesmo tempo em que exige a universalização da forma escolar de educação, não a pode realizar plenamente, porque isso implicaria a sua própria superação. (SAVIANI, 2005, p.257).

Como mostra a professora Marlene Ribeiro (1999) o ensino médio no Brasil traz as marcas das lutas de classes que caracterizam a sociedade capitalista em nosso país. Assim, ao longo da história a educação assumiu faces contraditórias cuja principal expressão é a crise identitária deste nível de ensino, "marcado pela dualidade preparatório/profissionalizante" (RIBEIRO, 1999, p.8), isto é, está dividido entre uma formação técnica que encaminha para o mercado de trabalho, e uma formação geral que habilita à continuidade dos estudos.

A expansão da escolaridade no Brasil está intimamente relacionada com a consolidação de um modelo dualista (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005), que reproduz a escola desinteressada para as elites, escola de formação humanística, que instrui a partir do domínio de uma cultural geral bastante sólida; e a escola do fazer e do se adaptar, que prepara para o trabalho, destinada aos pobres. Essa foi a lógica que produziu a Escola Técnica de Pelotas, destinada "aos meninos pobres" conforme mencionei na introdução. Oito décadas depois muitas coisas haviam mudado, não se tratava apenas de educar meninos, e no que tange ao trabalho já era necessária uma base científica mais ampliada, a parte teórica já não era peremptoriamente excluída no modelo de formação exigido pelo empresariado. Mais importante, assistíamos a um crescimento da demanda da classe trabalhadora por educação.

Isso não significa que não houvesse disputa de projetos acerca da educação escolar, sobre qual educação escolar era necessária, e com qual finalidade, estas questões continuavam sendo mobilizadas na luta de classes. É o que explica Ciavatta (2005), para quem nesse contexto os educadores brasileiros recuperaram a defesa do trabalho como princípio educativo, traduzido na defesa da politecnia que veio à baila durante os debates que marcaram a construção da LDB 9394/96. O princípio educativo do trabalho e a politecnia se opunham à ideia de "polivalência": por um lado os defensores da polivalência pretendiam uma educação capaz de fazer o trabalhador aumentar a sua produtividade através do desempenho de várias

funções; por outro o termo "politecnia" era utilizado pelos autores marxistas que pretendiam "estender ao ensino médio processos de trabalho reais, possibilitando-se a assimilação não apenas teórica, mas também prática, dos princípios científicos que estão na base da produção moderna". (CIAVATTA, 2005, p.88).

Entre esses autores estava Acácia Kuenzer que, em texto de 1989 intitulado "*O trabalho como princípio educativo*", dizia que a tradução deste princípio exigia tomar o trabalho como "expressão das relações sociais contemporâneas, que reunificam cultura e produção" (KUENZER, 1989, p. 26), e que esse princípio educativo exigia uma estrutura única, que não separasse a educação propedêutica (da cultura geral) da educação técnica (que prepara para o trabalho), seu objetivo era estabelecer uma ponte entre o geral e o específico, sem cair na especialização ou no academicismo. Nessa organização curricular à História caberia a tarefa de fazer com que o educando compreendesse o processo "do surgimento e do desenvolvimento de cada processo produtivo em questão, bem como suas perspectivas". (KUENZER, 1989, p.27).

É preciso, no entanto, não perder de vista que a estrutura curricular com seus conteúdos deverá ter o trabalho como princípio educativo organizador, concebido enquanto totalidade articulada em substituição à existente fragmentação e autonomia das disciplinas consideradas em si mesmas e que, em algum momento, por um passe de mágica, irá recompor-se em termos de unidade de conhecimento. (KUENZER, 1989, p.27).

No entanto, não foi esse o projeto que hegemonizou a construção da LDB⁸, não é esse o projeto pedagógico hegemônico atualmente. Nesse sentido Gaudêncio Frigotto (2012) argumenta que o discurso sobre a relação trabalho e educação que se consolidou no país não ultrapassou a superfície das questões, articulando-se com práticas pedagógicas que refletem a interiorização da concepção burguesa de trabalho e educação, uma concepção que formou-se historicamente mediante um processo de redução do trabalho e do trabalhador a mercadorias. A partir dessa concepção a burguesia foi estruturando uma representação do *trabalho* que o iguala ao *emprego*, isso é, reduz o trabalho à noção de tarefas ou funções exercidas dentro de um mercado. Perde-se assim a compreensão do trabalho como relação social fundamental que define o modo humano de existência, e que como tal não se reduz à produção material que responde à reprodução física, envolvendo também o conjunto das dimensões sociais e culturais, como a arte, a estética, a educação, o lazer, etc...

⁸ Sobre os debates e o sentido da LDB de 1996 para a educação brasileira minha principal referência é: SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei de Educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas**. Autores Associados: Campinas, 1998.

Para o autor, é dentro dessa visão limitada, que enxerga o trabalho como uma mercadoria, que a burguesia constrói seus projetos educacionais, em especial a educação profissional e tecnológica. Tal visão promoveria uma inversão na relação entre trabalho e educação que se evidencia na ênfase dada à educação para o trabalho, isso é, para o mercado de empregos, sem uma crítica à forma que assumem as relações de trabalho na sociedade capitalista. Para Frigotto (2012) a especificidade da escola não deve ser buscada nela mesma, mas sim nas determinações fundamentais que estão nas relações de trabalho, entendidas como relações sociais de produção. Para os estudiosos da relação trabalho - educação cabe entender que a produção do conhecimento tem sua gênese nessas relações, e não na escola.

Em texto anterior à formação dos IFs, a professora Marlene Ribeiro (2005) indica a existência de uma continuidade entre a política dos governos FHC e Lula para a educação profissional, isso pela manutenção da ênfase nas competências para a empregabilidade, tratando-a de forma abstrata, sem considerar o avanço do desemprego estrutural. Analisando o Decreto 5.154/04 que possibilitava integração entre ensino médio e ensino profissional ela aponta que tal decreto limitou-se a uma mudança formal, porque o MEC não coordenava uma política de implementação do ensino médio integrado: revogou a legislação anterior permitindo a articulação, mas continuou admitindo a desvinculação, e sem apontar medidas concretas para a integração.

Entendo que os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) podem ser pensados como uma "proposta concreta" para a integração, uma *tentativa* de superar esse dualismo, ao menos é nesses termos que eles foram anunciados pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2010).

No documento que explicava concepções e traçava diretrizes pedagógicas para o seu funcionamento, os Institutos são apresentados como um "novo modelo" de educação profissional e tecnológica, que tem como foco a justiça social e econômica, e o "desenvolvimento integral do cidadão trabalhador". (BRASIL, 2010, p.3). O mesmo documento afirma que "a formação humana e cidadã precede a qualificação para o exercício da laboridade". (BRASIL, 2010, p.3). Ao pensar os Institutos Federais em perspectiva histórica, o documento afirma a existência de um descompasso entre a ideologia do atual governo (o governo Lula, em 2010) e a trajetória das instituições de educação profissional, que historicamente estariam voltadas para atender aos objetivos determinados pelo capital "no que respeita ao seu interesse por mão de obra qualificada". (BRASIL, 2010, p.21). Essa centralidade no mercado faz com que a política pública de educação profissional se torne um "braço de acumulação capitalista". (BRASIL, 2010, p.20).

Conforme o texto, "o novo projeto de nação" (BRASIL, 2010, p.15) representado pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT) colocava a qualidade social como centro do esforço da educação profissional, afastando-se da ênfase unilateral no "fator econômico até então primordial" (BRASIL, 2010, p.15) na qual se movia o fazer pedagógico nas escolas profissionais e tecnológicas. O objetivo do governo que inaugurava essa política era inverter essa lógica, fazendo os IFs ocuparem-se de forma substantiva de um "trabalho mais contributivo" voltado para "a melhoria do padrão de vida da população de regiões geograficamente delimitadas" (BRASIL, 2010, p. 15), orientando-se para "a formação integral de cidadãos-trabalhadores emancipados". (BRASIL, 2010, p.15).

Falando sobre a proposta de integração entre o ensino médio e a formação técnica, as *Concepções e Diretrizes* afirmam que os currículos devem "estabelecer o diálogo entre os conhecimentos científicos e habilidades relacionadas ao trabalho e superar o modelo de escola dual" (BRASIL, 2010, p.28), que suas propostas devem representar uma quebra na tradicional hierarquização entre as diferentes áreas e saberes. Por esse caminho, os Institutos Federais estariam colaborando "de forma efetiva, para a educação brasileira como um todo, no desafio de construir uma nova identidade para essa última etapa da educação básica". (BRASIL, 2010, p.28). O texto aponta os Institutos como colaboradores na tarefa de superar as separações entre ciência e tecnologia, teoria e prática, e conclui afirmando que no princípio educativo da "pesquisa" e nas "ações de extensão" estão as possibilidades de superar a fragmentação do conhecimento.

Fundamental para o debate teórico que proponho aqui, e para o entendimento do lugar atribuído ao trabalho pelo o "novo projeto de nação" que o governo da época pretendia encarnar, é que o trabalho não aparecia como princípio educativo capaz de superar a fragmentação - ao invés disso o MEC apostava na pesquisa e nas atividades de extensão como veículos para a construção dessa nova educação profissional, capaz de superar a dualidade da escola brasileira.

O trabalho volta a aparecer em tópico distinto, intitulado "Educação, trabalho e ciência". (BRASIL, 2010, p.32). Depois de ter feito toda uma crítica de princípios à perspectiva que subordina a educação profissional às exigências do mercado, o texto retoma a conversa sobre trabalho relacionando-o ao que seria a grande novidade histórica da relação entre trabalho e educação no Brasil de 2010: ao contrário do início do século XX, no atual contexto histórico (de 2010) o Brasil participava "do ciclo da revolução tecnológica com grau relevante de conhecimento no processo de transformação da base científica e tecnológica". (BRASIL, 2010, p.33). Segundo o texto, em nosso país, o universo do trabalho apresentava

uma demanda complexa, que abrangia tanto as necessidades do modelo fordista/taylorista, quanto as demandas da nova base construída sobre a microeletrônica, isso provocaria uma "carência de trabalhadores qualificados". (BRASIL, 2010, p.33).

Ou seja: nas intenções o documento situa o trabalho e sua relação com a educação na perspectiva da "emancipação", diz que os IFs não foram feitos simplesmente para fornecer mão de obra qualificada para o mercado, somos remetidos às mais generosas perspectivas, a educação como instrumento para um sociedade "justa", "inclusiva", para formação de um "cidadão-trabalhador emancipado". Ao longo de todo esse discurso o trabalho fica em segundo plano, sai da vista, quando os redatores retornam a ele, que surpresa: ele aparece como equivalente ao emprego! Depois das belas intenções, ao estabelecer uma ligação objetiva do trabalho com a ciência e a educação, retornamos à camisa de força da lógica da produção capitalista, o trabalho vira emprego, e o tal "cidadão-trabalhador emancipado" vira o sujeito sem qualificação, que entrava nossa capacidade produtiva.

Gostaria de reforçar esse ponto: em que pese as intenções manifestas da política de criação dos IFs se oporem à lógica mercantil da formação para o trabalho, na hora de tratar o trabalho o entendimento é parecido com o da política anterior: trabalho é igual a emprego, e a educação profissional serve para preparar mão de obra qualificada, uma vez que a falta desta mão de obra qualificada entrava o desenvolvimento econômico do país. No texto analisado o trabalho não é o lócus da educação integral, essa é tarefa da pesquisa e da extensão.

Em texto de 2011, analisando a legislação e os recursos materializados no projeto dos Institutos Federais (IFs) durante o governo Lula, Ciavatta (2011) afirmou que eles podiam ser pensados como "templos do saber técnico e tecnológico" (CIAVATTA, 2001, p.38), capazes de ofertar uma educação de qualidade para os estudantes de nível médio, oferecendo uma escola pública com "recursos, instalações espaçosas, equipamentos e recursos auxiliares". (CIAVATTA, 2011, p.38). Compartilho da avaliação da autora sobre a estrutura de meu local de trabalho, entendo que ele se constitui em ponto privilegiado para o enfrentamento das dualidades do ensino médio anteriormente mencionadas.

Os IFs abrigam estudantes de diversas classes, têm um política de cotas que garante que no mínimo metade de todas as vagas serão ocupadas por estudantes de escola pública, seu currículo tem por objetivo articular o ensino técnico, imediatamente necessário ao trabalho, com o ensino propedêutico, destinado à continuação dos estudos e ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e políticas. Nesses aspectos eles se aproximam das ideias gramscinianas acerca da escola unitária, ao menos de duas: a articulação entre formação

técnica e formação humanística, e a concentração em um único educandário de estudantes oriundos de diferentes classes sociais.

No entanto, entendo que a compreensão sobre o trabalho, e a prática educativa decorrente dessa compreensão, se distanciam da perspectiva de integração - ao menos da maneira que eu interpreto os textos acima citados. Penso que, se tomarmos integração como um diálogo permanente entre a parte técnica e a propedêutica estamos distantes disso, embora o estudante frequente disciplinas técnicas e propedêuticas de maneira concomitante, não existe integração entre os planos disciplinares, os conteúdos dessas disciplinas seguem uma organização tradicional. Da forma como ocorre o processo educativo atualmente, o que observamos é uma cisão: enquanto as disciplinas técnicas correm na raia construída pela indústria, formando os trabalhadores que esse setor demanda, as disciplinas propedêuticas correm na raia das generalidades, ensinando conforme a lógica própria de cada área do conhecimento. Não quero dizer com isso que não exista integração em momento algum, mas sim que ela é feita a partir de atividades pontuais, projetos específicos.

Embora não trabalhe com o mesmo referencial teórico que utilizo, ao analisar a disciplina de História nos Cursos Técnicos em Agropecuária Interados ao Ensino Médio no IFRS, o professor Tiago Martins da Silva Goulart (2019)⁹ aponta que naquele educandário a História oscila entre uma semelhança com o Ensino Médio tradicional no caso das ementas, e uma adaptação às necessidades da área técnica no caso da carga horária e da distribuição dos períodos. Reforço que o professor tem uma problemática diferente da minha, ele não busca pela identificação do trabalho como princípio educativo, mas pelo processo de integração curricular, questiona a participação da História nesse processo. No entanto, nesse caso específico, penso que suas conclusões contribuem com o ponto que quero destacar aqui: no caso do IFRS também não existe uma efetiva integração entre a História e a parte técnica no que se refere aos conteúdos de ensino, trata-se da mesma História do ensino médio convencional.

Vou retornar ao IFSUL tomando como exemplo para essa crítica o Curso de Plásticos e o papel que a História ocupa em seu interior. Isso é, estou tomando o exemplo de um curso técnico específico e de uma disciplina propedêutica específica, não penso que as conclusões retiradas desse caso possam ser sumariamente estendidas a todos os curso e áreas, mas penso

⁹ Trata-se da tese de doutorado do professor, texto que considero fundamental porque foi a única tese que encontrei no banco da CAPES ao relacionar História e Ensino Profissionalizante, desejo inserir essa dissertação no esforço inaugurado pelo colega, de pensar o papel da nossa disciplina nos Institutos Federais.

que elas são coerentes com a crítica que formulei sobre as diretrizes emanadas do MEC na formação dos Institutos.

No Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Plásticos (PPC) o trabalho aparece como princípio educativo da organização curricular, mas não no título sobre os princípios metodológicos; ali se fala em pesquisa e extensão (como no texto do MEC) - o princípio educativo do trabalho aparece no item intitulado "prática profissional". Ali é feita a afirmação de que o trabalho articula "todas as experiências formativas" (IFSUL, 2017, p.15). Explicando como isso se realiza o texto informa que tomar o trabalho como princípio educativo significa assumir um compromisso "com a dimensão prática profissional intrínseca às abordagens conceituais, atribuindo-lhe o caráter de transversalidade". (IFSUL, 2017, p.15-16). Mas o texto não articula esse princípio às diferentes disciplinas e componentes curriculares, limitando-se a explicar a consonância do princípio educativo do trabalho com a prática profissional que é exercida no curso. A lógica da argumentação aproxima o trabalho como princípio educativo das atividades relacionadas ao trabalho na indústria do plástico, citando como exemplos as visitas técnicas, os ensaios físico-químicos em laboratórios de injeção e extrusão, a metrologia, a hidráulica e a pneumática, atividades que têm por objetivo:

[...] o planejamento, a operação, a coordenação, o monitoramento e o controle do processo de fabricação de produtos de plástico e de reciclagem, além do controle de qualidade do produto acabado, da realização de ensaios físicos-mecânicos e da identificação e apropriação de material de produtos acabados. (IFSUL, 2017, p.16).

O trabalho como princípio educativo não é citado nem antes nem depois desse tópico, motivo pelo qual parece-me coerente articular a hipótese de que o texto trata "trabalho" como sinônimo de "emprego", só assim tem sentido dizer que o princípio educativo do trabalho se traduz em práticas que dizem respeito a conhecimentos requeridos pela indústria do plástico. Reforço esse ponto como fundamental para a compreensão da crítica que estou formulando aqui: na sociedade contemporânea o padrão hegemônico de realização do trabalho é o *emprego*, a forma assumida pelo trabalho na sociedade capitalista, que resulta da apropriação privada das riquezas e dos meios de produção, na transformação do trabalho em uma mercadoria, que tem como corolário a formação de uma consciência "mutilada", "fragmentada". O *emprego* é o trabalho dividido que encontra sua máxima expressão na divisão entre trabalho manual e intelectual, núcleo da formação unilateral dos homens.

Conforme expliquei acima, o princípio educativo do trabalho é exatamente uma proposta que busca superar essa fragmentação, assim ele não se traduz em atividades práticas relacionadas às exigências do emprego, mas no fato de que toma tais atividades práticas de maneira articulada aos princípios teóricos e científicos, não apenas aos princípios científicos

necessários à realização da atividade prática, mas à compreensão do contexto histórico no qual essa atividade é realizada. Ou seja, não temos trabalho como princípio educativo porque os estudantes aprendem os princípios físico-químicos da extrusão e da injeção, mas porque também aprendem o processo histórico no qual a indústria demanda esses processos, porque apreendem de maneira integrada que a Física e a Química enquanto áreas de conhecimento respondem a interesses humanos, não "em geral", mas no contexto histórico específicos da produção dos conhecimentos que tornaram possível e necessário o trabalho industrial, particularmente o trabalho na indústria do plástico.

Não pretendo confrontar duas visões sobre o princípio educativo do trabalho para classificar como correta ou incorreta a abordagem presente no PPC, o que quero sublinhar é a diferença substantiva que existe entre esse princípio no referencial teórico discutido anteriormente, e esse princípio da maneira pela qual ele aparece no plano do Curso Técnico em Plásticos.

Da maneira como entendo, a formação integral realiza-se a partir do trabalho porque o trabalho sintetiza teoria e prática, porque ele é atividade teórico-prática. Embora não ignore o desejo dos estudantes de formação para o trabalho, se fui feliz na exposição teórica que fiz, ficou evidente que a minha dimensão propositiva não parte das exigências do mercado de trabalho no ramo do plástico para organizar o processo educativo em História, mas toma o trabalho realmente existente na indústria do plástico - e dessa forma também as exigências do setor em termos de qualificação profissional - enquanto objeto de estudo. Nesse sentido estou sugerindo que as experiências de trabalho e a reflexão sobre estas experiências podem ser elementos fecundos para a construção de novos saberes, conectados com as necessidades do trabalhador, nesse caso específico dos estudantes.

Se procurarmos pelas menções à história no PPC do Técnico em Plásticos veremos que elas aparecem no contexto de cinco debates distintos. Pela primeira vez na Apresentação, onde o termo *históricos* aparece vinculado à caracterização da matriz curricular do curso, que segundo o texto visa possibilitar uma formação integral necessária ao exercício da cidadania e da prática profissional, "com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais". (IFSUL, 2017, p.4). A menção resume-se ao trecho citado, sem um aprofundamento no debate, apenas no contexto de caracterização da formação desejada.

A história reaparece no item 9.1 que trata dos "*Princípios metodológicos*", aqui ela também não tem papel de destaque. O texto começa afirmando que o processo de ensino-aprendizagem no curso utiliza estratégias problematizadoras, que procuram tratar os conceitos da área técnica e os saberes vinculados à formação geral "de forma contextualizada e

interdisciplinar, vinculando-os permanentemente às suas dimensões do trabalho em seus cenários profissionais". (IFSUL, 2017, p.12). Indica que a metodologia priorizada será o diálogo entre os diversos campos do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura, utilizando estratégias que buscam contemplar conhecimentos "relativos ao desenvolvimento socioeconômico-ambiental relacionados ao eixo tecnológico Produção Industrial". (IFSUL, 2017, p.13).

Destacando seis desses conhecimentos, e algumas disciplinas vinculadas a eles, o texto fala no empreendedorismo, no controle da produção, no uso e conhecimento da nova tecnologia da informação, no estudo da reciclagem, na supervisão industrial e no "reconhecimento das identidades de gênero, étnico-raciais dos povos indígenas, quilombolas e das populações do campo". (IFSUL, 2017, p14). Nesse momento a História é citada, agora como disciplina que, junto com Artes, Geografia e Sociologia, deve trabalhar no sentido desse reconhecimento.

Pela terceira vez no PPC, segunda nesse tópico, a História aparece junto com a Filosofia, a Sociologia, a Geografia e a disciplina de Empreendedorismo, como disciplina vinculada ao tema da Economia Solidária, devendo trabalhar conhecimentos relacionados a essa prática. No mesmo tópico o termo História reaparece no contexto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Resolução do CNE/CEB n 06/12) que aponta como um dos temas transversais o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. A quinta menção aparece no tópico intitulado "Política de inclusão e acessibilidade do estudante¹⁰", vinculada ao debate sobre diversidade étnica, com menção explícita à Lei 10.639/2003, falando do necessário estudo da África, Cultura Negra, História, Literatura e Artes do Negro no Brasil. Conforme o PPC essa temática fica a cargo do "Núcleo de *Educação* Afro-brasileira e Indígena - NEABI"¹¹.

Para os objetivos desse trabalho gostaria de destacar duas coisas a respeito do papel da História no PPC. O primeiro é que as humanidades aparecem como complementos, áreas que ficam ao lado da formação para o emprego, aparecem ligadas a uma educação para "diversidade", a "inclusão", a "cidadania"... Os diferentes elementos que compõem uma

¹⁰ Esse tópico não aparece na resolução de dezembro de 2017 que venho citando até aqui, está presente no documento intitulado PPC Plástico Atualizado 2018/1, disponível no mesmo site onde encontramos a resolução; a outra diferença entre os documentos é que a resolução traz como anexo o programa de todas as disciplinas que compõem a matriz curricular do curso, e o documento disponibilizado como PPC atualizado não apresenta esses programas, que podem ser acessados individualmente no mesmo site: www.ifsul.edu.br. Acessado em 17/01/2021.

¹¹ O NEABI é o Núcleo de *Estudos* Afro-brasileiros e Indígenas, está presente nos diferentes câmpus do IF, mas a frequência é optativa.

formação integral estão presentes, mas cada um na sua "caixa", cabe ao educando realizar essa articulação. Temos então que, em que pese as intenções de realizar o princípio educativo do trabalho, e de articular as dimensões profissionalizante e propedêutica, nosso currículo aparece como uma justaposição dessas diferentes dimensões.

O segundo ponto é que os elementos que o PPC atribui como responsabilidade da História (partilhadas com outras disciplinas) não aparecem nos programas de História que constam como anexos do projeto pedagógico: isso é, o programa da disciplina não dialoga com o projeto pedagógico do curso. Não existe nos programas de História menção à economia solidária, ao reconhecimento das identidades indígenas e quilombolas, nem tampouco à produção industrial. Passarei agora à análise desses programas.

Tomada isoladamente a disciplina de História ocupa 120 horas obrigatórias no Curso Técnico em Plásticos, divididas em História I (60 horas) oferecida no primeiro ano do curso, e História II (60 horas) oferecida no segundo ano do curso, no terceiro e quarto anos não aparece a História como disciplina obrigatória. Os programas dessas disciplinas organizam os conteúdos cronologicamente, do mais antigo ao mais recente, sendo que o mais antigo é a segunda metade do século XIX e o mais recente é o 11 de Setembro, em referência ao ataque às Torres Gêmeas (2001), não ao Golpe Militar no Chile (1973).

A História I aponta como primeiro conteúdo de ensino a "consolidação da economia financeira e industrial nos Estados Unidos e na Europa do século XIX". (IFSUL, 2017, p.61). Segue com uma lista bastante tradicional de conteúdos, indicando os conflitos "capital trabalho, sindicatos e movimentos sociais nos Estados Unidos e na Europa" (IFSUL, 2017, p.61), pede que ensinemos África, Ásia e América Latina "diante do imperialismo norte-americano e Europeu" (IFSUL, 2017, p.61), depois Primeira Guerra, Revolução Russa, Crise de 1929, fascismo, nazismo, o currículo pede o ensino das frentes de combate durante a Segunda Guerra Mundial, e conclui pedindo para ensinar a "Europa e o mundo no pós-guerra". (IFSUL, 2017, p.61)¹².

E as comunidades quilombolas? E os indígenas? No programa de História II o silêncio sobre esses temas é quebrado no último conteúdo de ensino, que aponta: "4.6 As novas demandas sociais, questões de gênero e étnicas". (IFSUL, 2017, p.89). O interessante é que o mesmo programa indica explicitamente a "questão racial nos Estados Unidos" (IFSUL, 2017, p.89) como conteúdo de ensino, ou seja, para os Estados Unidos tratamos de questão racial,

¹² O ano da citação refere-se à data da resolução da alteração do PPC do Técnico em Plásticos, estou citando conforme o programa em anexo a essa resolução. Como mencionei anteriormente, o mesmo programa pode ser visualizado separadamente no site do IFSUL.

para o Brasil tratamos a questão étnica associada ao gênero como uma "nova" demanda social: não existe nenhuma linha sobre a escravidão negra e indígena, a Abolição, a Lei de Terras, a industrialização do Brasil. Quero grifar esse ponto - a questão étnica não aparece vinculada ao mundo do trabalho, apenas em uma relação política, como "nova" demanda. O mesmo raciocínio vale para o debate sobre gênero, o programa de História não trata de gênero associado ao mundo do trabalho, mas como tema político, como uma demanda "nova".

Saindo da história do Brasil constatamos que mesmo o tradicional assunto "Revolução Industrial" não faz parte do programa, o estudante está em um curso que forma para o trabalho industrial, no eixo tecnológico "Produção Industrial", mas a História, se seguirmos o programa oficial, não vai ensiná-lo sobre a formação da indústria, ela já aparece como um dado¹³. O mais próximo disso que temos é a já citada menção à "consolidação da economia financeira e industrial na Europa e nos Estados Unidos" que aparece em História I; e em História II uma menção aos "Anos Vargas: das conquistas sociais ao novo nacionalismo" (IFSUL, 2017, p.89), um tópico que não nos remete diretamente ao tema da industrialização, apontando apenas para a discussão sobre conquistas sociais e nacionalismo, os tradicionais temas políticos.

Como expliquei na revisão da produção sobre o *Ensino de História* que fiz para o texto de qualificação, essa distância em relação ao trabalho não é um problema específico do IFSUL. Naquele texto destaquei que, embora a História tenha uma vasta produção relacionada ao trabalho, quando buscamos pelo *Ensino de História* o que encontramos é um deslocamento para o tema da política e da cidadania, mais recentemente para a memória e as identidades, sem uma problematização direta da relação destes objetivos com o mundo do trabalho e as demandas materiais da sociedade na qual o educando vai exercer sua "cidadania" ou afirmar suas múltiplas "identidades". Quero grifar a expressão *Ensino de História*, estou fazendo referência ao campo de estudos¹⁴ que se articulou a partir da década de 1980 e foi se consolidando com programas de pós-graduação e publicações específicas, constituindo uma área própria, o chamado "*Ensino de História*".

O método que utilizei para essa revisão consistiu na observação das obras, e das referências bibliográficas das obras, que foram trabalhadas nas disciplinas do Mestrado Profissional em Ensino de História, em especial da disciplina História do Ensino de História, ministrada no primeiro semestre do curso. Complementarmente também utilizei o banco de

¹³ Destaco que a minha crítica não é direcionada aos colegas professores de História, profissionais do mais alto gabarito, estou criticando o programa da disciplina e a falta de diálogo entre as áreas técnica e propedêutica.

¹⁴ Minhas principais referências em relação à história do Ensino de História são Caimi (2001) e Mesquita (2008).

teses da CAPES, onde pesquisei pelos termos "ensino de história e trabalho", "ensino de história e educação profissional", "ensino de história e ensino técnico". Dessas pesquisas concluí que, exceção das décadas de 1980 e 1990¹⁵ onde aparecem algumas publicações, não existe número significativo de teses, dissertações, livros, ou artigos que problematizem o trabalho como conteúdo de ensino ou princípio educativo no ensino de História. Nesse contexto minha dimensão propositiva buscou contribuir com a construção de novos caminhos para a reflexão acerca dos significados da disciplina, significados que possam ir além da tradicional aproximação com as tarefas da formação de uma consciência cidadã, ou da contribuição para a formação de identidades, pretendi contribuir com o debate sobre as possibilidades da nossa disciplina para o terreno das práticas sociais, especialmente das práticas de transformação da realidade de trabalho.

Vou tentar exemplificar o que estou dizendo a partir do programa da disciplina de História I. Ele indica o estudo dos "conflitos entre capital e trabalho: sindicatos e movimentos sociais na Europa e nos EUA durante o século XIX" (IFSUL, 2017, p.61), ou seja, trabalho já é tomado na perspectiva política, a história do trabalho aparece vinculada às lutas sociais. Entendo que essa temática é fundamental, mas propus uma nova forma de abordá-la: entendo que o eixo deve ser a o processo de constituição do trabalho e do capital, precisamos historicizar essa formação, e nesse contexto inserir as lutas. Da forma como entendo, o conflito capital - trabalho é parte do processo de formação do capital e do trabalho, e a ocorrência desses conflitos na Europa e nos Estados Unidos do século XIX, só farão algum sentido para nós, brasileiros do século XXI, ao pensarmos como a nossa realidade foi formada e transformada na relação com esses lugares e esse período.

Com esse objetivo planejei o Curso História e Trabalho na Indústria do Plástico. Organizado em momentos que seguiam o roteiro de investigar, tematizar e problematizar, pensados a partir de Paulo Freire (2014, 2018), ele se materializou em três fases articuladas que se distinguem pelo sentido que atribuí à minha intervenção, ao que esperava atingir com ela.

O momento da investigação temática foi dedicado à definição do conteúdo das aulas, tal conteúdo passou a ser ele mesmo problemático, e não dado a partir do programa. Esse momento prolongava uma atividade que havia iniciado antes da pandemia, - com todas as

¹⁵ Cito entre essas exceções: Cusinato (1987) e Basso (1994) que tratam do trabalho na formação dos professores de História: mas não tomam o trabalho como conteúdo ou metodologia no *processo de ensino*, tratam do *trabalho docente*; e já no século XXI o artigo de Bittencourt (2002) que critica a noção de "cidadania" presente nas propostas curriculares da década de 1990 por sua separação em relação ao trabalho, sugerindo que a problematização do capitalismo a partir das vivências de educandos e professores poderia ser um caminho para o desenvolvimento do ensino de História.

minhas turmas, não pensado especificamente nesse curso - quando estimei e subsidiei os estudantes para que pudessem formular questões de história, questionamentos que ligassem a nossa disciplina ao mundo do trabalho.

Identificados os temas e o conteúdo do diálogo passei a um segundo momento, a "tematização" onde o sentido principal da intervenção pedagógica foi apresentar materiais que permitissem ao educando refletir sobre os temas selecionados. Essa fase foi construída em função da primeira, o que no caso da minha dimensão propositiva exigiu uma carga significativa de trabalho concentrado após as primeiras semanas do curso. Eu já havia separado alguns materiais possíveis de servirem como tematização, mas o leque dos problemas formulados obrigou-me a trilhar outros caminhos. Nesse momento os educandos elaboraram trabalhos escritos em formato de pequenas redações, depois de identificar, selecionar e analisar textos historiográficos e fontes históricas, como estatísticas sobre o mundo do trabalho, entrevistas de história oral, além de textos e imagens referentes ao trabalho em diferentes períodos históricos. Nessa parte existiram diferentes percursos, uma vez que as fontes e materiais de estudo foram organizados a partir dos problemas sobre a história do trabalho formulados na fase de investigação temática.

O terceiro momento foi o de "problematização" ou "reconstrução do mundo lido", que materializou-se na produção dos trabalhos de conclusão dos educandos, quando apresentaram reflexões realizadas sobre as fontes de pesquisa histórica, ele visou a produção de uma abordagem própria do pensamento histórico acerca dos problemas formulados. O objetivo foi que os educandos articulassem as fontes e os conceitos discutidos elaborando novas reflexões, ou novos questionamentos acerca destas temáticas.

Entendo que esse percurso me ajudou a ver questões e interesses dos educandos acerca do trabalho propícios a uma abordagem historiográfica. Nesse sentido posso dizer que - no conjunto - o curso pode ser entendido como uma grande *investigação temática*, porque serviu para identificar como os educandos enxergam o trabalho, e como podemos ajudá-los a pensá-lo em uma perspectiva histórica.

Nos próximos capítulos vou usar a transcrição das atividades realizadas pelos educandos que participaram do curso, desejo que meus leitores possam contribuir com os objetivos acima propostos, para isso, talvez mais do que as minhas interpretações sobre o trabalho que fiz, seja importante descrevê-lo com cuidado, talvez seja mais importante relatar do que analisar, embora essas atividades possam andar de mãos dadas.

3 A CONSTRUÇÃO DOS PROBLEMAS

Nesse capítulo vou falar sobre as duas primeiras semanas do curso, descrever brevemente os encontros, os materiais que disponibilizei, e principalmente oferecer uma análise das respostas. O capítulo está dividido em duas partes, uma para a primeira e outra para a segunda semana. Elas foram pensadas como uma investigação temática (Paulo Freire, 2014, 2018), uma investigação sobre o modo de pensar e os interesses de estudo do grupo com o qual estava trabalhando. Claro que o componente central já estava dado pela própria matrícula no curso, que era optativa, portanto, denunciava um interesse prévio em história e trabalho. Nesse caso, minha investigação tinha como centro a tentativa de descobrir como os estudantes entendiam esses termos e as possíveis articulações entre eles.

Minha estratégia era solicitar que os estudantes formulassem perguntas sobre história, trabalho e indústria do plástico, deveriam formular essas questões em um fórum do Moodle e na semana seguinte discutiríamos elas. Como codificação inicial eu preparei dois materiais: uma exposição que intitulei "*Breve história da História*" e que seria disponibilizada como aula "assíncrona" e um resumo de oito páginas do livro *Apologia da História*, de Marc Bloch. Os dois materiais didáticos da semana foram pensados para o estudo assíncrono, meu plano não era utilizar o encontro para tratar deles, apenas para apresentá-los e apresentar o exercício do fórum. A base para formulação desses materiais era o conhecimento prévio que eu tinha dos estudantes, particularmente a atividade que realizei com suas turmas nas primeiras semanas de aula, antes da pandemia.

Eu havia trabalhado duas semanas com o poema *Perguntas de um Trabalhador que lê*, de Bertolt Brecht. Depois de fazer a leitura do poema com a turma eu deixava uma tarefa para casa que consistia em, partindo da lista de conteúdos previstos apresentada para a turma - do plano da disciplina que eu havia mostrado no início da aula - elaborar uma paródia do poema, construindo perguntas relacionadas aos conteúdos previstos para o ano. Na aula seguinte organizávamos um círculo e eles começavam a ler suas paródias. Embora os primeiros estudantes demonstrassem certo retraimento na hora de ler, depois das primeiras leituras a atividade se desenrolava com naturalidade, muitas vezes os colegas aplaudiam algum poema mais sonoro ou com perguntas mais contundentes, vários se dispunham a comentar, na maioria das turmas não consegui encerrar a atividade na segunda aula, precisamos de uma terceira semana que em algumas turmas acabou não ocorrendo em virtude da pandemia.

Enquanto eles liam, eu ia anotando no meu caderno de sala as questões formuladas, isso serviria de base para alguns recortes temáticos que eu faria no conteúdo, também para

busca de materiais, já que pretendia, a partir do terceiro mês, dividir a turma em grupos que realizariam atividades a partir de temáticas selecionadas. Observei então alguns temas e perguntas recorrentes. A maioria das questões versava sobre sujeitos históricos e os trabalhos que realizavam, aderiam à lógica do poema, mudando apenas o acontecimento histórico ao qual fazia referência. Surgiram questionamentos sobre a participação das mulheres em alguns dos eventos que compunham o plano, também sobre os negros e a escravidão, homossexuais, meio ambiente, etc... Um amplo leque de interesses que muitas vezes acabavam confluindo para pedidos de explicação sobre a primeira pessoa a fazer algo, ou sobre como "começou" tal coisa, isso é, expressavam uma visão de História presa à ideia de origem, e de causas: por que ocorreu a guerra? Quem teve a ideia de jogar a bomba atômica? Como começou a violência? Como começou a corrupção?

Preparei o resumo comentado sobre a *Apologia da História*, e a exposição "*Breve história da História*" pensando nesse entendimento inicial, minha ideia era já no primeiro encontro começar a construção da ideia de História como um campo de conhecimento com critérios próprios, a ideia de que nem tudo é do interesse do historiador investigar. Por exemplo, não iríamos investigar o que sentiu o cachorrinho soviético mandado para o espaço, embora pudéssemos nos interessar pela preocupação (ou ausência de preocupação) dos seres humanos em relação ao que sentia esse animal. A apresentação também tinha como objetivo introduzir a leitura do resumo comentado disponibilizado, motivo pelo qual a escola dos *Annales* ganhou grande relevo na apresentação.

3.1 Os materiais didáticos da primeira semana

Bloch (2011) faz críticas ao que chama ironicamente de "devotos das origens" e "devotos do imediato". Os devotos da origem são aqueles que entendem a origem como um começo que explica, que basta para explicar, as pessoas que confundem uma filiação com uma explicação. Por exemplo, a "origem" do Brasil é a invasão e o roubo português, por isso estaríamos condenados a eternamente viver como nação roubada e dominada pelo estrangeiro. Esse tipo de visão é ingênua porque, embora a origem do nosso país seja importante para compreender os problemas presentes, ela não explica tudo, se passaram quinhentos anos desde a chegada dos portugueses, para entendermos o país hoje é preciso analisar esses quinhentos anos em suas continuidades e em suas mudanças. (Resumo Comentado do livro *Apologia da História*).

O trecho acima reproduz um trecho do material que produzi para subsidiar a elaboração dos problemas de investigação. Partindo do entendimento que havia identificado nos estudantes a partir da atividade com o poema de Brecht, formulei o resumo comentado do texto de Bloch (2011). Não utilizei o assunto "trabalho" para não expor demasiadamente o núcleo da problematização, induzindo o estudante a aderir à interpretação do professor na

temática que estávamos estudando, mas destaquei questões e interpretações (como a corrupção) que haviam aparecido entre os próprios estudantes para possibilitar a interpretação do autor e estimular uma reflexão que superasse as primeiras abordagens. Nesse sentido, penso ter utilizado o material didático como uma "codificação" (Paulo Freire, 2014), uma representação que buscava dialogar com a compreensão expressa pelos estudantes, sem expor demasiadamente a crítica acerca dessa visão, para que o educando tentasse realizá-la por si mesmo, nem a esconder demasiadamente, para que o material não se transformasse em uma "charada", um jogo de adivinha.

Mas, creio que deveria começar esse tópico com uma justificativa: por que escolher um livro de Marc Bloch para subsidiar a construção de problemas sobre história e trabalho se a base teórica que sustento é o marxismo? Gostaria de utilizar essa dissertação para expor minhas práticas, submetê-las à crítica, se meus leitores julgarem que isso é uma contradição, acrescento que ela não é uma contradição dessa dissertação, e sim da minha prática docente.

A maneira como entendo e explico o objeto de estudo da História e as questões formuladas pelo historiador é tributária da *Apologia da História*. Revisitando os materiais que utilizava nas discussões sobre *O que é História* desde que comecei a lecionar, encontro frases, trechos, e exemplos sempre oriundos dessa obra. Por exemplo, a atividade que descrevi anteriormente, com o poema de Brecht, era uma investigação temática, buscava descobrir os interesses dos estudantes, o material que estava preparado para discussão das respostas era a introdução desse livro, que os educandos deveriam ler, discutir em grupos, depois apresentar estabelecendo relações com as perguntas do poema. Já com as turmas de sexto ano do Município de Porto Alegre eu costumava fazer uma atividade na qual, depois de distribuir papeizinhos com frases nas quais a palavra "história" era empregada em situações cotidianas, provocava os educandos a relacionar essas frases com outras extraídas da *Apologia da História*.

Ou seja, variando a complexidade e a forma de emprego do material, o conteúdo era o mesmo, sempre que chegava a hora de apresentar a minha versão sobre o que a História estuda eu recorria a linha de argumentação traçada por Marc Bloch. Da maneira como compreendo, a abordagem marxista da história é coerente com o recorte de objeto e a justificativa elaborada nessa obra: o materialismo histórico também está preocupado com os seres humanos e as relações de duração, o materialismo histórico também estuda a história

para compreender, embora a articulação entre compreensão e transformação seja mais acentuada nessa tradição do que nos *Annales*¹⁶.

Não vou repisar a argumentação da obra, já conhecida dos leitores, mas na sequência vou reproduzir dois parágrafos do resumo comentado que elaborei, para que meus leitores tenham ideia de como realizei a transposição didática dos argumentos do autor. Assim, para subsidiar a elaboração de perguntas sobre a história do trabalho, comecei explicando que tipo de coisa a História estuda, imaginando resumir Bloch expliquei isso da seguinte forma.

A História não é uma ciência do passado, é necessário fazer uma seleção entre a massa dos acontecimentos passados, o historiador só terá interesse por aqueles acontecimentos significativos atualmente, por aquelas coisas relevantes no presente, no tempo de quem estuda e escreve a História. Muitas vezes empregamos a palavra história para todos os estudos que tratam de mudanças ou permanências, por exemplo, ouvimos falar de uma história do sistema solar, de uma história das erupções vulcânicas, de uma história da vida marinha: nenhuma delas é a história dos historiadores. A mudança que interessa ao historiador é aquela na qual aparece o humano, o objeto da história são as pessoas, no plural porque a História é uma ciência da diversidade. Assim, através de diferentes vestígios, "por trás das paisagens sensíveis, das máquinas, dos escritos mais insípidos ou das instituições mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar". (Bloch, 2011, p.54).

No entanto, ciência dos homens e das mulheres ainda é vago demais, muitas outras ciências tratam dos humanos, por exemplo a Psicologia, a Medicina, assim, para definir a História é necessário acrescentar, "ciência dos homens, no tempo" (Bloch, 2011, p.59), pois o historiador não apenas pensa no humano, mas faz isso inserindo-o nas relações temporais, pensando em continuidades, permanências, rupturas, transformações, semelhanças, diferenças, nas palavras de Bloch: "respirando na atmosfera da categoria duração". (Bloch, 2011, p.61).

Por esse caminho penso ter explicado dois componentes fundamentais de um problema que interessa ao historiador (qualquer que seja o caminho teórico pelo qual iremos abordá-lo): os seres humanos e suas relações no tempo. Problematizei a expressão "homens" que aparece nas citações literais da seguinte forma:

O livro é escrito em 1944, ainda não tínhamos presenciado a emergência do movimento feminista e da crítica ao emprego da expressão "homem" como sinônimo de "humano", nesse sentido Bloch emprega na maioria das vezes a palavra "homem"

¹⁶ Sobre as relações entre o marxismo inglês e a Escola dos Annales minha referência principal é Hobsbawm (2019c).

ou "homens" como sinônimo de humano ou humanos. No resumo procurei trocar a expressão homem por "humano" ou por "homens e mulheres", mas nas citações diretas mantive o texto original. (Resumo Comentado do texto *Apologia da História*).

O outro material preparado para a primeira semana era uma aula, eu gravei utilizando o OBS uma exposição que consistia em slides com a minha voz ao fundo, como expliquei na introdução não consegui elaborar nada mais dinâmico com essa plataforma, não conseguia projetar rosto e slides ao mesmo tempo, nem mexer em programas mais sofisticados como o Canva. Nesse modelo, slide com conceitos e voz do professor ao fundo, gravei 20 minutos, apesar do material ter ficado um tanto quanto tosco e primário, fiquei feliz ao concluir a gravação - havia dado certo, eu tinha conseguido gravar uma aula. Só que na hora de postar vivenciei mais um problema com as tecnologias da informação - não conseguia postar no Moodle, a "coisa" girava, girava, e nunca baixava, entendi que estava muito pesada e que minha internet era muito lenta (5 megas). No curso disponibilizado pelo IF eu havia conseguido postar, mas o "detalhe" é que eu postei uma aula teste, com pouco mais de 2 minutos.

Compreendi a diferença depois que deu errado, antes de tentar postar eu imaginava que estava tudo sob controle. O colega Yuri, professor de Matemática no câmpus, passou a socorrer-me nesses temas. Além do "detalhe" referente ao tamanho do vídeo e da velocidade da minha internet, deu uma dica importante: diminuir a qualidade de resolução da gravação, o que deixaria o vídeo mais leve, também explicou que eu precisava criar um canal no youtube para postar no Moodle apenas o link, porque se todos os professores comesçassem a postar as coisas direto no Moodle a plataforma ficaria muito lenta. Canal no youtube?! Tá de brincadeira, como eu vou fazer isso?! Não ensinaram isso no curso! Foi minha primeira reação indignada. Marcamos então um dia no qual ele me ajudou a fazer isso: "ajudou" é um eufemismo, compartilhei a tela do meu PC com ele que acabou fazendo todo processo, e depois me ensinou como postar os vídeos.

Mas, isso foi só depois do primeiro encontro do curso, para essa aula precisei mudar os planos. Gravei apenas 4 minutos para explicar a questão do fórum e a noção de "problema", fiz o vídeo em baixa resolução para poder postar direto no Moodle, sem a necessidade de canal no youtube, e fui para aula disposto a orientar a realização da primeira atividade apenas com base na leitura, e em uma rápida exposição dos slides a partir dos quais havia tentado produzir a aula.

3.2 O primeiro encontro

Abri a aula com uma apresentação da minha trajetória profissional, falei rapidamente do curso mostrando os objetivos de aprendizagem presentes no programa, destaquei a vinculação dele com o mestrado profissional, que pretendia analisar seus resultados na minha dissertação, deixando claro que só iria analisar os trabalhos daqueles que autorizassem. A cada tema perguntava se tinham questões, se isso correspondia às suas expectativas, sem receber retorno. Ao concluir pedi que os estudantes fizessem algo semelhante, falassem um pouco de suas trajetórias escolares, ou profissionais caso estivessem trabalhando, que falassem das suas expectativas, sobre o que entendiam por "história" e "trabalho". Vivenciei então um dos longos silêncios que marcaram os encontros: a princípio nenhum estudante falou nada, ninguém abriu os microfones. Insisti perguntando se havia alguém ali, ou se estavam dormindo. Começou então uma pequena interação por escrito, no "bate-papo público".

Se resumiam a dizer a turma em que estavam matriculados, e acrescentar respostas breves sobre os motivos que os levaram ao curso: alguns porque gostavam de história, outros porque têm interesse pelo trabalho no setor de plásticos, outros estavam interessados nas horas de atividade complementar, com a suspensão das aulas estavam com tempo ocioso. Ninguém disse que já estava trabalhando.

Esse processo foi bastante lento porque todo mundo escreveu no bate-papo, ninguém abriu o microfone, portanto mesmo respostas simples demoravam um pouco para ser redigidas. Outro motivo da demora é que a maioria dos estudantes não falava "espontaneamente", a cada resposta eu precisava ficar insistindo para um próximo falar. Após algum tempo resolvi encerrar a atividade, entendi que não valia a pena seguir com aquela dinâmica, estava negativamente impressionado com o andamento da aula, minha expectativa era que passado o primeiro momento a interação iria fluir como ocorre nas aulas presenciais, sem necessidade de maiores invenções, mas isso não ocorreu.

Agora parece muito óbvio que não seria a mesma coisa, mas naquele momento não era: minha experiência com a plataforma era de reuniões docentes, e as pessoas ali falavam normalmente. Claro que reunião de professor é bem diferente de reunião de professor com estudante, mas eu menosprezei essa dificuldade, minha atenção estava mais voltada para os materiais que colocaria no Moodle do que propriamente para os encontros.

Entendi que o fundamental naquele momento era fazer uma apresentação do resumo disponível no Moodle, e abordar alguns conceitos da apresentação *Breve história da História*, para que os estudantes pudessem compreender a atividade solicitada no Moodle. Expliquei

minha dificuldade em postar a aula, e que naquele momento iria apresentar o conteúdo que não havia conseguido colocar no Moodle. Apresentei a formação da ideia de História como uma ciência, e as inovações representadas pelo marxismo e pela *Escola dos Annales*. Depois destaquei aspectos biográficos de Marc Bloch e destaquei a noção de "clássico": disse que a *Apologia da História* é uma obra "clássica" porque influenciou decisivamente o conjunto das gerações de historiadores que a sucederam, que o autor tratou de conceitos e definições discutidos até os dias atuais.

Nesse momento já passava das 15 horas, falei que eles estavam liberados, mas para minha surpresa eles manifestaram que queriam prosseguir e que tinham gostado da aula. Bem, eu realmente não estava gostando, mas entendi que os estudantes estavam "carentes" de aula uma vez que elas estavam suspensas, então prossegui tentando problematizar algumas ideias dos slides, sem sucesso. Mesmo passados meses dessa aula a minha sensação ao descrevê-la é bastante negativa, falei muito e eles pouco, minhas aulas não costumam ser assim, quando faço exposição dificilmente consigo apresentar tudo, porque é interrompida com debate, perguntas. Não acho que *a priori* a aula expositiva seja um problema, mas para quem tinha pensado na atividade síncrona como momento de debate e interação, o primeiro encontro foi um choque.

3.3 O fórum da primeira semana

A primeira coisa a destacar nas respostas da primeira semana é uma certa "fuga" do tema trabalho, a maioria dos educandos elaborou questionamentos que se referiam às relações do plástico com a temática ambiental, questionaram as preocupações da indústria com o meio ambiente, o impacto de seus produtos na saúde das pessoas, a visão dos consumidores sobre a indústria e os produtos plásticos. A pergunta da Educanda 9 é bem representativa dessas preocupações:

Como e quando o consumismo do plástico aumentou em massa, fazendo com que grande parte dos produtos do nosso cotidiano fossem de plástico? E por que não havia conscientização das empresas? (Educanda 9).

Ela revela uma ideia comum nas questões formuladas sobre a temática ambiental, de que a questão estaria vinculada à "consciência" e às "preocupações" das pessoas e empresas em relação à saúde e ao meio ambiente. É o que escreveu a Educanda 11, que gostaria de "compreender como as pessoas se preocupavam com os produtos que consumiam, sua origem e os impactos ambientais, como é isso atualmente e como afetou as indústrias". (Educanda 11). A mesma linha de argumentação foi adotada pela Educanda 10, ela perguntou sobre "as

preocupações das empresas com a saúde das pessoas que utilizam seus produtos e o que procuram fazer quanto a isso". (Educanda 10).

Uma linha peculiar foi adotada pelo Educando 6, ele também problematizou a questão ambiental e as preocupações das empresas com elas, mas não trouxe o debate para a área da saúde pública ou da "consciência" ambiental, na sua justificativa já enveredou pelo caminho de uma resposta para questão que havia formulado, reproduziu essa justificativa:

Com o surgimento da indústria, no século XVIII, surge com ela, a poluição em massa. Afetando diversas partes, sendo o foco, o meio ambiente. Um século depois substituindo o marfim dos elefantes, cascos e chifres bovinos, dá o surgimento do plástico. Que começa outra grande poluição. O aumento da ênfase da proteção ao meio ambiente pelo fato da poluição, foram desenvolvidas técnicas para recuperar os produtos plásticos no término de sua vida. Só nos anos 2000, que o plástico começa a ser reciclado. A preocupação com o meio ambiente cresceu, normas e leis foram criadas. As indústrias, como também a indústria do plástico, tiveram que se adaptar a essas leis. A ênfase ganhou uma grande força popular, fazendo com que a indústria não se preocupasse somente com a burocracia, mas também com o seu lucro, ou seja, o cliente. O controle da poluição é necessário então, para a proteção do meio ambiente gerando a permanência de seus consumidores e a sobrevivência do plástico. (Educando 6).

Creio que essa resposta é bastante rica porque juntou elementos diversos. O argumento inicial, de que o surgimento da indústria está ligado à poluição em massa, possivelmente é oriunda de uma discussão do primeiro ano. O próprio livro didático utilizado pela turma faz essa referência, com desenhos que representavam as primeiras cidades fabris. Na sequência ele passa para um argumento comum sobre a invenção do plástico estar relacionada às preocupações ambientais, à preservação dos elefantes.

A partir daí a resposta parece ganhar contornos mais originais. Embora a linha de argumentação seja bem semelhante ao discurso empresarial, o educando articulou de maneira original duas coisas distintas, a legislação e o lucro: ele argumenta que devido ao crescimento da poluição foram criadas leis, e que essas leis (burocracia) obrigavam a indústria a reciclar, apenas depois dessas leis que aparece a preocupação da indústria do plástico com os consumidores, os quais o educando trata por "seu lucro" evidenciando a preocupação econômica. O educando 6 foi o único a vincular a questão ambiental à questão econômica.

A Educanda 13 também questionou o consumo de plásticos, mas sua questão não foi na direção das preocupações ambientais, ela questionou: "Qual foi a primeira grande empresa da indústria do plástico a se estabelecer no Brasil? Quais semelhanças e diferenças podemos encontrar ao comparar o consumo da época dessa e o consumo das grandes empresas atuais?" (Educanda 13). Alguns estudantes apontaram questionamentos sobre o olhar da população acerca da indústria do plástico, é o caso do Educando 4. Ele questiona a visão das pessoas acerca das empresas e como o plástico era utilizado quando da formação da primeira indústria

no Brasil, justifica sua pergunta dizendo que é "importante para vermos como a evolução do plástico aumentou sua demanda e como o olhar das pessoas a esta nova indústria evoluiu". (Educatando 4).

Outro grupo de educandos problematizou a tecnologia e vinculou suas questões à relação da indústria com a evolução tecnológica. É o caso da Educanda 1:

[...] como foi para os donos de indústrias plásticas que já estavam familiarizados com as outras matérias-primas, aprenderem a utilizar, moldar, e desenvolver o plástico? E como eles conseguiram utilizar o avanço da tecnologia para facilitar o processo de transformação do plástico? Justificativa: Entender como foi a chegada do plástico e o aprimoramento dele no Brasil, e como foi para os donos de indústrias criarem praticidade e aperfeiçoamento do plástico, visto que hoje ele é indispensável no cotidiano, está presente em diversos setores, como automobilístico, embalagens, saúde, construção civil (sic), aviação, alimentício, entre outros. (Educanda 1).

A Educanda 2 enveredou pela mesma linha, ela perguntou como a indústria do plástico "se atualizou" em relação à tecnologia e explicou que gostaria de compreender "como a indústria lidou com a chegada da tecnologia e quais foram as grandes mudanças que ocorreram?".

Desses questionamentos destaco em primeiro lugar uma visão de trabalho colada à lógica patronal, isso é, os questionamentos não versam sobre o impacto das tecnologias para o trabalhador, e sim para o desenvolvimento da indústria. Na Educanda 1 a dimensão classista é explícita, a estudante pergunta como foi para os "donos das indústrias plásticas" aprender a lidar com o plástico, na Educanda 2 isso está implícito na lógica de tratamento da indústria como algo homogêneo, isso é, não existe a compreensão de que a tecnologia tem impactos distintos a depender do sujeito histórico que estamos interrogando.

Outra coisa é a ideia da tecnologia como algo que "chega", como se ela fosse algo inevitável que cai sobre a indústria, a tecnologia aparece como o próprio sujeito histórico da industrialização, como se os proprietários da indústria não tivessem um papel ativo na busca e/ou desenvolvimento de tecnologias.

O Educatando 8 formulou uma questão que não se encaixa em nenhum dos grupos temáticos mencionados, ele perguntou: "Quando a indústria do plástico se estabeleceu no Brasil, quais empresas e países em que se inspiraram para moldar suas empresas e como isso afetou seu processo de decisão tanto no presente quanto no passado". (Educatando 8). E justificou dizendo que isso é importante para "sabermos de onde o Brasil se inspirou na sua indústria e como isso nós (sic) afetou". (Educatando 8).

A Educanda 7, do primeiro ano, formulou uma questão diretamente relacionada às condições de trabalho, entre os educandos analisados aqui também não tem pares no que respeita ao interesse temático.

Problema de pesquisa: Como eram as condições dos primeiros trabalhadores da indústria do plástico (século XIX), quando se tratava de segurança do trabalho? Eles tinham algum seguro? Existia alguma lei sobre tal assunto? **Justificativa:** Creio que seja importante explicar e tentar entender as condições sociais de trabalho que os trabalhadores passaram ao longo da história, podendo assim perceber as mudanças e o quanto as leis de trabalho tem (sic) impacto nos dias atuais. (Resposta da Educanda 7).

Chamo atenção para a vinculação do passado com o presente. A maioria das respostas não tornou explícita essa relação no problema, utilizando a relação na justificativa, ao falar como estudar determinado assunto seria importante para os dias atuais. Daí podemos retirar uma vinculação sobre como os educandos enxergam a relação entre a história e o trabalho ou a profissão que possam exercer no futuro. Basicamente, as respostas indicam que o estudo de temas do "passado" é importante para identificar semelhança e diferenças e "compreender" a realidade atual.

Exemplifica isso a questão da Educanda 3:

Qual a representação das mulheres na indústria do plástico e o espaço que elas ocupam nos dias atuais? Conhecer a representação das mulheres na indústria do plástico e o espaço que elas ocupam nos dias atuais é importante na formação de estudantes do curso técnico em Plásticos, uma vez que há uma grande representação feminina nos cursos e interessa à (sic) esse público pesquisas sobre esse ambiente profissional no qual futuramente irão atuar. (Educanda 3).

O Educando 12 formulou a seguinte pergunta: "Como eram tratados os problemas dentro da indústria do plástico? Para que possa entender de que forma eles tratavam esses acontecimentos". (Educando 12). Esse estudante respondeu com atraso a questão, depois da aula síncrona de correção. Mesmo assim, considero que sua resposta foi aquela que ficou mais distante dos objetivos previstos, na qual o estudante mostrou menor compreensão do material disponibilizado. Ele tratou "problema" como sinônimo de "coisa ruim", sem fazer nenhuma relação com a discussão realizada nos materiais e no encontro síncrono, sequer exemplificou algum "problema/coisa ruim". Também não desenvolveu uma justificativa tentando se aproximar daquilo que foi discutido. Na realidade, minha impressão, confirmada em e-mails e em diálogos posteriores com o educando, é de que nas primeiras semanas ele sequer leu os materiais disponibilizados, apenas ouvia as aulas, e assim ficou sem condições de formular uma resposta coerente com o que era solicitado.

Outra coisa que chamou minha atenção foi a inexistência de diferenças significativas entre os educandos do primeiro e os educandos dos segundos e terceiros anos. No que diz respeito à qualidade das respostas e a demonstração do entendimento dos materiais disponibilizados, os estudantes do primeiro ano apresentaram respostas muito parecidas com os dos anos mais adiantados.

3.4 O segundo encontro

A aula síncrona dessa semana foi dedicada à correção das atividades postadas pelos estudantes no fórum do primeiro módulo. Destaquei trechos de respostas para indicar questões que "poderiam ser melhoradas", o que na linguagem dos estudantes são "erros". Isso também reproduzia uma prática dos tempos pré-pandemia, essa é uma estratégia que costumo utilizar na correção de trabalhos e exercícios, projeto algumas respostas e peço para a turma comentar. Na plataforma RNP nada de comentários, novamente virou uma aula expositiva.

Assim, falei que eles deveriam evitar generalizações como "as pessoas" ou "a sociedade", e tentar destacar em seus problemas sujeitos mais específicos. Perguntei, "em quem vocês pensam quando dizem as pessoas? Seriam os consumidores de plásticos? Os trabalhadores? Os empresários? É tudo a mesma coisa?". Também problematizei respostas que apresentavam noções vagas de tempo como "antigamente", pedi que vissem com atenção a ideia de duração, presente no resumo comentado *Apologia da História*. Também pedi que nas justificativas tentassem explicar porque é importante investigar os assuntos que eles estavam abordando, que deveriam explicar isso a partir da realidade contemporânea.

Citando a justificativa do Educando 6, destaquei que se eles já estavam convictos das respostas seria difícil construir uma verdadeira pesquisa, que eles precisavam exercitar a "dúvida" para produzir uma investigação histórica. Sugeri também que, sempre que eles citassem uma hipótese, ou lembrassem de alguma possível resposta para o seu problema, procurassem identificar de onde veio essa resposta, qual a referência que está utilizando. Expliquei que isso ajudaria a relativizar as possíveis respostas, por exemplo: quem chama as leis ambientais de burocracia?

No balanço que fiz dessa aula, no meu caderno de sala, destaquei minha quase "desistência" em relação à interação: cada vez que eu pedia participação e recebia silêncio ou demoradas participações por escrito, eu aumentava o tempo dedicado à exposição, em uma espécie de círculo vicioso. O silêncio da primeira aula se repetiu, nenhum estudante abriu o microfone, ao invés disso ocorreu uma interação pelo bate-papo público, porém não ligada ao conteúdo que eu estava discutindo, e sim a questões técnicas, de operacionalização do Moodle.

Uma estudante perguntou sobre como fazer para responder as questões do fórum, disse que não tinha conseguido enviar as respostas, que quando estava digitando as coisas se perdiam. Eu disse que não tinha ideia de porque isso estava ocorrendo, que eu ainda não tinha grande domínio da ferramenta. Falei que iria perguntar para o pessoal do Departamento de Ensino e para os colegas. Outras duas estudantes falaram que não haviam conseguido abrir o

vídeo que eu tinha postado, novamente pude contribuir com muito pouco, uma vez que os colegas tinham conseguido assistir eu disse que imagina ser algo no computador dela. Procurei deixar muito nítida minha ignorância nessas questões, eu já havia falado sobre isso no primeiro encontro, de como era um desafio oferecer uma disciplina via Moodle.

Na sequência apresentei a questão do fórum que deveriam responder, e fiz uma breve apresentação do material disponível. Um texto intitulado "Método e fontes para o estudo da História", resumo baseado no livro de Ciro Flamarion Cardoso, *Uma Introdução à história*, uma obra da década de 1980 que caracterizava a História como uma "ciência em construção". Ressaltei que isso não é uma particularidade da história, que todas as ciências estão em construção. Chamei atenção para o fato de que esse livro tinha sido escrito quarenta anos após o livro de Bloch, mas que as definições utilizadas eram bastante semelhantes, evidenciando a influência do historiador francês.

Nesse ponto considerei relevante discutir a ideia de ciência. Costumo fugir dessa expressão referindo-me à História como "conhecimento sistematizado", "campo de conhecimento" ou "disciplina acadêmica e escolar", tentando evitar a carga de mal entendidos que poderiam ser gerados pela expressão "ciência". Perguntei o que eles entendiam por ciência, se a história era uma ciência, mas fui "cortado" por uma pergunta no bate-papo sobre Ditadura Militar (1964 - 1985). Um educando perguntou porque muitas pessoas não falam de Ditadura Militar na escola, ou quando o fazem falam bem. Elogiei a pergunta, incentivei que outros colegas fizessem o mesmo, que poderiam (deveriam) interromper para trazer assuntos de seu interesse.

Comecei a resposta voltando ao assunto da semana anterior, lembrando que a História é sempre feita a partir do presente, dos problemas do presente, de certa visão de mundo e da compreensão das pessoas sobre o tempo em que vivem: então, se hoje temos muitos defensores da participação dos militares na política, é compreensível que estes considerem a Ditadura Militar (1964 - 1985) um bom período. Disse que o fato de alguns professores não falarem desse assunto polêmico poderia ser uma defesa diante da perseguição que o magistério público vem sofrendo nos últimos anos. Mas destaquei que falar "bem" da ditadura não era uma postura profissionalmente correta, que um professor de História, a luz do conhecimento histórico, não poderia falar "bem" da ditadura, embora algumas testemunhas históricas pudessem fazê-lo.

Também expliquei que questões ou afirmações no abstrato não pertencem ao método da "ciência" histórica: "bom" ou "ruim" para quem? "Bom" ou "ruim" sob qual ponto de vista? Disse que a ditadura não foi ruim para todo mundo, que grandes grupos empresariais como a

Rede Globo cresceram durante o Regime Militar (1964 - 1985), que proprietários de terra ampliaram suas propriedades, que esses não teriam nada a reclamar.

Mas e no caso de alguém mentir deliberadamente? Projetei um trecho do texto de Bloch onde ele dizia que por trás da impostura o historiador deve procurar o impostor. Expliquei que nos interessamos pela mentira de várias formas. Por exemplo, a ideia de que João Goulart era um comunista: é uma mentira evidente, mas ao historiador não basta constatar que muitos dos que afirmavam isso em 1964 sabiam que era mentira, nos interessa saber porque essa foi a mentira mobilizada, porque essa mentira "colou" naquele contexto. Saí um pouco do assunto ditadura brasileira e utilizei o exemplo dos panfletos nazistas que diziam que os comunistas obrigavam as mulheres russas a fazer sexo com os homens da classe operária: isso era mentira, mas por que colou? Comparei com o "kit gay" de Bolsonaro: não é difícil descobrir que isso é mentira, mas por que as pessoas acreditaram (acreditam) nisso?

Bem, a essa altura a aula já tinha uma hora e vinte, expliquei que o tempo estava esgotado, que quem quisesse poderia sair da aula, que poderíamos continuar, mas que isso não iria reduzir o tempo que eles deveriam dedicar à leitura dos textos e escrita das respostas. Os estudantes responderam pelo bate-papo que queriam continuar a aula. Começou uma significativa participação no bate-papo, com alguns perguntando sobre possíveis fontes e métodos de análise para os problemas que haviam formulado. Alguns colavam no bate-papo seus problemas, o que considerei positivo, pois funcionava como uma apresentação da problemática para a turma. O negativo é que não existiu interação, isso é, os educandos não comentaram os problemas uns dos outros, ou tentaram relacionar os seus problemas, faziam apenas questões diretas para mim, perguntando se o problema estava correto e quais as possíveis fontes.

Tentei fugir de respostas diretas, porque essa era a pergunta que eu havia formulado no fórum, não faria sentido ficar indicando fontes para cada um dos problemas formulados. Comecei então uma leitura conjunta do texto disponibilizado, destacando o trecho onde existia a definição de fonte e devolvendo a pergunta, isso é, perguntei se haviam entendido o trecho, se conseguiam visualizar fontes para seu problema a partir desse trecho. Essa prática, que chamo de "leitura coletiva", é bastante utilizada por mim em sala de aula: destaco uma página ou trecho importante de livros, peço para algum estudante ler e outros comentarem.

A aula durou uma hora e cinquenta minutos, nos momentos finais pedi que comentassem a aula, que dessem sugestões ou fizessem críticas, então alguns estudantes responderam que tinham gostado da aula, entendido as explicações, e que por eles poderia continuar assim.

Essa não era a minha opinião, eu estava bastante preocupado com o que considerava baixa interação, especialmente pelo fato de não falarem nos microfones e ficarem apenas escrevendo, o que tornava a aula lenta e a comunicação difícil. Também entendi que alguns alunos deveriam não estar gostando, mas preferiram não se manifestar por não terem ainda a intimidade ou naturalidade que teriam em sala de aula. A minha principal preocupação naquele momento era com o aspecto expositivo que ganharam as duas aulas síncronas: como os estudantes não falavam, elas viraram momentos nos quais só eu falava, as manifestações por escrito não eram suficientes para quebrar essa lógica porque elas eram muito curtas, e geralmente não se tratavam de comentários, mas de perguntas que me faziam falar ainda mais.

No meu entendimento, o que fazia alguns estudantes gostarem da aula, ou no mínimo afirmarem que gostavam, era exatamente o caráter tradicional que ela havia ganhado: estavam gostando porque eu falava bastante e explicava direito as coisas. Ao invés de um experiência inovadora de trabalho como princípio educativo, eu estava reproduzindo uma aula tradicional, com uma participação significativamente menor do que aquela que consigo seguindo o currículo e o plano de trabalho do IF.

3.5 O fórum da segunda semana

Com a questão desse fórum eu queria averiguar até que ponto os educandos efetivamente haviam compreendido os materiais disponibilizados, se havia clareza no que é uma fonte de pesquisa histórica. A maior parte dos educandos conseguiu listar fontes coerentes com os problemas que havia formulado, em menor número conseguiram relacionar essas fontes às técnicas de interpretação.

Por exemplo, a Educanda 13, que havia questionado sobre a visão dos consumidores e empresas acerca do consumo de plástico, falando na comparação entre o contexto de instalação da primeira indústria de plástico e o contexto atual, apontou como possível fonte depoimentos de história oral de trabalhadores dos dois períodos, e a utilização da técnica de comparação, "pois tratando diretamente com a fonte, são necessários diversos relatos para obter pontos de vista distintos". (Educanda 13). Já na hora de falar sobre método de interpretação ela escreveu que em se tratando das fontes escritas era necessário analisar o "contexto de produção, crítica interna e externa e comparação, pois tratando-se de documentos é extremamente importante que se confirme a veracidade dos mesmos e de seu conteúdo". (Educanda 13).

Destaco que os métodos aparecem em sequência reproduzindo expressões presentes nos textos, sem evidência de que a educanda efetivamente entendeu o que é tal método e

como pode ser utilizado, o que foi o tipo mais comum de resposta sobre o método que poderia ser utilizado para interrogar a fonte. Entendi que a questão foi mal formulada, porque a parte referente ao método no texto disponibilizado estava mais focada no debate sobre documentos antigos, na discussão de sua autenticidade, isso não encaixava nas fontes relacionadas aos problemas formulados pelos estudantes, eu deveria ter mudado a segunda pergunta após a leitura destes problemas na primeira semana, aliás já poderia ter previsto que os problemas estariam mais focados na história contemporânea, dado que tratávamos da indústria do plástico.

A Educanda 3, que havia questionado sobre o papel das mulheres na indústria do Plástico citou como possíveis fontes "depoimentos de pessoas que trabalham ou trabalharam na indústria, e artigos, revistas e periódicos científicos ou publicações da área de plásticos". (Educanda 3). Escreveu ainda que esses depoimentos seriam analisados partir da "transcrição das repostas nas entrevistas ou questionários. Para a metodologia de pesquisa bibliográfica será adotada a técnica de fichamento e análise do conteúdo dos artigos, revistas e periódicos científicos ou publicações da área de plásticos". (Educanda 3).

A Educanda 11, que tinha um questionamento sobre a visão das pessoas sobre os produtos que consumiam, seus impactos ambientais e como isso afetou a indústria, indicou como possíveis fontes "reclamações e manifestações de consumidores preocupados para com a forma de produção, descarte e curto tempo de uso dos produtos", e completou dizendo que "seria interessante comparar as composições e processo de fabricação dos produtos de plástico e se a demanda dos consumidores e suas reivindicações sobre impactos ambientais e sociais foram atendidas desde o surgimento da indústria de plástico até os dias atuais". (Educanda 11).

O Educando 6 disse que poderia utilizar "históricos e gráficos sobre poluição" como também "decretos que foram assinados em referência à necessidade de proteção do meio ambiente, dando (sic) o controle do plástico como também dos cuidados e normas que a indústria deve ter". (Educando 6). A Educanda 2 indicou como fontes que poderiam ajudar na investigação do seu problema fotografias e documentos, disse que poderia usar fotografias e comparar com "as de hoje em dia, pois assim mostraria em quais setores era usada a tecnologia" (Educanda 2), também listou a possibilidade de utilizar documentos da primeira indústria de plástico no Brasil, pois assim "mostraria quais eram os requisitos para o setor plástico depois que a tecnologia começou a ser utilizada". (Educanda 2). Chamou-me atenção o caráter um tanto vago da maneira pela qual ela realizou a atividade, "documentos" sem cuidado com a identificação sobre o tipo de documento, também o pouco desenvolvimento da

comunicação escrita, a educanda escreveu pouco, sem fazer relação com os documentos apresentados.

A Educanda 7 citou "documentos (leis, cartas, contratos, livros) das primeiras indústrias de plástico e fontes orais tais como depoimentos" (Educanda 7), explicando que poderia investigar:

[...] os documentos registrados do século XIX para saber se existia alguma legislação de trabalho na indústria do plástico, como eram os direitos e compará-los com os dos dias atuais, observar o que mudou e o que permaneceu igual e também buscar familiares dos primeiros trabalhadores para ouvir seus depoimentos. (Educanda 7).

Destaco a localização dos primeiros trabalhadores da indústria do plástico no século XIX, de fato a primeira fábrica de plásticos data de 1890, é uma informação corrente nos diversos sites¹⁷ que apresentam alguma história do plástico. Essa ideia de busca pelos pioneiros é recorrente em diversos estudantes, que apontam em seus problemas a ideia de procurar pelos primeiros, creio que podemos identificar aqui uma visão da pesquisa histórica como a da busca pelas "origens".

Entre as possíveis fontes indicadas, destaco a procura por depoimentos de parentes dos primeiros trabalhadores. Creio que essa menção seja resultado da discussão sobre o programa do curso, quando falei bastante de história oral, disse que uma das fontes com as quais trabalharíamos seria essa, daí explico a ocorrência de depoimentos orais como uma possível fonte indicada pela maioria dos educandos, mesmo no caso de um problema temporalmente situado no século XIX. Outra coisa que chama atenção é o aspecto genérico das indicações, "leis, cartas, contratos, livros", essa é uma constante nas respostas, não considero um erro ou equívoco, mas expressa o limite efetivo na identificação de fontes mais concretas, destaco que esse limite também era meu.

O Educando 8 indicou de maneira breve que poderia utilizar "documentos das primeiras empresas do plástico no Brasil e entrevistas com alguém que trabalhou nessas empresas" (Educando 8), sem indicar que tipo de documentos poderiam ser esses, também não se atentou ao fato de que oitenta anos após a instalação da primeira fábrica a dificuldade de encontrar algum trabalhador vivo seria gigantesca, pressupondo alguém próximo dos cem anos. Avalio que o educando, depois de ter formulado um problema interessante e coerente, assim como a maioria de seus colegas, teve dificuldades de imaginar possíveis fontes que

¹⁷<https://plasticovirtual.com.br>; <https://www.injecaoedepasticos.com.br>; <https://www.portalsaofrancisco.com.br>. Sites acessados em 8/09/2020.

poderiam responder essa questão. Na hora de falar sobre método ele simplesmente escreveu: "heurística e crítica (sic) externa". (Educando 8).

O Educando 4 apontou fontes "materiais" como os produtos feitos pelas primeiras indústrias, assim como "documentos", sem especificar o tipo de documento que poderia ser utilizado. Ao falar de um possível método ele fez uma nova relação de fontes, disse que buscaria "observar" e "analisar" produtos da época, "checar livros, cartas, catálogos, documentos, buscar também depoimentos dos trabalhadores, sabendo assim como a indústria era vista e para quais funções eram destinados os primeiros produtos produzidos". (Educando 4).

O Educando 5 mostrou certa confusão com o conceito de fonte, disse que sua fonte era a "evolução do plástico", assunto que tinha visto em uma aula de Química, que na mesma aula tinha visto também gráficos que mostram essa evolução. Ao falar das técnicas que poderia utilizar ele citou a "arqueologia" porque poderia estudar os materiais plásticos e entrevistas de história oral, para averiguar do que efetivamente decorre a evolução do uso.

A ideia de evolução do plástico como fonte é um equívoco, procurei explicar na aula síncrona seguinte dizendo que a "evolução do plástico" é um "acontecimento", um "processo" ou uma "interpretação" histórica, "fontes históricas" são os vestígios dessa evolução, isso é, dados das empresas sobre sua produção, objetos plásticos que se acumulam em nossos cotidiano e que podem ser observados através de fotos ou depoimentos, o acúmulo de lixo plástico também pode ser pensado como uma evidência do aumento de produção, etc... Sobre arqueologia expliquei que ela não é uma "técnica", mas que a ideia de utilizar objetos plásticos como fontes de análise para averiguar a evolução do seu consumo estava correta.

A Educanda 9 está entre as que tiveram dificuldades para entender o conceito de fonte histórica, ela fez um relato sobre o avanço da poluição causada por plásticos, dizendo que após a Segunda Guerra Mundial decolou o consumo de plásticos, e apenas nas décadas de 1970 - 80 começamos a observar uma preocupação com o ciclo desses materiais. Na hora de falar do método ela reproduziu a resposta baseada na enumeração daqueles listados no texto: "Críticas internas, externas e Estatística. Com essas técnicas poderia ver a veracidade das fontes e acompanhar as estatísticas para evidenciar uma grande mudança em questão do consumismo do plástico". (Educanda 9).

A Educanda 10 escreveu que:

As linguagens mudaram a cada artigo que analisei, pois, cada autor escreve a sua maneira de compreensão. Analisei em fontes diferentes os mesmos assuntos para contrapor uma da outra. Os dados são verídicos, visto que existem estudos sobre este problema e muitos profissionais confirmam que realmente pode ser prejudicial a (sic)saúde o consumo desenfreado de produtos plásticos. (Educanda 10).

Entendo que ela confundiu fontes históricas com as referências consultadas, citou sites onde poderiam ser encontrados estudos sobre o impacto ambiental do plástico. Disse que comparou os diferentes artigos que encontrou para contrapor as diferentes referências ("fontes"). Concluiu que os dados apresentados nos sites nos quais pesquisou são verídicos porque "existem estudos sobre este problema e muitos profissionais confirmam que realmente pode ser prejudicial a saúde o consumo desenfreado de produtos plásticos". (Educanda 10). Parece-me que a educanda exercitou a dúvida pesquisando em diferentes referências, mas seu movimento não está diretamente relacionado ao processo descrito nos materiais, entendeu que deveria questionar, sem tomar por verdadeiros os juízos dos primeiros depoimentos, mas não utilizou o caminho apontado nos textos para essa crítica.

Ela analisou dois sites, cruzou suas respostas, e concluiu pela veracidade. Não existiu o movimento de questionar o método pelo qual os autores dos artigos chegaram a essa "verdade", nesse sentido considero que a educanda não demonstrou a compreensão sobre o processo de produção das verdades científicas, limitou a ideia de pesquisa à ideia de revisão bibliográfica.

Avaliando o resultado dessas duas primeiras semanas eu entendi que, com algumas exceções, os estudantes estavam conseguindo acompanhar a proposta, que haviam formulado questões coerentes com a perspectiva de construção do conhecimento histórico. Também me pareceu que existia um compromisso no sentido de ler os materiais e se dedicar à resolução das atividades propostas nos fóruns.

Minha principal preocupação era em relação às aulas síncronas, meu entendimento é que elas tinham assumido um caráter demasiadamente expositivo, que não seria possível a partir delas desenvolver o debate e a troca de ideias entre os estudantes. Entendi que os educandos também queriam isso, que acabavam fazendo perguntas na aula já visando as repostas das questões do fórum, o que acabava por desvalorizar as leituras indicadas, pois eles não precisariam delas para realizar as atividades, conseguiriam fazer com base nas minhas explicações.

Decidi então que não deixaria a aula passar de uma hora, seria rigoroso ao cumprir o tempo previsto dedicando as próximas aulas somente à correção das questões do fórum anterior, sem permitir maior entrada nos materiais disponibilizados. A própria apresentação dos materiais já seria feita no próprio corpo do texto disponibilizado. Minha ideia era radicalizar a necessidade de ida aos textos, que os estudantes efetivamente lessem o que estava no Moodle. Além disso eu havia preparado vários materiais para a terceira semana, que abriria a fase de tematização com o assunto Revolução Industrial, dediquei bastante tempo a

isso e gostaria de valorizar esse esforço. Ao mesmo tempo fui pesquisando materiais para a composição das pastas temáticas, das quais falarei no quinto capítulo.

4 TRABALHO E REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A terceira semana do curso foi uma tentativa de estimular os estudantes a refletirem sobre os diferentes problemas que haviam formulado nas semanas anteriores a partir da temática da Revolução Industrial. Compreendendo esse momento como uma tematização, fase em que o professor faz uma "devolução sistematizada" de temas que haviam aparecido durante a investigação temática, optei por realizar essa devolução a partir da Revolução Industrial, que acredito ser o processo fundamental para uma reflexão historicamente situada sobre a Indústria do Plástico, assim ela é um tema transversal, que diz respeito a todos os problemas formulados, tem algo a ensinar sobre consumo, agressão ao meio ambiente, condições de trabalho, tecnologias, trabalho das mulheres...

Outra característica importante da tematização, conforme organizada nesse curso, foi a construção de diferentes percursos de estudo, uma vez que o material didático foi organizado em pastas temáticas conforme os problemas formulados nas duas primeiras semanas. Entre 18 de setembro e 2 de outubro os estudantes elaboraram trabalhos escritos em formato de pequenas redações, estimulados por diferentes materiais e diferentes questões. Nas duas semanas seguintes, de 2 a 16 de outubro, eles voltaram a realizar as mesmas atividades, isso é, relacionaram seus problemas de pesquisa e os estudos que já vinham realizando sobre eles com a transcrição das entrevistas de história oral. Essas entrevistas ficaram um pouco deslocadas em relação à minha proposta original, como demorei para realizá-las precisei jogá-las mais para frente, minha ideia era tê-las utilizado no início da tematização, articulando um exemplo concreto de fonte histórica ao debate teórico que havia proposto na segunda semana.

Como essas entrevistas ainda não estavam transcritas precisei adaptar o plano, e por isso comecei com o debate sobre a Revolução Industrial, depois com a divisão dos estudantes pelas pastas, e optei por utilizar as entrevistas como a conclusão da tematização. Minha ideia inicial é que pudesse ocorrer uma interação entre as diferentes possibilidades de interpretação delas enquanto fonte histórica. Nesse capítulo vou tratar da análise das atividades realizadas nessas semanas de exercícios comuns, seguindo uma ordem cronológica: a terceira semana, depois a sexta e a sétima.

4.1 Os materiais didáticos da terceira semana

Disponibilizei grande quantidade de materiais na terceira semana, o que levou os estudantes a pedir menos material, eles falaram que precisaram de mais de duas horas para estudar tudo que estava ali.

Um dos mais citados foi o PDF do capítulo 13 do livro didático *História em Movimento*, de Gislaine Azevedo e Reinaldo Seriacopi, que trata da Revolução Industrial. Este livro foi escolhido como referência para a seleção de textos didáticos porque estava disponível em PDF na internet, e também porque faz parte da bibliografia obrigatória das disciplinas de História I e II conforme o programa do IFSUL. Existem dois livros didáticos apontados como bibliografia obrigatória, o outro é a coleção organizada por Gilberto Cotrim, mas este não estava disponível na internet. Entendi que seria proveitoso um texto didático, de fácil leitura e compreensão, que pudesse servir como um suporte para a realização das leituras mais complexas, como os resumos comentados de textos acadêmicos e a análise de fontes. Expliquei que não era obrigatória a leitura do livro, mas que ela poderia ajudar na compreensão de algumas questões apontadas no resumo *A Era das Revoluções*.

Também disponibilizei o link de um vídeo da *Encyclopedia Britannica Films*, produzida por John Barnes, com a colaboração do professor David Thomson¹⁸. O vídeo é dublado. A abordagem da temática é própria de uma historiografia liberal, destaca as inovações tecnológicas, o aumento do consumo propiciado pela Revolução Industrial, apresenta a opressão dos operários com um processo passageiro, superado na medida que a revolução se expandia expandido também a capacidade de consumo. Embora discorde da interpretação, eu entendo que o vídeo responde aos critérios da História, ou seja, tem compromisso com a realidade factual e organiza uma explicação desses fatos a partir de um referencial teórico coerente.

Eu não estava interessado em apresentar apenas narrativas marxistas. Embora tenha assumido esse referencial teórico, minha intenção era que os estudantes pudessem ver outros, não apenas para que percebessem a pluralidade de interpretações, mas especialmente para que pudessem fazer a crítica dessas interpretações. O vídeo tem apenas 25 minutos, serve como introdução da temática, e assim como o livro didático poderia ser utilizado como apoio à leituras que eu considerava mais difíceis.

Eu produzi dois materiais para essa semana de tematização. O primeiro é o resumo comentado do capítulo referente à Revolução Industrial do livro *A Era das Revoluções* de Eric Hobsbawm (2005). Explorei nesse resumo algumas ideias que considero centrais na abordagem dessa revolução a partir do materialismo histórico. O resumo tinha dez páginas, não vou reproduzi-lo aqui integralmente, assim como fiz em relação ao texto *Apologia da História* vou discutir apenas alguns trechos, para que os leitores possam fazer uma ideia de

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>. Acessado em 10/09/2020.

como organizei o resumo, da linguagem empregada, de como articulei citações diretas com as minhas interpretações, e de como compreendo alguns dos principais assuntos relacionados a esse processo.

Reproduzo no parágrafo abaixo a maneira pela qual resumi o argumento de Hobsbawm (2005) sobre a importância da Revolução Industrial.

*Para Hobsbawm desde a invenção da agricultura e das cidades a Revolução Industrial foi o acontecimento mais importante da história do mundo, mas o que devemos entender por **Revolução Industrial**? O autor responde:*

[...] pela primeira vez na história da humanidade foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes de multiplicação rápida, constante e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. (Hobsbawm, 2005, p.50).

Isso é, antes da Revolução Industrial a produção de objetos estava condicionada por fatores naturais e humanos, a velocidade da produção dependia do ritmo da natureza e do corpo humano. A produção artesanal depende da força e da habilidade do humano que movimentava os instrumentos, existia um limite "natural" para a velocidade e a quantidade do que era produzido, assim como também existiam limites de demanda, isso é, o produtor não conseguiria baixar o preço do seu produto para ampliar a demanda porque seus custos eram fixos. Nos setores tocados pela Revolução Industrial esses limites foram rompidos, a consolidação do sistema fabril mecanizado permitiu que os industriais britânicos produzissem "em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar seu próprio mercado". (Hobsbawm, 2005, p.55).

Também destaquei a ideia de que a Revolução Industrial não teve um fim, como segue abaixo.

O autor destaca que a Revolução Industrial não teve um fim - diferente das revoluções políticas, onde podemos encontrar marcos para o início e o final - não faz sentido perguntar quando ela terminou porque "sua essência foi de que a mudança revolucionária se tornou norma desde então". (Hobsbawm, 2005, p.51). Isso é, os processos básicos de regulação do mundo do trabalho e da produção desencadeados pela Revolução seguem funcionando, o que podemos perguntar é quando ela se completou, quando a economia industrial se tornou dominante, capaz de subordinar o conjunto da produção.

Expliquei que isso ocorreu com a produção do aço e a expansão de trilhos que, inicialmente utilizados para transportar o carvão para fora das minas, acabaram ganhando o mundo.

A partir das imagens que aparecem no centro do livro construí uma pasta chamada "fontes". Fotografei com o meu celular as imagens com desenhos, gráficos e tabelas referentes à Revolução Industrial, depois passei as imagens para o computador com um cabo USB e postei no Moodle, como não consegui inserir a descrição de cada imagem abaixo dela, pois no livro elas não aparecem abaixo das imagens, fiz as descrições em um arquivo de word e coloquei na pasta.

Como disse na introdução, na construção desse curso me deparei com uma dificuldade referente à produção sobre a história da indústria do plástico. Não existe uma obra de história crítica acerca do trabalho nessa indústria, as elaborações que encontrei sobre história do setor são publicações patronais que visam comemorar o aniversário de instituições representativas da indústria, publicações nas quais a história do setor se confunde com a história de personalidades, basicamente inventores e donos de indústrias. A busca por sites na internet também traz algumas narrativas intituladas "história" do plástico que não respondem a um método de exposição próprio do nosso campo, trata-se de um amontoado de informações que não são contextualizadas em sua época, sem a formulação de problemas históricos, ou a preocupação em lidar com categorias ou referências teóricas, são narrativas que não explicam, apenas indicam fatos, nomes e datas.

Por exemplo, diferentes sites informam que Alexander Parkes descobriu em 1862 um material derivado da celulose que poderia substituir a borracha, e que esse material recebeu o nome de parkesina em homenagem ao seu descobridor; que John Wesley Hyatt conquistou um prêmio de 10 mil dólares em 1870 por desenvolver a celulóide a partir do nitrato de celulose; que a primeira fábrica de plásticos no Brasil foi inaugurada em 1949.

Da forma como compreendo História, nossas questões são outras: por que os seres humanos produzem plásticos? Mais especificamente, quais grupos de seres humanos se dedicam a essa produção? Por que o plástico é tão comum nos dias de hoje? Por que foi descoberto na metade do século XIX, mas só se popularizou na Segunda Guerra? Por que a expansão no Brasil foi mais lenta que na Europa e Estados Unidos? Como essa indústria transformou a relação dos seres humanos com o trabalho? Como condicionou a mobilização e distribuição de recursos?

Ao formular esse tipo de questão penso estar me posicionando na perspectiva da construção de uma história marxista, faço o tipo de perguntas (algumas das perguntas) que um marxista faria ao investigar uma história do plástico. Mas aqui não se trata de escrever história, aqui se trata de ensinar história. Mais do que elaborar respostas, meu procedimento

foi tentar primeiro explicar o tipo de pergunta que o historiador faz, e depois o método pelo qual tenta responder.

Nesse sentido elaborei um pequeno texto de três páginas, organizando algumas informações disponíveis em sites¹⁹ que discutem a indústria de transformados plásticos, a partir de uma perspectiva que considero coerente com a abordagem do materialismo histórico. Intitulei o texto como "Elementos para a construção de uma história do plástico", e na introdução pedi que os educandos procurassem, ao realizar a leitura:

[...] identificar as possíveis ligações entre esse texto e o texto sobre a Revolução Industrial, também procure identificar algumas condições do desenvolvimento histórico do tema que você escolheu para analisar. (Elementos para a construção de uma história do plástico, texto produzido para terceira semana do curso).

Vou destacar algumas interpretações, tal qual aparecem no texto disponibilizado no Moodle. Escrevi que:

A produção de plástico está associada ao modo capitalista de produção, a descoberta dessa matéria-prima, bem como os investimentos necessários à sua produção respondem à necessidades de mercado. A mola propulsora da descoberta da parkesina foi a necessidade de substituir a borracha enquanto matéria-prima... Nesse cenário Alexander Parkes descobriu em 1862 um material derivado da celulose (a parkesina, que recebe esse nome em função de Parkes), que podia ser moldada substituindo a borracha. Parkes apresentou sua descoberta na Exposição Internacional de Londres, importante espaço de demonstração de invenções tecnológicas e industriais, mas a descoberta não foi apropriada pela indústria rapidamente, por quê? Porque seus custos de produção eram muito elevados, ainda era menos custosa a exploração desse material nos setores colonizados da Ásia, e na América do Sul.

Depois de falar da Segunda Revolução Industrial, apresentei uma interpretação para a popularização do plástico:

O baixo custo é elemento central para compreendermos o processo de expansão da produção e utilização do plástico, como matéria-prima ele reduz os custos de produção, e como bem de consumo ele permite acesso para famílias de renda mais baixa, que não iriam acessar o consumo de determinados produtos se não fosse o plástico, por exemplo, consumindo brinquedos e utensílios domésticos, que antes do sucesso do plástico eram reaproveitados ou não-utilizados por essas famílias. Pensem nos brinquedos: objetos de madeira, metal, ou tecido, são mais caros, antes do plástico as crianças precisavam passar

¹⁹<https://plasticovirtual.com.br/>; <https://www.injecaoedepasticos.com.br/>; <https://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/historia-do-plastico>. Acessados em 8/09/2020. Esses sites já foram citados no capítulo anterior.

sem eles, Pelé jogava futebol com uma bola de meia, hoje a indústria do plástico pode fornecer enorme variedade de bolas mesmo à famílias com poucos recursos financeiros.

O site 'Portal São Francisco'²⁰ apresenta alguns dados sobre a evolução do faturamento relacionado a materiais plásticos no mercado norte-americano: o PVC que começou a ser produzido em 1928, atingiu em 1949 um faturamento de US\$100 milhões, em 1964 triplicou o valor atingindo US\$277 milhões; o estireno que começou a ser produzido em 1937, atingiu em 1964 um faturamento de US\$362 milhões, quatro vezes o montante inicial; o polietileno produzido desde 1941, atingiu em 1954 US\$100 milhões, e em 1964 US\$471 milhões.

Observem que os valores referentes ao faturamento não apenas crescem, como também apresentam uma aceleração no seu crescimento. Observe também que o salto de crescimento ocorre na segunda metade do século XX, período histórico no qual a industrialização avançou, atingindo áreas que anteriormente dedicavam-se apenas às atividade agrícolas, à extração e ao artesanato, isso é, áreas consideradas fornecedoras de matéria-prima.

Feita essa apresentação vou passar agora a descrição da aula que iniciou a terceira semana.

4.2 O terceiro encontro

Comecei o encontro comentando as respostas do fórum da semana anterior. Dentro da estratégia de estimular comentários e verificar o grau de compreensão dos estudantes acerca dos materiais disponibilizados, projetei alguns trechos dos textos disponibilizados no Moodle na semana anterior, concentrando-me nas respostas referentes ao método de análise, que era a parte das repostas que havia ficado mais distante da minha expectativa.

Comecei dizendo que a "heurística", que muitos tinham indicado como método, referia-se a um conjunto de conhecimentos considerados prévios à pesquisa, porque na grande maioria das vezes não são produzidos pelo próprio historiador, exigem saberes específicos e deles se encarregam profissionais de outras disciplinas. Exemplifiquei dizendo que eu não sabia formular uma tabela ou gráfico com evolução de salários, mas poderia me valer do trabalho de profissionais da economia ou da estatística para utilizar esses materiais em um estudo sobre valorização do trabalho. Disse que entre as fontes disponíveis na pasta estavam gráficos e tabelas, lembrei que essas tabelas não foram produzidas no período ao qual se

²⁰ <https://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/historia-do-plastico>, acessado em 08/09/2020.

referem, que eram compilações de dados do governo britânico e de demais governos europeus referentes ao período.

Outra foi a ideia de "crítica externa", destaquei que ela consiste em determinar se um documento é autêntico, falso ou se mescla momentos de autenticidade com falsificações. Isso pode ser feito comparando determinado documento com outros da mesma época que já foram reconhecidos como autênticos, e/ou relacionando o contexto da época no qual o documento teria sido escrito com o seu conteúdo. Destaquei que geralmente isso se aplica para documentos encontrados fortuitamente, que não teria muito sentido falar em "crítica externa" se tuas fontes forem os textos sobre legislação ambiental no Brasil, documentos que são públicos desde a sua redação, que já estão catalogados, sobre os quais não paira dúvida quanto à autenticidade.

Também abordei a noção de "crítica interna", expliquei que ela tem vários momentos, ou procedimentos, por exemplo, "interpretar" está ligado a não se deixar enganar quanto ao sentido de palavras, frases, períodos, mas que não se resume a isso, que quando o autor fala em crítica de sinceridade está referindo-se a averiguar até que ponto são críveis as afirmações feitas pelo autor do documento, em que contexto ele diz ou escreve isso, se teria ou não motivos para mentir. Aí citei o exemplo dos desenhos disponibilizados na pasta, que eles deveriam observar quem os produziu, quando, com qual intenção, retomei a ideia de que o vestígio do passado foi produzido por alguém, que precisavam ter atenção para esse aspecto.

Outra expressão utilizada nas respostas foi "comparar", nesse caso eu citei um trecho do resumo de *Apologia da História* indicando que a comparação sistemática de todos os testemunhos disponíveis para cada fato, dado ou processo, é uma das características fundamentais do método de construção do conhecimento historiográfico.

Na parte final apresentei um slide projetando a questão que estava no fórum. Destaquei novamente a ideia de fontes, perguntei se todos tinham entendido o que era, reforcei que deveriam voltar ao texto sobre método e fontes caso tivessem dúvida. Como fiz nos outros encontros apresentei brevemente o material disponibilizado, especialmente o livro de Hobsbawm que era a leitura básica da semana. Como disse no final do outro capítulo, minha ideia era não estender a aula além das 15 horas, também não adiantar explicações sobre o texto, coisa que acabou ocorrendo nas outras aulas, gostaria de avaliar o comprometimento com a leitura dos materiais.

4.3 O fórum da terceira semana

As respostas referentes à primeira questão seguiram um padrão muito semelhante, a maioria escolheu uma imagem depois citou trechos do resumo colocando-os entre aspas. Na hora de dizer se a fonte escolhida poderia servir para outro tipo de reflexão eles fizeram relações com o presente, e não outras reflexões sobre o processo de Revolução Industrial.

Por exemplo, a Educanda 2 escolheu um desenho sobre trabalho infantil nas minas de carvão, fez então duas citações do resumo no qual o autor mencionava a prática dos industriais de pagar o mínimo possível, obrigando os trabalhadores a estender suas jornadas de trabalho, e empregar quase toda família nas fábricas. A educanda explicou a escolha pela imagem e pelos trechos escolhidos com um parágrafo que reproduzo aqui:

[...] mostra como os patrões pagavam o mínimo para sobreviver e seus locais de trabalho eram precários. Como analisado no desenho há trabalho infantil, onde o salário era ainda menor e a situação de trabalho para as crianças eram desumanas. (Educanda 2).

Efetivamente a fonte escolhida não mostra como os patrões pagavam o mínimo, o que ela mostra é uma criança trabalhando em uma mina de carvão, no entanto a estudante conseguiu estabelecer a relação da fonte com a argumentação do autor, do ponto de vista da verificação sobre se estavam entendendo o material disponibilizado considerei a atividade dela satisfatória, pois conseguiu relacionar elementos distintos. Respondendo se a fonte selecionada poderia ser utilizada para outro tipo de reflexão, a educanda reproduziu a prática dos outros colegas, fundamentou reflexões sobre o tempo presente: para ela essa imagem faz pensar que ainda "existem trabalhos que são mal remunerados, em locais precários. Sobre o trabalho infantil, ele ainda acontece e muitas crianças são sujeitas a trabalhos que são cruéis para a sua idade". (Educanda 2).

A Educanda 7, escolheu uma imagem que apresentava uma moradia operária e relacionou à citações literais do resumo: utilizando as aspas e citando a referência corretamente, isso é, atribuindo a Hobsbawm o que era trecho de Hobsbawm, e ao professor o que era texto meu. Um dos trechos pontuava que com o estabelecimento das relações capitalistas de trabalho os pobres mergulharam em "desmoralização" (expressão de Hobsbawm), alcoolismo, promiscuidade sexual, criminalidade, epidemias. O outro trecho citado aludia às condições de moradia, dizendo que os trabalhadores eram abrigados em verdadeiros cortiços com péssimas condições que compunham o quadro da "desmoralização". A educanda formulou o seguinte comentário:

[...] o texto fala que os pobres aguentaram o quanto puderam, porém com o tempo foram caindo em total desmoralização, tendo uma condição de vida precária, o que passou a fazer parte do dia a dia, dando espaço para eles aceitarem a exploração. (Educanda 7).

A Educanda 7 não faz uma relação explícita com a imagem, não comenta e analisa os elementos do desenho, não explora o que a imagem poderia nos dizer sobre as aludidas condições precárias de moradia. Creio que existiu uma aceitação da interpretação de Hobsbawm acerca da realidade da classe operária, a imagem aparece mais como uma ilustração do que o autor escreveu do que como um elemento efetivo de análise, que possa agregar ou questionar algum aspecto da interpretação.

Ao responder se a fonte disponibilizada permitia outro tipo de interpretação, ela disse que "ainda existem trabalhos que são considerados escravos, onde os patrões não dão direitos aos trabalhadores, levando assim a uma má condição de vida, causando possíveis acidentes e desenvolvendo doenças". (Educanda 7). Existe um erro no emprego do conceito de "escravo", aqueles trabalhadores não eram escravos, a educanda está utilizando a expressão "escravo" como sinônimo de trabalhador explorado, sem a devida atenção conceitual. Outro aspecto é que o comentário não remete ao desenho apresentado como fonte, o conteúdo da imagem eram as condições de moradia, e a educanda relacionou seu comentário às relações de trabalho.

Outro que classificou os trabalhadores como escravos foi o Educando 4, na hora de responder se a fonte escolhida poderia fundamentar outro tipo de reflexão o educando fez uma relação com os dias atuais, "ainda existem muitos trabalhos excessivos e abusivos, considerados escravos até os dias de hoje" (Educando 4), ou seja, demonstrou pouca apropriação de conceitos históricos, uma vez que os trabalhadores ingleses não eram escravos durante a Primeira Revolução Industrial.

Ele escolheu o desenho sobre uma moradia operária e destacou duas passagens do resumo sobre o livro de Hobsbawm: uma que mencionava a eclosão de vários levantes e protestos de trabalhadores a partir da década de 1830; outra que mencionava a condição "assustadora", de pobreza extrema a qual era submetida a classe trabalhadora. Ao relacionar os trechos citados com a imagem, o educando escreveu que o texto era coerente com a fonte porque:

[...] ele destaca muito bem a pobreza e as condições miseráveis (sic) que os trabalhadores viviam e quão abusivos eram os patrões, no texto fala sobre Revolução Industrial, que impactou muito os países europeus, tanto economicamente como socialmente, com o advento da revolução boa parte da população passou a habitar em grandes cidades, essas pessoas foram forçadas a trabalhar em condições precárias e muitas vezes com cargas horárias excessivas, inclusive as crianças trabalhavam, essas mudanças sociais (sic) criaram um grande espírito revolucionário na parcela mais pobre da população, criando assim espaço para o surgimento de ideias marxistas e anti-monárquicas (sic), o que pode se comprovar em relação as fontes. (Educando 4).

A fonte destacada não nos permite identificar nenhuma dessas coisas, o desenho mostra condições precárias de moradia, com muitas pessoas em um mesmo cômodo, mas não o fato dos patrões serem "abusivos", as condições de trabalho, a carga horária, o trabalho infantil, o "espírito revolucionário", o "surgimento de ideias marxistas"... Tudo isso está presente no texto de Hobsbawm e no livro didático, essas interpretações não são oriundas da observação da imagem apresentada. Entendi que ele absorveu como "verdadeiro" o que está escrito nos textos, sem lograr estabelecer uma relação coerente entre fonte histórica e interpretação do historiador, isso é, sem lograr uma leitura crítica da própria fonte e de sua relação com o texto.

A Educanda 9 apontou um gráfico sobre a exportação de tecidos de algodão da Inglaterra, e corretamente relacionou o gráfico a trechos nos quais Hobsbawm falava sobre a importância do algodão na Primeira Revolução Industrial, e de que as produções e vendas dos tecidos eram uma boa evidência da decolagem da economia industrial britânica. Comentando a relação entre a fonte e os trechos a Educanda 9 disse que podemos notar pelo gráfico "a afirmação do autor de que o governo inglês dificultou a importação da chita indiana e dando espaço a substitutos produzidos pela própria indústria, está coerente". (Educanda 9).

Na questão que perguntava se era possível estabelecer outro tipo de reflexão a partir daquela fonte a educanda afirmou que sim, "podemos refletir que nesta caminhada da indústria algodoeira foi utilizado o trabalho escravo que ajudou a impulsionar o investimento industrial onde teve o surgimento das primeiras instalações industriais europeias e que isso ainda é uma realidade no mundo". (Educanda 9). Assim como seus colegas, ela refletiu tomando a fonte (gráfico) e o texto do autor como uma unidade, não estabeleceu outra reflexão a partir do gráfico, mas a partir do texto do autor, pois era o texto que apontava a complementaridade entre a indústria algodoeira britânica e o trabalho escravo.

A Educanda 11 respondeu a questão de maneira bastante original, diferente dos outros colegas ela não fez citações diretas do texto de Hobsbawm, apenas mencionou as fontes (desenho sobre bairro operário, e mulheres e crianças trabalhando em minas de carvão), e construiu um parágrafo relacionado-as ao conteúdo do livro:

O texto apresenta a informação de que a exploração da mão-de-obra mantinha a população proletária em situação de subsistência. A primeira e a segunda imagem corroboram para esta afirmação ilustrando as condições de vida nas residências e o trabalho exercido por esta parte da sociedade incluindo crianças e mulheres como mostra a terceira imagem. (Educanda 11).

O Educando 8 escolheu uma imagem de trabalho na indústria produzido pela Real Comissão de Inquérito em 1832. Reproduziu uma citação de Hobsbawm na qual ele argumentava que a burguesia utilizou o maquinário para rebaixar o valor dos salários tanto

quanto possível, em seu comentário o educando pontuou que: "as informações contidas no texto são muito precisas com o que podemos encontrar nas fontes não somente apontado como eram as coisas como também explicando como se chegou a isso". (Educando 8).

Na realidade o desenho mostrava operários trabalhando em máquinas, não era possível através da fonte escolhida afirmar que existia rebaixamento de salário, nem a substituição de trabalhadores por máquinas. Dessa forma podemos dizer que o estudante reproduziu uma resposta semelhante a dos colegas, isso é, relacionou trechos do livro com fontes históricas sem compreender perfeitamente como o historiador utiliza essas fontes, na prática utilizou o desenho como uma ilustração do argumento do autor. Só que, no caso destacado pelo Educando 8, não podemos dizer que a imagem ilustrava o argumento oferecido.

Respondendo se a fonte destacada poderia dar ensejo a outras reflexões, ele seguiu a prática dos colegas de relacionar a resposta ao tempo presente. Disse que ela o levou a pensar "em como o mundo está hoje em dia, e como o mundo mesmo após tanto tempo desde a revolução industrial ter começado ainda existem injustiças no mundo trabalhista (trabalhos quase escravos) mesmo que seja muito menor do que no passado". (Educando 8). Ou seja, reproduz também a ideia comum entre seus colegas, de identificar condições ruins de trabalho e grande exploração ao trabalho escravo.

Vou passar agora à análise da segunda resposta, que relacionava a Revolução Industrial ao problema de pesquisa formulado por cada um. A intenção desse questionamento, além de observar a compreensão dos estudantes sobre a Revolução Industrial, era ajudar no entendimento da relação de condicionamento desta revolução em relação à indústria do plástico, de como esse acontecimento foi fundamental na consolidação do sistema capitalista, sem o qual a produção do plástico seria inconcebível em sua dimensão contemporânea.

Começo por onde terminei, com o Educando 8, diz ele:

No texto pode-se ver que a primeira civilização a ter a industrialização foi a Inglaterra e o que levou a isso não foi a sua ciência ou tecnologia avançadas mais sim seu âmbito social que aboliu a servidão, outro ponto era sua política que visava o lucro. com (sic) isso podemos ver que pelo menos o que levou os países a (sic) industrialização foi o lucro. ela (sic) foi o pioneiro na industrialização o que levou outros países a adotar a medida também. (Resposta do Educando 8).

O problema que ele havia formulado na primeira semana era sobre a influência de países do exterior sobre indústria do plástico no Brasil, ele não explicita essa relação no texto, mas pelo que entendi a intenção era pontuar que a abolição da servidão e a política voltada ao lucro seriam influências da revolução industrial inglesa sobre o restante do mundo. Entendida dessa forma a resposta faz sentido, ele procurava sobre a influência de países pioneiros na revolução industrial no Brasil, e a identifica na expansão do capitalismo ("política que visava

o lucro") e no trabalho livre (abolição da servidão) como desdobramentos da Revolução Industrial.

Por outro lado, existe a menção da abolição da servidão que fica contraditória com a afirmação que equiparava exploração do trabalho à escravidão. Da maneira como compreendi, parece-me que ele considerou trabalho assalariado e visando o lucro como algo positivo, que se distancia da servidão e da escravidão, nesse caso teve dificuldade para compreender a lógica de expansão do capitalismo.

A Educanda 11, que tinha um problema vinculado ao consumo do plástico escreveu o seguinte:

A Revolução Industrial impactou a vida da população de muitas formas diferentes os burgueses ampliaram seu capital, os servos que antes trabalhavam em terras comunais e foram expulsas (sic) das terras passaram a trabalhar nas fabricas (sic) e a ter acesso a bens (sic) de consumo mas ainda viviam em situações precárias. Com a chegada da indústria do plástico os bens de consumo tornaram-se mais baratos e consequentemente ficaram de mais fácil acesso à (sic) mais pessoas. (Educanda 11).

Os trabalhadores não tiveram acesso a mais bens de consumo com a Primeira Revolução Industrial, entendo que o texto é muito claro sobre isso, e pelo demonstrado nas respostas que relacionavam fontes e interpretações, a linguagem do resumo foi compreendida pelos estudantes. Uma evidência disso é que muitos pontuaram as péssimas condições de vida naquela resposta, então parece contraditório que eles entendam que os trabalhadores eram miseráveis, comiam mal, moravam mal, adoeciam rápido, colocavam os filhos para trabalhar para compensar os baixos salários, e ao mesmo tempo aumentaram seu consumo?!

A partir do referencial teórico que estou utilizando, creio que essa contradição pode ser compreendida a partir da força do senso comum existente entre o grupo de estudantes, e da incapacidade do professor - a partir da instrução acerca da Revolução Industrial - de tencioná-lo, assim os estudantes compreendem as informações que recebem sobre o processo histórico estudado, mas não são capazes de utilizar o conhecimento sobre esse assunto para refletir sobre um problema de seu interesse. É um senso comum propagado pela indústria do plástico que uma de suas grandes conquistas foi a democratização do consumo, que ela faz produtos baratos que podem ser consumidos por todos. Nas propagandas da Abiplast²¹ (Associação Brasileira da Indústria do Plástico) temos fotos de pessoas felizes, crianças sorrindo ao pegar iogurte em potes plásticos, divertindo-se com brinquedos de plástico, famílias felizes consumindo produtos plásticos, etc... Da forma como entendo, a educanda acabou projetando essa imagem para o cenário da Revolução Industrial, atribuiu à indústria a capacidade de

²¹ As fotos indicadas nesse parágrafo podem ser vistas nos folders "Economia Circular: da teoria à prática" e "Perfil 2018", disponíveis no site da Abiplast (abioplast.org.br). No mesmo site podem ser encontradas diversas outras imagens com o mesmo teor. Acessado em 17/01/2021.

ampliar o consumo fazendo essa ligação com a realidade atual. Quando pedi que observasse apenas o contexto da Revolução Industrial ela foi capaz de identificar que os trabalhadores viviam mal, quando pedi para relacionar os dois contextos prevaleceu a educação sobre a instrução, e ela apontou que a relação estava no acesso a mais bens de consumo.

Raciocínio semelhante pode ser feito em relação à resposta da Educanda 10. Na questão que pedia para relacionar o seu tema de pesquisa aos textos sobre Revolução Industrial ela disse que:

Quando a Revolução Industrial ainda não havia iniciado, as indústrias (sic) não demonstravam tanta preocupação com a qualidade de seus produtos, mas se importavam mais com o lucro que iriam ter, se levamos em conta a condição dos trabalhadores, das crianças que trabalhavam por muitas horas, não se pode ter o melhor desempenho no trabalho se estiverem exaustos e tudo reflete no produto final que é entregue as pessoas que os utilizam. (Educanda 10).

Quando a Revolução Industrial não tinha iniciado não existiam indústrias, mas o principal aqui é que resplandece um senso comum sobre o mundo do trabalho. A educanda reproduz a ideologia de que as empresas modernas se preocupam com o bem estar dos seus trabalhadores porque isso se reflete no produto final, e "joga" essa visão para os primórdios da Revolução Industrial, sugerindo que o carvão extraído de minas subterrâneas teria melhor qualidade se não fosse extraído por crianças exaustas.

A Educanda 9 trilhou um caminho nada crítico à indústria capitalista, ela disse que com a Revolução Industrial surgiram vários ramos de empresas sendo a indústria do plástico uma delas, e complementou dizendo que:

Por causa da indústria capitalista que investe na pesquisa científica interessada no desenvolvimento de tecnologias capazes de reduzir custos de produção, desenvolvendo os produtos mais baratos, modernos e necessários para os consumidores, como por exemplo: as peças de carros, potes, brinquedo etc. (Educanda 9).

Destaco a interpretação que venho fazendo sobre a atitude dos educandos nesse fórum. Para responder as primeiras questões eles parecem mimetizar fonte histórica e interpretação do autor. Não conseguem pensar a fonte como algo distinto da interpretação, ao escrever sobre a fonte costumam agregar elementos que existem apenas no texto do autor, ou seja, tratam a fonte como ilustração do texto. Na hora de refletir sobre a fonte fazem um mesmo movimento, percebem que algumas das coisas indicadas pelo autor ainda existem no mundo contemporâneo, e grifam esse aspecto.

Porém, na segunda questão, quando os estudantes são convidados a refletir sobre seu problema a partir de um texto que não fala explicitamente dele, a resposta parece se distanciar completamente da linha de argumentação do material. No caso da Educanda 9, é visível que a ideia de que a "indústria capitalista" investe em tecnologias buscando desenvolver produtos

"necessários para os consumidores", não está presente em Hobsbawm, é um elemento do discurso empresarial, mobilizado pela educanda para responder a questão.

Outro que vai nessa linha é o Educando 6. Demonstrando compreensão do conteúdo trabalhado e capacidade de articulação com sua problemática, ele escreveu que:

Na revolução industrial, com a indústria surgiram as grandes demandas, que levou a uma divisão de grupos ou operários que realizavam pequenas tarefas. Com o tempo essas empresas tiveram que obter uma organização e controle desses grupos, pela perda de materiais ou produtos, que custavam o seu lucro. Na segunda guerra mundial surge o controle de qualidade, com o desejo e o objetivo de corrigir os erros, mais precisamente os erros de processos. Então desde já, as empresas começaram a se preocupar com a qualidade e o seu cliente. Com a evolução e os fatos observados pela ciência, as empresas tiveram que se preocupar não apenas com as suas ações internas, como agora também externas. Que justifica o cuidado das empresas com o meio ambiente. (Educando 6).

Do ponto de vista do conhecimento histórico, chama atenção a identificação de alguns processos vinculados à Revolução Industrial, como a divisão de tarefas, o controle sobre o grupo de trabalhadores e o objetivo de lucro. O interessante é que esses elementos são explicados de maneira original, em uma linha argumentativa bastante diferente daquela adotada pelos autores da bibliografia indicada. Para o Educando 6 o controle exercido sobre os trabalhadores se deve à necessidade de não desperdiçar materiais, que acabam prejudicando o lucro, da mesma forma o controle de qualidade, que serve pra corrigir os erros e entregar um produto de qualidade para o cliente. É a partir dessa preocupação com a qualidade que o educando chega na proteção do meio ambiente, uma questão "externa", com a qual as empresas agora também precisam se preocupar.

A interpretação do processo é feita sob a perspectiva do patrão, não aparecem na resposta do educando conceitos como exploração, nem tampouco a contradição entre esses interesses pretensamente voltados à formação de um produto de qualidade, e a péssima qualidade das condições de trabalho a qual eles estão ligados. Achei interessante porque o educando efetivamente ajustou um modo de pensar, uma visão sobre o mundo e o trabalho na indústria do plástico, aos conteúdos que estava estudando. Construiu uma narrativa histórica própria relacionando o material de cunho notadamente crítico que havia sido disponibilizado no curso, com um discurso de justificação das atitudes patronais.

Bem, essa semana encerrou um primeiro momento no qual as atividades eram comuns, como expliquei anteriormente, ela abriu um momento de tematização a partir do qual os estudantes foram remetidos a pastas temáticas, seguindo cada um deles um caminho próprio a partir do seu interesse de pesquisa. A avaliação destes trabalhos será feita no próximo capítulo de maneira individualizada. Como disse na introdução, essa é a lógica da exposição do meu

trabalho, creio que inserir a análise destes trabalhos nesse momento deixaria o texto um pouco confuso - ou mais confuso, caso meu leitor já esteja achando confusa essa dissertação.

Na sexta e sétima semanas, após a apresentação de uma primeira versão de seus trabalhos, os educandos tornaram a realizar atividades comuns, isso é, com um mesmo material: a transcrição das entrevistas de história oral.

4.4 Enfim, a história oral!

Vou começar esse tópico com uma breve descrição das entrevistas, de como fiz para realizá-las. A exclamação é uma tentativa de compartilhar com os leitores o sentimento de satisfação que tive ao concluir a preparação desse material. Como comentei acima minha ideia era utilizar esse material muito antes, gostaria de ter utilizado logo no início da tematização, cheguei a averiguar a possibilidade de realizar debates com egressos e estudantes ainda na fase de investigação temática, em um movimento de codificação e decodificação da realidade atual de trabalho.

Mas, vamos ao que foi possível fazer.

Realizei três entrevistas, sempre utilizando a plataforma RNP e o OBS para a gravação, tenho somente áudio, não imagem, pois a plataforma travava ao abrir a câmera e também porque eu não consegui projetar a imagem no OBS, apenas salvei o áudio, não dominava (ainda não domino) completamente essa tecnologia. As duas primeiras entrevistas foram realizadas em 17 e 18 de agosto 2020, conversei com dois egressos do curso de plásticos aos quais havia chegado através do professor João, coordenador do curso. Ele fez o contato inicial, me apresentando e explicando que se tratava de uma entrevista sobre trajetória profissional que seria utilizada em um curso de História para estudantes do IF, depois disso mantive contato com os dois através de whatsapp, quando expliquei mais alguns detalhes e combinamos data, horário e o modo pelo qual seria realizada a entrevista.

Tenho consciência da limitação representada por isso, a inexistência de um contato pessoal mais prolongado e da visualização do rosto da pessoa com quem falava, devem ter produzido certo distanciamento que não contribui para um melhor desenvolvimento do relato. No entanto, a mediação do professor João que havia sido docente dos entrevistados, e o fato de estar falando como professor do IF, na preparação de um curso aplicado nesse educandário, parecem ter ajudado no sentido criar um mínimo de confiança necessária ao desenvolvimento do relato. O próprio conteúdo das questões também colaborou nesse sentido. Na medida em que não era meu objetivo discutir temas mais íntimos ou delicados, acredito que as conversas se desenvolveram com naturalidade, principalmente, avaliei que as

entrevistas poderiam trazer benefícios ao curso mesmo que não sendo realizadas nas condições ideais.

A terceira entrevista foi com Maria da Silva, uma trabalhadora da operação que atualmente atua no sindicato dos trabalhadores da indústria do plástico, a entrevista foi realizada no dia 8 de setembro de 2020, quando o curso já estava em andamento. Minha ideia inicial era entrevistar também um egresso do IF que trabalhasse na operação de máquinas, no entanto não consegui essa pessoa, o professor João tentou localizar algum estudante, mas não encontrou ninguém que mantivesse contato com o Instituto. Via de regra o curso não mantém contato direto com seus egressos, a relação com João e Joana é um tanto extraordinária e deve ser explicada: João já foi professor substituto no câmpus de Sapucaia, atuou na área técnica lecionando para o curso de plásticos, e Joana, no momento da entrevista, era estudante da Graduação em Engenharia do IF. Depois de se formar no ensino médio técnico e construir carreira na indústria do plástico, ela voltou ao Instituto para realizar uma graduação, foi isso que tornou o acesso a esses entrevistados mais rápido e fácil.

Nessa questão novamente a pandemia aparece como um obstáculo, em tempos de normalidade pretendia chegar aos trabalhadores da operação visitando as fábricas de plásticos, também pretendia localizar alguns egressos pelas listas de formandos. Na pandemia é bem mais complicado, Joana por exemplo estava em trabalho remoto e os operários da indústria em trabalho presencial, cheguei a pedir para ela se seria possível contatar alguém para entrevista, mas ela infelizmente não conseguiu.

Então realizei a busca através do sindicato que representa os trabalhadores da região, também não tinha nenhum contato anterior nesse sindicato, cheguei através da internet, pesquisei pelo sindicato dos trabalhadores da indústria do plástico e liguei para o número disponível. A primeira ligação foi atendida por um funcionário que pediu para ligar no dia seguinte, passando o contato de uma das diretoras. Sempre por telefone expliquei do que se tratava e perguntei se ela poderia dar a entrevista. Destaco que minha ideia inicial não era entrevistar um dirigente sindical, mas um trabalhador que estivesse na base das operações, o problema é que de maneira remota isso era muito difícil porque não conhecia nenhum trabalhador da categoria, acabei optando por entrevistar uma dirigente sindical, que conforme nossa conversa prévia já tinha trabalhado nas operações.

No primeiro dia marcado Maria deu "o bolo", isso é, avisou que não poderia fazer a gravação porque estava envolvida em uma rescisão de contrato, que isso iria demorar. Na sequência ela entrou em contato pedindo que mandasse um roteiro da entrevista com as principais perguntas, e também a carta de consentimento com a explicação detalhada sobre a

entrevista. Na primeira conversa havíamos combinado que eu passaria o termo depois da entrevista, evidentemente para mim não teve nenhum problema enviar o termo e o roteiro antes, mas entendo que esse cuidado revela o maior distanciamento que tinha em relação à entrevistada. João e Joana haviam feito a entrevista e respondido as questões com naturalidade, entendo que a mediação do professor João, bem como nossa relação comum com o Instituto, foram suficientes para criar um clima de confiança e naturalidade. No caso de Maria isso não existia, nunca tínhamos nos encontrado, nem tampouco tínhamos amigos ou conhecidos em comum. Passei a documentação e no segundo dia marcado realizei a entrevista, nos mesmos moldes das anteriores.

Como materiais de apoio para os estudantes disponibilizei dois vídeos. Um é "*O que é História Oral?*", que tem duração de 5 minutos, é organizado pela Editora Contexto e apresenta o professor José Carlos Sebe Meihy explicando os significados da história oral. O professor apresenta a história oral como um "mecanismo" utilizado para validar experiências que não estão registradas em documentos escritos, um "instrumento" onde a entrevista gravada ou filmada tem como fundamento executar um registro que permita valorizar uma reflexão impossibilitada pelo registro escrito. Ele define 4 gêneros de História Oral: a história oral de vida; a história oral temática; a tradição oral; a história oral testemunhal.

Outro é o vídeo "*História Oral: panorama histórico e reflexões para o presente*", vídeo organizado pela Secretária de Educação do Estado de São Paulo no qual a professora Suzana Lopes Salgado Ribeiro apresenta a história oral a partir de sua origem e com algumas reflexões sobre suas contribuições para o mundo presente. O vídeo tem 49 minutos, define história oral como um processo de trabalho que privilegia o diálogo e a colaboração de sujeitos, considerando suas experiências, memórias, identidades, subjetividades, para a produção do conhecimento. Nesse processo são construídas narrativas e estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos. Ela também destaca a questão da memória: trabalhar com história oral é trabalhar com memória, por isso diz que devemos compreender que ela opera em múltiplas temporalidades: a memória opera no presente, constrói a narrativa no presente, respondendo a demandas do presente.

4.5 O sexto encontro

Na aula síncrona do dia 2 de outubro fiz uma exposição sobre história oral, preparei uma fala de cerca de 30 minutos, intitulada *A História Oral: entrevistas como fonte para o estudo da história*. Meu objetivo era apresentar alguns aspectos necessários para a compreensão e utilização das entrevistas disponibilizadas no módulo, na perspectiva sugerida

no título, isso é, de que a história oral é um tipo de fonte para a construção do conhecimento histórico. Ressaltei que existem diferentes abordagens sobre o assunto, e que era importante que assistissem os vídeos disponibilizados no Moodle para uma melhor apreensão da temática.

No primeiro slide, com o título "O que é História Oral?", eu a defini como uma metodologia de pesquisa em História que valoriza o depoimento de sujeitos históricos, registrados em áudio e/ou imagem, como fonte para construção do conhecimento histórico. Ressaltei que esse depoimento é intencional e esclarecido, que as pessoas que eu havia entrevistado sabiam que estavam dando depoimentos que seriam utilizados no curso. Meu objetivo foi ressaltar que ao falarmos de história oral estamos lidando com fontes intencionalmente produzidas, chamando atenção para o fato de que muitas das fontes utilizadas para a pesquisa histórica (talvez a maioria) não foram produzidas com a intenção de deixar um testemunho para o historiador, são produzidas com outras finalidades.

Em slide intitulado "justificativas para sua utilização", falei que da perspectiva teórica na qual eu me situava, uma das grandes contribuições da história oral era a possibilidade de construir uma história dos de baixo, isso é, daqueles grupos que tradicionalmente não conseguem registrar sua história através das fontes convencionais e dos canais oficiais. Disse também que a história oral é muito utilizada em uma perspectiva de construção de identidades e preservação de memórias, utilizei o exemplo das comunidades quilombolas e indígenas, disse o quão importante é essa metodologia para que possamos conhecer a perspectivas de comunidades que não têm na escrita uma forma habitual de registro e comunicação. Também disse que a história oral pode ser utilizada para alcançar aspectos ou dimensões da história que não seriam acessados por fontes convencionais, como temas do cotidiano.

Expliquei que a história oral é utilizada na perspectiva de capturar subjetividades, isso é, de conhecer diferentes olhares sobre um mesmo processo histórico. Disse que eles não deveriam pensar as entrevistas em um lógica de desconfiança, "brigando" com o entrevistado, isso é, a lógica não é concordar ou discordar, aceitar de modo acrítico, ou duvidar de tudo que a pessoa fala, mas sim tentar entender o que ela está dizendo. Falei que se eles observassem diferenças ou contradições entre a fala de um entrevistado e de outro, ou entre as falas e os conhecimentos que eles tinham sobre o tema, deveriam tentar refletir sobre o que explica essas diferenças, e não tentar rotular o entrevistado como mentiroso, ou como alguém que estaria esquecendo das coisas.

Em slide chamado *As entrevistas disponibilizadas* descrevi o processo de realização delas. Falei que nessa semana disponibilizaria apenas duas entrevistas de pessoas que ocupam

diferentes posições na indústria do plástico, uma egressa do IF que trabalha na gestão de uma indústria de transformados plásticos, e uma trabalhadora da operação de máquinas, que no momento era da direção do sindicato dos trabalhadores do plástico. Expliquei que estaria mantendo o anonimato das fontes, que estaria trabalhando com nomes fictícios tanto para as entrevistadas quanto para as empresas nas quais elas trabalham ou trabalharam, e que apareciam nas entrevistas.

Também orientei os estudantes a tentarem relacionar o que as entrevistadas diriam com outras fontes e textos discutidos ao longo do curso, que os depoimentos deveriam ser entendidos, conforme sugere o título da minha exposição, como mais uma fonte. No último slide apresentei e expliquei as questões que estavam no fórum e que deveria ser respondidas:

1 - Destaque as principais diferenças entre os depoimentos disponibilizados. A partir do que estudamos sobre fontes históricas você consegue formular uma explicação para a existência dessas diferenças? Caso você tenha considerado as semelhanças mais relevantes pode responder essa questão utilizando-as. 2- Destaque os trechos (ou algum trecho) que podem ser relacionados ao seu problema de pesquisa. Eles permitem a formulação de alguma hipótese para a questão que você formulou?

Os comentários dos estudantes, sempre por escrito no "bate-papo público", giraram ao redor do trabalho que havia sido entregue, perguntaram se eu já tinha corrigido, ao que respondi que não. Uma estudante mencionou que não tinha conseguido fazer a questão número quatro do seu trabalho, que se referia ao estabelecimento de relações de contradição ou de complementaridade entre os materiais das pastas temáticas e a Revolução Industrial. Expliquei novamente a questão, dizendo que complementaridade era destacar algum aspecto em que um texto completava o outro, se um texto se relacionava ao outro trazendo novos elementos ou reforçando ideias e informações; e contradição era se ela identificava elementos que parecem excludentes, interpretações ou informações contrárias, que poderiam sugerir algum tipo de erro, engano, ou perspectiva muito distinta sobre o mundo e os processos históricos observados.

Uma estudante mencionou que não conseguiu postar no moodle e que por isso havia mandado para o meu e-mail. Outros dois pediram mais tempo para realizar o trabalho, eu mencionei que poderia dar no máximo até o domingo, que os prazos eram algo fundamental no curso, um dos critérios de avaliação, que os educandos deveriam ler os materiais e tentar fazer os trabalhos, que caso faltasse tempo deveriam relatar isso em seu trabalho ou nos fóruns, explicando motivos e como investiu as horas dedicadas às atividades assíncronas. Expliquei que eu estava interessado no tempo, em saber porque não tinha dado tempo. A resposta dos dois educandos foi que acharam que existia muitos materiais, mas que até domingo conseguiriam mandar o trabalho.

4.6 O fórum da sexta semana

As respostas referentes à primeira questão do fórum seguiram um caminho muito semelhante.

A Educanda 1 respondeu que as entrevistas são bastante divergentes, e citou trechos que aludiam aos acidentes de trabalho, enquanto Maria havia relatado a existência de inúmeros acidentes de trabalho, e o fato das indústrias sempre tentarem se eximir das responsabilidades culpabilizando o trabalhador; Joana havia dito que a segurança é uma das principais preocupações da indústria onde trabalha. Abaixo reproduzo o parágrafo no qual a Educanda 1 tenta explicar essas divergências.

As entrevistas são bastantes divergentes, acredito que as principais causas para tamanhas diferenças seja a formação educacional, e a desigualdade social que acaba fazendo com que algumas pessoas não tenham as mesmas oportunidades que as outras, como aconteceu com a Maria, que infelizmente não teve as mesmas oportunidades ou incentivo que Joana teve para fazer escolas técnicas, Maria já começou a trabalhar cedo e acabou trabalhando em uma empresa muito exploratória e que não visa os direitos e a segurança dos trabalhadores. Com a Joana as coisas aconteceram bem diferentes, como ela tinha oportunidades melhores e uma formação maior, ela acabou trabalhando em uma empresa mais estruturada, e com condições boas de trabalho. (Educanda 1).

A Educanda 3 explicou que:

[...] as principais diferenças entre os depoimentos foram as experiências das entrevistadas na indústria do plástico. No depoimento de Joana dos Santos, podemos ver como sua experiência positiva com a indústria reflete na visão que ela tem da mesma. O contrário pode ser observado no depoimento de Maria dos Santos. (Educanda 3).

Parece um consenso nas respostas formuladas pelos educandos que, pessoas que tiveram boas experiências no trabalho industrial refletem uma visão positiva sobre o mesmo, enquanto que pessoas que tiveram experiências negativas relatam visões negativas. Na questão que pedida para explicar as diferenças observadas a partir do vídeo sobre história oral, a educanda elaborou um parágrafo um tanto quanto confuso, ela disse que as diferenças podem ser explicadas pela "visão da sociedade nos períodos de revolução industrial" (Educanda 3), sendo que nessa época, "as mulheres entraram em grandes números no mercado de trabalho, mas com um salário muito baixo, sendo que boa parte não permanência por muito tempo". (Educanda 3).

Escrevi "confusa" porque a ideia de visão da "sociedade" pareceu um pouco estranha como resposta a uma questão que pedia para analisar os depoimentos de duas pessoas específicas, também existiu pouca preocupação com o aspecto temporal, já que os textos sobre Revolução Industrial não faziam referência ao período das entrevistas, também porque não existiu no depoimento delas menção a menor remuneração ou a tempo reduzido de

trabalho nas empresas. Minha hipótese é que a educanda comentou aspectos lidos nos textos disponibilizados na pasta temática e no módulo 3, utilizando-os para responder a questão sobre as entrevistas.

O Educando 5 construiu uma resposta muito semelhante a de seus colegas, identificou as diferenças nos depoimentos e as explicou a partir da ideia de que elas tinham visões diferentes porque pertenciam a:

[...] classes diferentes, possuem nível de estudo diferente (sic) começaram no mundo do trabalho em momentos diferentes, enquanto a Maria vivenciou o quão sofrido é o trabalho, desde pequena, que fez nas empresas como operária a Joana não teve todas as dificuldades que a ela teve, embora tenha tido dificuldades diferentes, o que fez a Joana ter um ponto de vista diferente da Maria que trabalhava arduamente para ajudar a família e a si mesma. (Educando 5).

O Educando 12 trilhou o mesmo caminho, disse que a diferença entre os depoimentos é que Joana "teve muitas oportunidades de estudos, já a Maria, não teve muitas oportunidades, não tinha carteira assinada por exemplo. Dois pensamentos diferentes, vidas diferente (sic), experiências diferentes". (Educando 12). O educando fala em oportunidade de estudo de Joana, e ao invés de comparar com o trecho no qual Maria diz que fez apenas o ensino fundamental, passa para a informação de que ela não tinha carteira assinada, isso é, não constrói na frase que escreveu todo o raciocínio que deve ter efetuado. Meu entendimento é que ele *quis* dizer que por não ter tido oportunidades de estudo, Maria não conseguiu um trabalho com carteira assinada.

O Educando 8 ao comparar as entrevistas teve uma abordagem ligeiramente diferente das analisadas anteriormente, ele disse que o que explica a diferença entre as duas entrevistas são as "empresas nas quais trabalharam", enquanto Joana "conseguiu trabalhar em uma boa empresa", Maria não teve essa oportunidade. A outra explicação está na "estrutura familiar", isso é, enquanto "Maria teve que trabalhar desde cedo por causa de sua estrutura familiar", Joana "conseguiu focar só nos estudos e teve o exemplo do pai que já trabalhava nessa área". (Educando 8).

Considerarei a resposta dele muito interessante do ponto de vista da discussão acerca das visões de história e trabalho, o educando vai além da constatação de que experiências distintas levam à formação de depoimentos distintos sobre o mundo do trabalho, e a partir das entrevistas tenta organizar uma explicação para essas diferentes experiências. Na visão do Educando 8, o problema não é a pobreza, que obrigou Maria a trabalhar desde cedo para ajudar em casa, o problema é a família, que colocou Maria no trabalho.

Nessa questão as respostas são todas muito semelhantes quanto à sua construção, os educandos destacam a narrativa positiva de Joana sobre seu trabalho, e a narrativa negativa de

Maria, e depois explicam dizendo que isso deve-se ao fato de que elas tiveram experiências de trabalho distintas. Essas experiências são relacionadas às oportunidades de escolaridade, ao caráter das empresas que cada uma trabalhou, e até à estrutura familiar, que no caso de Joana incentivou os estudos, e no caso de Maria direcionou prematuramente ao mercado de trabalho.

Do ponto de vista do trabalho como categoria explicativa destaco a hegemonia do discurso que aponta a baixa escolaridade como causa da pobreza: conforme as respostas dos estudantes, não é por ser pobre que Maria estudou menos, é por ter estudado menos que Maria é pobre. Se fui feliz na exposição do meu referencial teórico, meus leitores compreenderão que na minha perspectiva isso é um equívoco: é a base de trabalho que condiciona as possibilidades educacionais, não se trata de causa e efeito, mas de pressões estruturais. Alguém que começa a trabalhar com doze anos de idade, desenvolve uma relação completamente distinta com a escola e a educação, do que alguém que pôde concluir o ensino médio e só depois entrar no mercado de empregos.

Vou me dedicar agora à discussão da segunda resposta, onde os estudantes estabeleciam relações entre as entrevistas e seus problemas de pesquisa.

A Educanda 1 citou apenas o depoimento de Maria como relevante para sua problemática, ela escreveu que esse relato era muito importante para que pudesse "entender melhor como era a relação dos trabalhadores e das indústrias sobre os acidentes nas máquinas injetoras [...] da para perceber que esse tema era tratado de uma forma muito escassa nas indústrias, e os trabalhadores como vítimas (sic) disso acabavam sofrendo". (Educanda 1). Entendo que a estudante mostrou apropriação dos textos e materiais disponibilizados, demonstrou capacidade de aplicar a discussão feita nos vídeos sobre história oral recorrendo à trajetória de vida e o lugar que as entrevistadas ocupavam no mundo do trabalho para explicar as diferenças.

Na mesma resposta voltou à perspectiva otimista que havia demonstrado no primeiro trabalho - entregue na semana anterior, que vou comentar no próximo capítulo. Segundo a Educanda 1, "felizmente" o acordo sobre prevenção de acidentes, e que depois foi convertido em Convenção, propiciou a tomada de "medidas de prevenção, com máquinas com dispositivo de segurança e cursos". (Educanda 1). Do ponto de vista da visão sobre história e trabalho destaco a recorrência da ideia de que existe uma evolução, de que as coisas estão melhorando, nessa questão isso é explicitado pela ideia da Convenção que teria ampliado a segurança no trabalho.

O Educando 5, ao relacionar um trecho da entrevista com seu problema de pesquisa, citou uma passagem da entrevista de Joana na qual ela afirma que uma grande empresa do

ramo havia comprado a empresa na qual ela trabalhava, e tinha se transferido para a área do Pólo Petroquímico. A relação que o educando fez com seu problema foi que "com a expansão da área do Pólo Petroquímico o plástico, um dos derivados do petróleo, conseguiu ser produzido em massa e tendo matéria-prima suficiente para a confecção de inúmeras (sic) formas e tamanhos, assim resolvendo todas as possibilidades consumistas possíveis". (Educando 5). A Educanda 3 citou (de maneira indireta) um trecho da entrevista de Joana dos Santos no qual ela afirma que as mulheres têm mais dificuldade de ascensão a cargos, e de ocupar cargos de chefia. Essa citação não veio acompanhada de análise.

O Educando 8 citou o trecho da entrevista de Joana onde ela diz que a indústria está evoluindo, que ela não pode parar, precisar estar sempre "esperta". E relacionou ao seu problema dizendo que:

[...] podemos ver com isso que a indústria do plástico está sempre em mudança seja ela para melhor ou para pior dependendo do ponto de vista. Essa mudança que está sempre ocorrendo pode muito bem ser algo que as primeiras empresas buscavam como um processo de aprimoramento contínuo. (Educando 8).

Achei interessante o trecho "para melhor ou para pior dependendo do ponto de vista", porque demonstra que o educando incorporou a questão da relatividade do conhecimento e das posições sobre a indústria, um ponto que parece comum a todos os educandos. Nesse sentido acredito que uma das grandes contribuições dessas entrevistas para a turma foi essa, a percepção que o trabalho industrial não é homogêneo, que dependendo do lugar que ocupa na indústria a pessoa terá diferentes visões e experiências.

O Educando 4 apontou um trecho no qual Maria dizia que o plástico é "muito explorador" e não está "nem aí pro trabalhador", e outro de Joana, que dizia que sua empresa está sempre preocupada com ideias para melhorar o trabalho. Na sua reflexão o educando escreveu que a partir dessa diferença formulou a hipótese de que no passado também era assim: "diferentes camadas da sociedade viam a indústria de formas diferentes, podendo ser vista de boa forma pelos trabalhadores que tiveram experiências boas, e de má forma por aqueles que corriam riscos e não tinham seus direitos". (Educando 4).

Considero positivo na trajetória do educando a coerência com o problema formulado, algo que no primeiro fórum havia ficado meio confuso, com a justaposição de duas problemáticas distintas, foi ganhando coerência ao longo da disciplina, assim como a hipótese formulada por ele. Pareceu demonstrar uma compreensão acerca da pluralidade de "visões" sobre a indústria, escapando da perspectiva homogeneizadora que marca as primeiras formulações dos educandos, nesse sentido sua evolução explicita um desenvolvimento

comum à maioria dos estudantes que fizeram o curso: começam entendendo história como algo unificado e homogêneo, e ao longo das leituras e atividades vão incorporando a dimensão da pluralidade de percepções e experiências. Momento decisivo nesse processo, conforme pude avaliar nos educandos que fizeram esse curso, foram as entrevistas de Joana e Maria.

Sintetizando as avaliações que fiz até aqui posso dizer que considerei bastante positivo o retorno dos estudantes nessa atividade. Em que pese algumas dificuldades apontadas acima, no geral, acredito que as respostas demonstram que eles conseguiram tratar as entrevistas como fontes históricas, contextualizando as declarações e sem absolutizar as posições ali apresentadas. Estabeleceram hipóteses coerentes para as diferenças verificadas, e no momento de relacionar as entrevistas com suas questões demonstraram que estavam atentos, localizando trechos que efetivamente poderiam ser utilizados para a discussão de suas temáticas.

4.7 O sétimo encontro

Os materiais que disponibilizei nesse módulo foram a transcrição da entrevista com João dos Santos, e algumas páginas da caderneta de formação política do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR). Minha ideia era tentar uma entrevista com algum catador organizado, entendi que isso daria uma visão mais ampla da cadeia do trabalho no plástico, já que a reciclagem é uma das temáticas abordadas com mais frequência pela indústria, e o catador está na base dessa cadeia de reciclagem. Já que nos materiais da indústria do plástico, e como observei posteriormente também no imaginário dos estudantes, a questão da preservação ambiental está muito ligada à "consciência" do consumidor, entendi que trazer ao primeiro plano o depoimento de quem trabalha com isso poderia ajudar em uma alteração de foco.

Infelizmente não consegui essa entrevista, entrei em contato com cooperativas de catadores, mas as pessoas que se disponibilizavam a gravar não eram catadores, trabalhavam todas na assessoria. Mesmo que esses entrevistados pudessem ter um olhar mais militante sobre a questão, entendi que do ponto de vista de assessoria eu já tinha o depoimento de João dos Santos, minha ideia era dar voz a um catador. Também pedi auxílio para João dos Santos, se ele poderia articular entrevista com algum dos catadores assessorados por ele, mas ele acabou não retornando, explicou em conversa que era bem complicado.

Então resolvi utilizar um material do MNCR que eu já tinha, sei que é muito diferente a perspectiva de um depoimento de história oral, e a perspectiva de um caderno de formação

para catadores, mas entendi que, utilizando a atividade síncrona para alertar sobre essas diferenças, essa seria a melhor opção. O material aborda a reciclagem na perspectiva do mundo do trabalho, explica a relação dos catadores com a indústria transformadora, e principalmente, ele já estava pronto. Uma vez eu estava "espremido" em relação ao tempo, seria mais fácil utilizar esse material do que fazer uma entrevista. O método que utilizei foi bem rudimentar: fotografei utilizando meu celular algumas das páginas da cartilha, aquelas que considerei mais relevantes, depois passei essas fotos para o computador e postei-as no Moodle em uma pasta específica.

Utilizei a aula síncrona para discutir alguns dos principais equívocos presentes na primeira versão do trabalho do curso, entregue na semana anterior. Não vou fazer o relato desses equívocos aqui, porque eles serão tratados no próximo capítulo, destaco apenas que a apresentação foi feita reproduzindo os trechos dos trabalhos, o mesmo procedimento que utilizava para corrigir as questões dos fóruns. Depois falei do material que havia disponibilizado para essa semana, e projetei a questão no slide:

1 - Apresente elementos complementares e/ou contraditórios entre o trabalho na indústria do plástico e o trabalho dos catadores. 2 - A partir dos vídeos sobre História Oral disponibilizados no módulo 6, elabore um parágrafo comentando o depoimento de João dos Santos.

Expliquei que gostaria de ter entrevistado um catador, mas na impossibilidade de fazer isso estava disponibilizando algumas páginas de uma cartilha do Movimento, também expliquei rapidamente o que é o MNCR. Procurei chamar atenção para o fato de que a caderneta era uma fonte diversa das entrevistas, que deveriam ter isso em consideração, como principais diferenças destaquei quatro aspectos.

O primeiro é que a cartilha é um material dirigido aos catadores para sua formação política, não foi produzido com a intenção de contar uma história do movimento, embora seus autores provavelmente tivessem consciência de que ele poderia servir para isso no futuro. Segundo, que a entrevista é uma narrativa na primeira pessoa do singular, o entrevistado narra uma perspectiva pessoal; já a cartilha é produzida por um sujeito coletivo, narra o processo de trabalho do ponto de vista de uma categoria. Terceiro, que a cartilha tem uma perspectiva política explícita, é um texto de formação política e traz isso ao primeiro plano; já nas entrevistas, embora os sujeitos tenham uma perspectiva política, essa não é explícita, está permeando as suas declarações. Por último, chamei atenção para uma questão temporal, a cartilha foi publicada em 2010, a entrevista foi concedida em 2020, uma década depois.

4.8 O fórum da sétima semana

Grande parte das indústrias de plástico, só visam e se preocupam com seu lucro e a alta produção de seus produtos, as embalagens e os resíduos plásticos fabricados pela indústria que vão parar em ruas, aterros, rios, já não tem (sic) mais importância após o lucro obtido sobre eles. E por conta desse descaso das indústrias acontece um desequilíbrio sustentável, que atualmente só não é maior por causa dos catadores, que fazem um trabalho nobre de recolher, separar, reutilizar os materiais (sic) possíveis e fazer o descarte correto das embalagens e resíduos plásticos que são jogados em rios, ruas, entre outros. Contudo, os catadores infelizmente não são valorizados pela sociedade, e nem pelo poder público, apesar de realizarem um trabalho que proporciona muitos benefícios ambientais e sustentáveis, são mal remunerados e não são vistos com a devida importância. (Educanda 1).

Entendi que a educanda observou corretamente uma relação de complementaridade, e o papel do trabalho do catador para no equilíbrio ambiental, nesse sentido os materiais disponibilizados cumpriram o objetivo que eu havia traçado, de retirar o debate sobre o meio ambiente do foco na "consciência" do consumidor e da indústria. A Educanda 1 colocou claramente o trabalho como elemento central da reflexão ambiental, coerente com o conteúdo do material disponibilizado. Na resposta à segunda questão, a educanda tratou de classificar a entrevista entre os diferentes tipos de história oral que o vídeo apresentava. Argumentou corretamente que a entrevista de João dos Santos poderia ser classificada como uma "história oral de vida, já que ele conta sua trajetória escolar e profissional" (Educanda1), depois destacou alguns pontos dessa trajetória, como a passagem pelo IF, a graduação e o trabalho na cooperativa. Nessa questão a estudante não fez uma reflexão sobre a entrevista, limitou-se a descrição e classificação. Nesse caso entendo que o enunciado da questão foi limitador, a estudante entendeu que deveria classificar, ou rotular o tipo de entrevista, e isso fez corretamente.

A Educanda 2 respondeu da seguinte forma:

Uma das grandes diferenças entre o trabalho do catador e da indústria, é que um visa o lucro e não se importa com o meio ambiente enquanto os Catadores fazem um trabalho essencial para a comunidade, sendo a base do ciclo, e onde o seu trabalho reduz custos para as prefeituras, eles têm o menor salário. As indústrias não se importam onde o "produto final" vai parar e qual vai ser o impacto no meio. (Educanda 2).

Aqui existe uma reprodução, não literal, do argumento presente na cartilha dos catadores. A estudante demonstrou que consegue ler e interpretar os textos corretamente, mas tem dificuldade para estabelecer relações entre os diferentes textos que consultou, ou materiais que produziu. No trabalho entregue na semana anterior, ela havia construído uma hipótese sobre o desenvolvimento da tecnologia através da preocupação das indústrias com os impactos ambientais, agora reproduz um argumento contrário, de que as indústrias não se importam com o meio ambiente, e só visam o lucro - sem nenhuma preocupação com a

contradição explícita entre as duas afirmações, sem tentar explicar ou ao menos apontar tal contradição.

Na questão 2 ela fez um breve relato da entrevista de João dos Santos, e afirmou que tal entrevista pode ser classificada como história oral de vida. Uma resposta correta, no entanto, ela não estabeleceu um olhar crítico, ou questionador acerca do material. Minha hipótese é que isso ocorreu porque a educanda não se motivou com a proposta do curso, uma vez que demonstra capacidade de leitura e compreensão das coisas que lê.

A Educanda 9 formulou uma resposta semelhante a dos colegas, pontuando o interesse da indústria no lucro e sua desresponsabilização no que diz respeito aos resíduos, em oposição ao trabalho dos catadores, diretamente articulado à preservação ambiental. No entanto, diferente da maioria dos colegas, ela acrescentou uma frase comparando as remunerações: "Observei que ambos os catadores e os operários na indústria do plástico, possuem uma renda baixa". (Educanda 9).

A Educanda 11 afirmou que a diferença é que na indústria existem vários níveis hierárquicos enquanto que os catadores são uma categoria que está na base da indústria de recicláveis, e que a semelhança é que ambos são "fundamentais para a sociedade". (Educanda 11). A segunda resposta do fórum dá a ideia de algo feito com certa presa, a educanda escreveu apenas uma frase, dizendo que na entrevista de João dos Santos são tratados diversos assuntos entre os quais "o trabalho, trajetória profissional e escolar e sobre movimentos sindicais". (Educanda 11). Na realidade João dos Santos praticamente não fala de movimentos sindicais, o assunto é citado em breve passagem, quando ele disse que teve uma experiência em uma cooperativa de catadores, mas nunca foi sindicalizado ou participou de sindicatos.

Não vou multiplicar os exemplos, em linhas gerais as respostas seguem uma mesma lógica. Fazendo o balanço dessa atividade destaco que nenhum dos estudantes conseguiu identificar que existe uma relação de exploração, isso é, catadores e indústria foram concebidos como coisas diferentes, cada qual em um lado da cadeia produtiva, não existiu a compreensão de que o catador, ao recolher material e vender para indústria de reciclagem, acaba alimentando o lucro da indústria, isso é, não existiu a compreensão de que eles não são apenas diferentes, mas complementares. Os estudantes tiveram dificuldades de realizar uma leitura capaz de articular as diferenças corretamente identificadas.

5 TEMAS E TRAJETÓRIAS

As trajetórias dos estudantes desse curso foram estruturadas a partir das questões que eles formularam no primeiro encontro, até aqui mostrei aquelas atividades que considerava "comuns", nas quais eles trabalharam com os mesmos materiais didáticos, as mesmas fontes históricas, e respondendo as mesmas questões. Para essas atividades foram dedicadas a primeira, a segunda, a terceira, a sexta e a sétima semanas do curso. Agora vou analisar aquelas atividades nas quais os estudantes trabalharam com materiais diferenciados por tema de interesse, organizados em pastas temáticas. Para essas atividades foram dedicadas a quarta, a quinta, a oitava, a nona e a décima semanas.

Organizei os problemas formulados pelos estudantes em pastas temáticas cujo número e nome sofreu alterações após a apresentação das primeiras versões dos trabalhos. Chegamos ao final do curso com 6 pastas temáticas ofertadas, mas devido à configuração que tomaram os trabalhos finais, e a identidade de materiais pedagógicos utilizados pelos estudantes, para apresentação e análise nessa dissertação distribuí os trabalhos em 4 pastas: "meio ambiente e consumo de plásticos" com 9 educandos²²; "condições de trabalho, tecnologia e formação profissional", com 7 estudantes; "a indústria do plástico no Brasil", com 4 educandos; "mulheres na indústria do plástico", que tinha uma educanda.

Refletindo sobre essa distribuição temática, o que mais chamou minha atenção já foi destacado no terceiro capítulo: o grande número de estudantes que problematizaram as questões ambientais. Esse também é um tema que costuma aparecer nas minhas atividades de investigação temática, mas não com tanta força. Do ponto de vista do trabalho docente destaco que eu já tinha selecionado alguns materiais relativos à indústria do plástico, não esperei a formulação dos problemas para começar a buscar materiais, embora grande parte do material disponibilizado nas pastas - especialmente nas temáticas de "meio ambiente e consumo de plásticos" e "mulheres na indústria" - tenha sido resultado de pesquisa realizada entre a primeira e a terceira semana.

Os encontros das semanas dedicadas à realização desses trabalhos foram espaços para explicação das atividades propostas e para atendimento individual, desisti de tentar transformar esses espaços em efetivos fóruns de debates. Na quarta semana expliquei as questões do trabalho 1 referente a cada tema, e os materiais disponibilizados nas pastas, a mesma coisa que fiz na oitava semana em relação ao trabalho de conclusão. A sétima semana

²² Estou apresentado aqui o número referente aos estudantes que iniciaram o curso (21), como escrevi na introdução 4 desistiram, também destaco que nessa dissertação estão sendo citados apenas 13 educandos, e não os 17 que concluíram.

foi utilizada para considerações acerca dos primeiros trabalhos, entregues na quinta semana, e os encontros das nona e décima semanas foram transformados em atendimentos individuais, abri a sala na RNP e os estudantes tiraram algumas dúvidas referentes à realização dos seus trabalhos.

Esse capítulo foi dividido em cinco partes: na primeira vou explicar as atividades propostas e traçar um panorama dos materiais disponibilizados. Nas quatro partes seguintes analiso a produção de estudantes divididos pelas quatro pastas temáticas destacadas. Selecionei estudantes cujas trajetórias são representativas das pastas e da evolução das aprendizagens observadas ao longo do curso. Claro está que cada estudante teve sua própria evolução, que nenhuma delas é redutível a qualquer outra, estou fazendo uma escolha baseada naqueles pontos que gostaria de destacar porque constituíram aspectos centrais de meu interesse de pesquisa, e da compreensão que formei sobre as possibilidades e dificuldades do trabalho como princípio educativo no ensino de História.

5.1 Atividades e materiais disponibilizados.

As atividades que guiaram o processo educativo nessas semanas, chamadas de trabalho 1 e trabalho de conclusão, constituíram-se de listas de questões e enunciados que os estudantes deveriam responder com pequenas redações, eram seis questões no primeiro trabalho e quatro no trabalho de conclusão.

As questões do trabalho 1 sofreram pequenas variações dependendo do tema: a primeira parte era direcionada à análise específica de textos e fontes históricas disponíveis nas pastas temáticas, através dessas questões eu procurava sublinhar algum conceito ou fonte histórica específica, identificar se o educando efetivamente havia conseguido entender o material disponibilizado. Eram questões que pediam para identificar as fontes históricas, os problemas e as justificativas utilizadas pelos autores dos textos da pasta, identificar fatos e interpretações nos diferentes textos da pasta, identificar a utilização de conceitos discutidos nas aulas em vídeos sobre o plástico, etc... As duas últimas questões eram iguais para todos os estudantes, elas objetivavam o desenvolvimento do problema de pesquisa elaborado por cada um deles:

5 - Retome o problema que você formulou: a) a partir do material disponibilizado nesse módulo, você consegue estabelecer hipóteses para a questão que você formulou? b) o material disponibilizado ajudou você a perceber as condições históricas da existência do problema que você formulou?

O conceito de hipótese havia sido discutido na segunda semana, quando trabalhei método e fontes históricas. Ao disponibilizar esse trabalho, na quarta semana do curso,

relembrei o conceito: expliquei que hipóteses eram possíveis respostas ao problema de pesquisa que poderiam ser confrontadas com as fontes e materiais disponíveis. Procurei distinguir a noção de hipótese da noção de opinião, dizendo que a primeira é baseada em evidências, que no caso do nosso trabalho eram as fontes históricas, e em um método; já a opinião era simplesmente o que eles pensam sobre o assunto. A noção de "condições históricas" havia sido trabalhada na terceira semana, ela aparece no resumo comentado do texto de Hobsbawm (2005), expliquei que as "condições históricas" dizem respeito ao contexto histórico que vivemos, ao mundo que herdamos, tanto ao mundo material das tecnologias e relações de trabalho, quanto às ideias e valores da sociedade na qual vivemos. Citei como exemplo elementos que considero condicionantes da existência da indústria do plástico: produção em massa, baixo custo por unidade, desenvolvimento tecnológico, divisão internacional do trabalho.

O trabalho de conclusão apresentava as mesmas questões para todos os estudantes, ele foi disponibilizado na oitava semana. Seu conteúdo era totalmente voltado à reflexão sobre o problema que haviam formulado, nesse sentido que o caracterizei no segundo capítulo como uma atividade de "problematização", isso é, tratava de estimular o estudante a refletir sobre as questões de seu interesse a partir dos conceitos e conteúdos de aprendizagem da História.

1. Explique o problema que você estudou ao longo desse curso. Por que você considera que esse assunto merece ser discutido nas aulas de História? Por que você considera isso importante para sua vida? 2. Destaque no mínimo três acontecimentos históricos apresentados nos textos disponibilizados ao longo do curso, colocando-os em ordem de sucessão e/ou simultaneidade, e explicando as relações existentes entre eles. 3. A partir das transcrições dos depoimentos de história oral, e dos textos sobre Revolução Industrial, destaque duas permanências e duas transformações referentes ao trabalho na indústria. Você consegue formular alguma explicação para essas permanências e/ou transformações? 4. Indique uma possível resposta para o problema que você formulou. Lembre-se de relacionar a sua hipótese às fontes disponibilizadas.

A questão 3 e a questão 4 não falavam explicitamente no problema, mas na explicação que dei na oitava semana, ao apresentar a atividade, destaquei que a sucessão deveria ser construída tendo por base o problema de cada um, os acontecimentos deveriam ser organizados conforme a relevância que têm para a reflexão acerca do problema proposto, a mesma coisa na questão sobre semelhanças e diferenças, os estudantes deveriam explorar nas entrevistas e materiais referentes à Revolução Industrial os aspectos relacionados à sua temática.

Os materiais disponibilizados nas pastas tinham três naturezas distintas: livros e artigos científicos; capítulos do livro didático; vídeos do youtube que estavam distribuídos

nos diferentes módulos do Moodle, e foram indicados enquanto material geral em primeiro momento, e de revisão específica relativamente a cada um dos temas²³.

Não vou comentar todos esses materiais, na medida que eles aparecerem nos trabalhos dos estudantes farei os comentários que julgo pertinentes, nesse momento gostaria apenas de apresentar uma visão panorâmica, que dê conta de explicar os critérios de seleção que utilizei. Os artigos e livros científicos das áreas de Economia, História, Sociologia e Serviço Social, foram selecionados observando a complexidade da linguagem adotada, a apresentação de fontes históricas, e claro, o fato de tratarem da temática abordada pelos estudantes. Esse último critério foi o que trouxe mais dificuldades, como pontuei em capítulo anterior, não existem muitos textos problematizando o plástico do ponto de vista da história, a maioria das obras que encontrei não são feitas por historiadores, não respondem ao método da nossa disciplina. Daí o motivo de ter recorrido a outras áreas de conhecimento.

Exemplo de um livro de "história" do plástico é a obra *Indústria do Plástico no Brasil*, de Hélio Helman, a obra é financiada pela ABIPLAST (Associação Brasileira da Indústria do Plástico) e constitui uma produção comemorativa que visa "resgatar" e "registrar" a história desse setor. Trata-se de um texto acrítico, que apresenta a história da indústria como um feito de homens empreendedores, com grande destaque para as tecnologias, e para o papel da Associação. Esse foi um livro disponibilizado na pasta sobre "Indústria do Plástico no Brasil", por quê?

O livro atendia perfeitamente a dois dos três critérios expostos acima: muito rico em fontes, mostrando trechos de documentos, imagens variadas e depoimentos, também tem uma linguagem acessível. Compreendo que, embora não seja escrita por um historiador, na obra referida existe um compromisso com a realidade factual, não são inventados fatos, podemos criticar a interpretação dada aos fatos, mas na medida que o livro expressa de maneira muito contundente uma visão empresarial sobre a evolução da indústria do plástico no Brasil, entendo que é útil ao objetivo proposto, ele dialoga com o senso comum que observei entre os estudantes, por isso o material é rico para o exercício crítico proposto no curso. Exatamente o mesmo critério foi utilizado para o livro *Produto Nacional*, escrito pelo jornalista Eduardo Bueno em 2008. O livro foi financiado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), produzido para comemorar o aniversário da entidade, a narrativa louva os feitos da Confederação e pontua a trajetória da industrialização do Brasil. Mas é fiel ao registro de

²³ Em apêndice apresento o conjunto dos materiais disponibilizados em cada pasta.

fatos, rico na apresentação de fontes, de linguagem acessível, e presta-se ao exercício de crítica do senso comum existente.

Exemplo de livro acadêmico qualificado, que trata do plástico, tem linguagem acessível, mas não é de história, é a obra *Indústria dos Transformados Plásticos*, escrita por Marilane Teixeira, Cláudia Cirino e Domingos Lino. O livro foi publicado em 2017 por encomenda do Sindicato dos Químicos, e apresenta uma série de gráficos e tabelas com informações sobre os aspectos econômicos da produção dos plásticos, saúde e segurança no trabalho, e perfil dos trabalhadores na indústria, relacionando remuneração com gênero e escolaridade. Os dados são seguidos de pequenos comentários e descrições.

Vou dar mais um exemplo de obra utilizada, essa de linguagem acadêmica mais complexa, trata-se do artigo *Lugar de mulher é... na fábrica: estado e trabalho feminino no Brasil, 1910 - 1934*, ele foi escrito por Gisele Martins Venâncio, trata das disputas parlamentares envolvendo a regulamentação do trabalho feminino no Brasil. Embora tenha achado o artigo excelente, entendo que a Educanda 3 não fez grande proveito no que diz respeito à argumentação adotada pela autora, por outro lado, as longas citações de falas realizadas no contexto desses debates ao longo da República Velha foram percebidas pela estudante, identificadas como fontes históricas. Mesma situação do artigo *Política Ambiental Brasileira: análise histórico-institucionalista das principais abordagens estratégicas*, escrito por Marcus Bruno Malaquias Ferreira e Alexander Ottoni Teatini Salles. O artigo cita os debates envolvendo desenvolvimento econômico e preservação ambiental, é bastante rico ao apresentar fontes históricas, como o registro dos debates institucionais e da legislação, mas tem linguagem pouco acessível.

Outro tipo de material disponibilizado foram vídeos do youtube que tratam do plástico, nesse caso existe grande quantidade de materiais, especialmente tratando do impacto ambiental. O mais próximo da abordagem histórica, que foi indicado como material obrigatório na pasta de "Consumo de Plásticos e Meio Ambiente", é o vídeo *The Story of Plastic*, na versão brasileira *A História do Plástico*²⁴. O documentário é escrito por Deia Schloosberg, e produzido por Steve Wilson, Megan Ponder e Kyle Cadotte. Pensa os impactos ambientais do plástico inserindo-os no processo histórico de desenvolvimento do consumo no Pós-Guerra, relaciona a poluição à lógica de produção em massa voltada ao lucro, e articula o problema ambiental em uma dimensão global, mostrando como grandes

²⁴ https://www.youtube.com/watch?v=_xRZA1wo68k&t=361s. Acessado em 10/09/2020.

players da indústria do plástico investem em programas "verdes" nos países do primeiro mundo, exportando o lixo para países asiáticos e da Oceania.

Disponibilizei ainda capítulos do livro didático referentes aos diferentes temas: o capítulo sobre a industrialização do Brasil na República Velha e Era Vargas para quem discutia Indústria do Brasil, os tópicos sobre movimento sindical e direitos trabalhistas para os que discutiam as condições de trabalho, o capítulo sobre o Pós-Guerra e o avanço do consumismo na Europa e Estados Unidos para os que tratavam de meio ambiente.

Fazendo uma avaliação do meu trabalho, acredito que o principal erro na organização dessas pastas foi ter disponibilizado os textos acadêmicos integralmente, acredito que o melhor seria ter preparado resumos comentados como fiz dos livros de Bloch e Hobsbawm. No momento em que preparei as pastas minha intenção era que eles lessem os textos e retornassem dizendo o que não tinham entendido, aí eu utilizaria as aulas para ajudar na compreensão e na relação com seus problemas de pesquisa. Minha ideia era ter uma atuação menos diretiva, mas creio que isso não deu certo, ao invés de ler e questionar o que não haviam entendido, a maioria dos estudantes leu apenas aqueles textos menos complexos, não percorrendo todos materiais da pasta, ou, caso tenham lido os materiais mais complexos, com poucas exceções, não os utilizaram na reflexão apresentada.

5.2 Tecnologia, condições de trabalho e formação profissional

Dos sete educandos que realizaram trabalhos a partir dessa temática quatro concederam autorização para análise de suas produções. Entre esses destaquei duas estudantes para a análise nesse capítulo. A Educanda 1 demonstrou no primeiro trabalho que conseguiu interpretar os materiais disponibilizados, identificou e apontou corretamente as fontes históricas e os problemas apresentados em cada texto, bem como as justificativas de seus autores. É representativa porque a grande maioria conseguiu fazer isso, essas noções haviam sido compreendidas a partir dos materiais discutidos nas primeiras semanas.

Gostaria de destacar a terceira questão do primeiro trabalho, que pedia para a educanda identificar acontecimentos históricos evidenciados pelas fontes, relacionando-os às interpretações e explicações que os autores davam para esses fatos. Para fazer essa atividade a estudante utilizou apenas o texto *A Indústria dos Transformados Plásticos*, o que prejudicou um pouco a proposta, que era exatamente a de comparar acontecimentos e interpretações de dois textos distintos. O texto referido também é extremamente descritivo, o que prejudica a reflexão proposta, nesse caso o erro foi meu ao formular essa questão e aplicá-la a esse texto, no entanto isso só ficou claro ao observar as respostas dos estudantes. Em que pese essas

limitações, a partir do texto que escolheu, a estudante construiu uma resposta bastante coerente, cito um trecho:

Na página 99 do texto sobre “A indústria de Transformação de Plástico”, nos mostra a tabela 31 que fala sobre Remuneração média nominal na fabricação de produtos de material plástico, por nível de escolaridade. Conforme a tabela, em 2015 a remuneração dos vínculos de emprego era de 2.135,12, e a remuneração dos empregos com nível de superior completo era de 6.137,97. A explicação do autor é de que quanto maior a escolaridade mais elevadas seriam as remunerações, já que a remuneração em 2015 do fundamental incompleto equivale a 34,8% da remuneração do superior completo. (Educanda 1).

Na última questão, que retornava ao problema formulado, a Educanda 1 respondeu que o problema dela já estava resolvido pela Convenção Coletiva Sobre as Máquinas Injetoras, que obrigava a instalação de dispositivos de segurança nessas máquinas, bem como de cursos a partir dos quais as pessoas aprendiam a lidar com essas máquinas. Nesse caso ela estava reproduzindo a argumentação presente no artigo do professor Leonardo²⁵, sem citações literais, interpretando o autor. Ele não diz que o problema foi "resolvido" pela convenção, mas existe uma perspectiva altamente positiva no texto, perspectiva essa que a estudante captou muito bem. O autor defende que o processo de negociação que elevou a essa convenção poderia ser tomado como modelo para outros setores, celebra como positiva a postura "propositiva" adotada pela CUT nas negociações, e aponta para uma queda no número de acidentes depois de celebrado o acordo. A estudante reproduziu esses argumentos, sem cópias literais, adaptando-os à pergunta que tinha sido formulada. Reproduzo o comentário que fiz para a estudante acerca dessa questão:

Seu raciocínio está muito bom, isso é, tem lógica e responde a questão. No entanto, cuidado com afirmações tão peremptórias. A existência de uma lei não representa a resolução de um problema, é necessário verificar se essa lei tem reflexos na vida prática, e quais esses reflexos. Para o trabalho final, busque reformular seu problema com base nos comentários que fiz no fórum, isso vai ajudá-la a aprofundar a perspectiva histórica. (Comentários ao primeiro trabalho).

Passo agora a analisar as respostas do trabalho de conclusão. Na primeira questão a estudante destacou seu problema:

Sendo que em 1992 a maioria dos casos de doenças e acidentes no setor industrial, são causados por máquinas, e dessa maioria, a metade é causada por prensas injetoras, como foi o processo do Acordo (depois convertido em convenção) sobre prevenção de acidentes em máquinas injetoras de plástico? (Educanda 1).

Depois justificou dizendo que esse assunto é de "suma importância para sociedade", e que merece "ser discutido nas aulas de História já que a Convenção foi o marco de uma grande conquista para o Sindicalismo e a classe trabalhadora", escreveu que isso ainda é importante nos dias de hoje porque os acidentes com máquinas injetoras continuam sendo um

²⁵ Melo e Silva, Leonardo. *Negociação Coletiva em Saúde do Trabalhador: segurança em máquinas injetoras de plásticos. Perspectivas*: São Paulo, 2013.

problema para o setor. Defendendo essa posição citou como fonte a Secretaria de Saúde e Meio Ambiente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, Farmacêuticas, Plásticas e Similares de São Paulo, segundo a qual, antes da Convenção, 78% dos casos de doenças e acidentes graves no setor eram provocados por máquinas, metade dessa porcentagem causada por prensas injetoras. Ainda na justificativa a educanda trouxe outros dados do estudo, mostrando que os acidentes não atingem em proporção igual os diferentes grupos de sujeitos envolvidos na indústria.

Destaco dessa resposta a disposição de aprofundar a análise dos dados verificando a pertinência de alguns temas explorados nas entrevistas - como o papel da escolarização e do lugar que os trabalhadores ocupam dentro da fábrica - na relação com as possibilidades de acidente. No início do curso a educanda tratava "a" indústria e os sujeitos no interior dela como algo homogêneo, creio que é uma demonstração de compreensão dos conteúdos históricos essa capacidade de diferenciar os impactos da indústria e da máquina: os sujeitos não são iguais na exposição aos riscos e malefícios da maquinaria, essa conclusão pareceu-me clara na argumentação da estudante.

E um fato importante revelado pela mesma fonte, é que os acidentes acontecem principalmente entre os jovens na faixa de 18 a 25 anos (41%), e em quase 40% dos casos no período em seguida após a contratação, no máximo até três meses. Além de que o nível de escolaridade dos acidentados situa-se em maioria na faixa entre 1 e 4 série do ensino fundamental, e as funções atingidas sendo as de baixa qualificação, como ajudante geral e operadores de máquina, conformando ambos 86% de todas as ocupações dos acidentados. (Educanda 1).

A questão 2 era a que pedia para os estudantes trabalharem três acontecimentos em ordem de sucessão e/ou simultaneidade. A Educanda 1 destacou acontecimentos ligados à história do sindicalismo, e justificou essa escolha da seguinte forma:

Durante a busca por fontes sobre meu problema, eu encontrei como um dos grandes protagonistas o Sindicalismo, e como se tem discutido bastante sobre esse tema, já que o tema está cada vez mais atual, surge o interesse em entender o impacto que a criação dos inúmeros sindicatos pode causar. Com isso, resolvi me aprofundar um pouco sobre como surgiu o Sindicalismo e como ele foi estabelecido no Brasil. (Educanda 1).

Ela destaca a industrialização de final do século XVIII como acontecimento inicial para compreensão do sindicalismo, falou que com a consolidação do capitalismo grande parte da população foi "submetida a condições precárias de trabalho, criou-se uma grande divisão de extremos opostos na sociedade", explica que "com a grande divergência de opiniões os trabalhadores começaram a se reunir para questionar e contradizer sobre a situação que estavam vivendo". (Educanda 1). Depois cita o luddismo e a conhecida estratégia de destruição das máquinas, e termina concluindo que apenas em 1824 "o parlamento inglês

aprovou a lei que regulamenta a livre associação aos operários, os atuais sindicatos". (Educanda 1).

Passando ao Brasil, a Educanda 1 afirma que nossa industrialização começa após a europeia, e que aqui o sindicalismo só começa a ganhar espaço após a Abolição, cita a imigração europeia e o papel desses imigrantes na organização do sindicalismo, uma vez que eles chegaram e "perceberam uma sociedade que não visa os direitos da classe trabalhadora". (Educanda 1). Ela segue organizando com grande coerência os acontecimentos, no parágrafo seguinte diz que a chegada de Getúlio Vargas ao poder é outro marco importante, que até ali "os movimentos sindicais eram traçados pelos trabalhadores, mas com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, os sindicatos foram submetidos ao controle do Estado". (Educanda 1).

Na conclusão destaca o regime militar, ou melhor a oposição e ele, assinalando a importância das greves e do movimento sindical nesse processo, relacionando-as à formação da CUT: "Com o regime militar aconteceram muitas restrições de liberdade, muitos sindicalistas foram presos, mas eles participaram ativamente das lutas sociais, e contribuíram para que o regime instalado no país terminasse". (Educanda 1).

Entendo que a estudante demonstrou nessa resposta compreensão das noções de sucessão e simultaneidade, organizou processos e acontecimentos coerentemente articulados ao redor da temática escolhida (sindicalismo). Além do material disponibilizado a Educanda 1 consultou outros materiais, corretamente referenciados no final do trabalho, fez isso sem incorrer em um erro comum nos estudantes de primeiro ano, que é a citação literal sem aspas, a prática de copiar o que está escrito no livro didático literalmente, ou o que é pior, a prática de simplesmente copiar e colar textos de sites da internet. Nesse sentido é possível afirmar que a Educanda 1 efetivamente compreendeu os conteúdos trabalhados, porque mostrou capacidade de sintetizá-los e aplicá-los em contexto distinto daqueles em que foram apresentados.

A questão 3 fazia menção explícita aos depoimentos de história oral, aqui a proposta era que os educandos demonstrassem domínio sobre as ideias de permanência e transformação histórica, que demonstrassem capacidade de identificar semelhanças e diferenças entre a realidade de trabalho da primeira Revolução Industrial e a realidade de trabalho nos dias de hoje. A Educanda 1 começou fazendo um balanço acerca das semelhanças:

O trabalho na indústria infelizmente ainda é muito exploratório, devido ao nosso sistema capitalista as indústrias, principalmente de plásticos, só visam seu lucro, tudo se baseia apenas em lucrar, lucrar e lucrar. Os trabalhadores são expostos a condições de trabalho miseráveis, sem nenhuma proteção social, mal remunerados, cargas horárias excessivas, e não possuem seus devidos direitos. Isso se confirma

através do depoimento de Maria da Silva, podemos perceber assim o quanto o trabalhador ainda é explorado, sendo em maioria das vezes pessoas de vulnerabilidade, e de classe social baixa. (Educanda 1).

Para justificar essa avaliação ela cita trechos da entrevista de Maria nas quais a trabalhadora afirma que a "dura" realidade de quem trabalha na indústria do plástico é "baixar a cabeça e produzir", que não existem elementos positivos nesse trabalho, ou melhor, que a "única coisa boa é pra quem trabalha na gerência pra esses com certeza é bom, e pros empresários com certeza é ótimo, porque é um setor onde o trabalhador morre de medo de ficar desempregado e acaba aceitando tudo que o patrão impõe". (Entrevista Maria da Silva). A educanda faz uma relação com o resumo comentado do livro de Hobsbawm, onde o autor falava da "desmoralização" dos trabalhadores diante da miséria nas cidades industrializadas, ela vincula a desmoralização, que no texto de Hobsbawm era identificada no alcoolismo e na aceitação a ordem industrial vigente, ao comentário de Maria dos Santos sobre abaixar a cabeça e aceitar a exploração por medo de perder o emprego. Inclui nessa categoria também a gerência, que segundo Maria dos Santos era "do lado do patrão", na avaliação da Educanda 1, o gerente abaixa a cabeça porque também é um trabalhador que tem medo de perder o emprego.

Na hora de destacar as diferenças entre o trabalho atual e o trabalho na Primeira Revolução Industrial a Educanda "pula" para a entrevista de Joana dos Santos, algo muito interessante, ou seja, para destacar permanências ela utiliza a voz de uma trabalhadora do chão de fábrica; na hora de destacar transformações ela utiliza a voz de uma trabalhadora da gerência. Ela cita então um trecho de Joana dos Santos dizendo que antes a empresa era menos estruturada e que agora existe uma maior organização do trabalho, o trecho não se referia ao trabalho infantil, mas a educanda fez essa relação dizendo que hoje "é proibido o trabalho ou exploração infantil, conforme a Legislação Trabalhista, onde se encontra a Lei 10.097, no artigo 403 que proíbe o trabalho infantil. E também foram criadas fiscalizações para combater essa pratica (sic)". (Educanda 1).

Entendo que aqui existe um "erro" no que diz respeito à utilização da entrevista, no sentido que a educanda recortou um trecho que não se refere à sua argumentação: Joana dos Santos não estava falando sobre trabalho infantil, e sim sobre a organização dos setores dentro da empresa, no contexto de um trecho sobre a "Indústria 4.0". Isso estava muito claro na transcrição, existia pouca margem para esse tipo de engano, então como explicar esse equívoco? Uma hipótese é que a educanda quis justificar uma diferença a partir das entrevistas, já que era isso que o enunciado da questão pedia, então "forçou" um trecho para

corroborar a ideia de que hoje crianças não trabalham mais na indústria porque os processos estão mais organizados.

No que diz respeito aos sentidos atribuídos ao trabalho, entendo que a educanda acabou reproduzindo uma ideia bastante difundida, a de que o trabalho infantil é produto de desorganização, atraso, ou equívocos empresariais. Que uma empresa organizada, que leva em consideração o bem estar dos funcionários (como indicava Joana na sua entrevista), não iria utilizar trabalho infantil. A outra diferença citada, novamente a partir do depoimento de Joana dos Santos, foi a da formação profissional, de que hoje a empresa cobra isso, enquanto "antigamente os trabalhadores não precisam ter uma formação profissional, os trabalhadores aprendiam juntos e faziam da forma que achavam mais correto". (Educanda 1).

Novamente existe um erro de interpretação da entrevista, quando Joana dos Santos diz "antigamente" ela está fazendo referência ao período no qual ela começou a trabalhar na indústria, há duas décadas, não ao processo da Revolução Industrial conforme pedia o enunciado da questão. O equívoco causou-me surpresa, porque a educanda havia demonstrado capacidade para compreender trechos mais complexos, tanto do artigo sobre convenção coletiva quanto do material didático disponibilizado no Moodle. Por que estaria se equivocando em trechos relativamente simples, que não exigem mais do que uma leitura atenta para compreensão? Minha hipótese é que o caráter crítico dos materiais didáticos disponibilizados acabou por incentivar a percepção de permanências, quando pedi no enunciado para identificar transformações, a educanda possivelmente não percebeu nada muito significativo e acabou "arrumando" qualquer coisa para preencher a resposta.

Na última questão, que pedia pela construção de uma possível resposta para o problema formulado, a educanda começa reafirmando a posição apresentada no primeiro trabalho, de que o problema dos acidentes com máquinas injetoras de plástico "foi resolvido", pela Convenção Coletiva de 1995, para ela esta Convenção foi "uma grande conquista para o Sindicalismo e trabalhadores, já que contribuiu para uma condição de trabalho melhor". (Educanda 1).

Dito isso, ela aponta três considerações. A primeira é que são necessárias "muitas outras conquistas para acabar com esse sistema exploratório das indústrias, sendo que para isso o "primeiro passo seria desmistificar o Sindicato" (Educanda 1), a educanda escreve que essa desmistificação seria para acabar com a ideia de que o sindicato é "algo ruim", e que os trabalhadores "não deveriam ir ao Sindicato buscar seus direitos". (Educanda 1). Outro ponto é o retorno à ideia de conscientização, ela afirma que seria preciso "maior conscientização para os trabalhadores sobre seus direitos que são garantidos por leis, a situação de trabalho ao

qual eles são submetidos não é permitida por lei, portanto precisam procurar o Sindicato e até mesmo denunciar a indústria". (Educanda 1).

Ela também fala sobre o papel do governo no controle e fiscalização das empresas, afirma que o governo "precisa ter um maior controle e fiscalização sobre elas, procurar saber se estão realmente cumprindo as leis e não só pela exploração dos trabalhadores, mas também pelo bem do nosso meio ambiente". (Educanda 1). A educanda afirma que "as indústrias querem apenas lucrar, e não se preocupam com as consequências, e o descaso do governo facilita ainda mais". (Educanda 1). No último parágrafo ele aborda rapidamente a questão da consciência do consumidor, algo citado muitas vezes por seus colegas nos fóruns, especialmente no momento de redação dos problemas de pesquisa, só que ao invés de clamar por consciência do consumidor e do produtor, a educanda critica essa ideia: "É muito mais fácil dizer que a população não é consciente, quando se tem uma indústria produzindo em massa e um governo parado". (Educanda 1).

Entendo que nessa última resposta a educanda poderia ter explorado melhor as fontes e materiais disponibilizados para embasar seus argumentos. Por exemplo, ao dizer que a Convenção de 1995 resolveu o problema dos acidentes com máquinas injetoras, ela poderia citar alguns dados disponíveis, que efetivamente mostram uma queda nesse tipo de acidente, mas não o fez. Ao falar do sindicato, da necessidade de desmistificar seu papel diante dos trabalhadores, ela poderia citar como fontes as entrevistas de Joana e Maria, ambas relatam que o trabalhador não costuma procurar o sindicato, que tem uma visão negativa sobre ele, é um ponto interessante pois as duas entrevistadas têm pontos de vista muito distintos, mas concordam nesse aspecto, de que a visão do trabalhador acerca do sindicato é essencialmente negativa. Mas a educanda não fez isso, limitou a falar que é necessária a desmistificação da visão que os trabalhadores têm.

Entendo que ela viu isso nas entrevistas, a própria expressão "desmistificar" é utilizada na entrevista de Maria, por que não citou a fonte? As opiniões sobre o papel do governo e o fato das empresas visarem apenas o lucro não recebem o suporte de fontes históricas, nem tampouco a estudante busca referências no material lido ao longo do curso, nos quais poderia localizar isso. Outros estudantes costumam fazer isso também, fazem raciocínios corretos, coerentes com as fontes, mas não explicitam a relação.

Do ponto de vista da visão sobre o trabalho e a história, a análise das produções da Educanda 1 demonstra uma transformação significativa. Ela partiu de uma visão monolítica da indústria e de sua relação com a sociedade, com um questionamento relacionado à capacidade das fábricas "criarem praticidade e aperfeiçoamento do plástico" (Educanda 1),

produzindo "tantas coisas indispensáveis ao nosso cotidiano". (Educanda 1). Uma interrogação que explicitamente trazia o ponto de vista dos patrões, "como foi para os *donos de fábricas* se adaptarem as novas matérias primas" (Educanda 1, grifo meu), passou para uma reflexão relacionada à convenção sobre segurança no trabalho enfatizando o acerto entre as partes, e progressivamente foi avançado para uma identificação das contradições existentes, não só entre a indústria e o consumidor, mas sobretudo das relações conflituosas que se estabelecem no interior da indústria, entre patrões, gerências e trabalhadores da base.

Creio que essa transformação teve como ponto fundamental de viragem a entrevista de Maria da Silva, é um depoimento muito direto, com linguagem bastante palatável, que trouxe histórias do dia a dia das empresas e parece ter sido bem significativa para a Educanda 1. Ela citou diversos trechos do relato de Maria em seu trabalho, e parece ter retornado aos textos da terceira semana depois da entrevista. Daí as noções relacionadas ao objetivo de lucro das empresas, e a dinâmica do conflito associada à conquista de direitos, noções que já estavam no resumo comentado do livro de Hobsbawm, mas que passaram despercebidas no primeiro trabalho, tornando-se significativas apenas depois das entrevistas.

A Educanda 7, também do primeiro ano, no primeiro trabalho identificou corretamente autores, problemas e suas perspectivas. Falando sobre o livro financiado pela Abiplast²⁶ comentou que é perceptível "uma perspectiva conforme a Associação da ABIPLAST, onde eles além de falar sobre a história do plástico, falam sobre a história e projetos da empresa, *fazem uma propaganda*". (Educanda 7, grifo meu).

Do livro *A Indústria dos Transformados Plásticos*, organizado pelo Sindicato dos Químicos, a educanda comenta: "pelo que li e observei, os autores não mostram opiniões pessoais, mas sim características, dados e definições sobre a indústria plástica". (Educanda 7). Essa resposta reproduz uma avaliação comum aos seus colegas, de que o livro não tem "opinião pessoal" porque é repleto de dados. Ou seja, além da identificação de "opinião" pessoal com "perspectiva", ela assume a posição que dados numéricos não expressam essas coisas. Isso é, a educanda não havia logrado a compreensão de que a escolha dos números que serão averiguados e apresentados, bem como sua forma de apresentação, denotam uma perspectiva.

No comentário que fiz para a educanda destaquei:

²⁶ Helman, Hélio. A indústria do plástico no Brasil. São Paulo: Editora Definição, 2017.

A resposta está muito boa, especialmente sobre o primeiro texto. Na dois, acrescento que os autores sempre acabam expressando opiniões pessoais, mesmo quando tratam de números, a própria escolha sobre qual número mostrar sempre revela uma determinada perspectiva. (Comentário do Professor no Moodle).

A questão que pedia para diferenciar fatos históricos da interpretação dada pelos autores foi respondida com citações literais de diferentes páginas e capítulos, sempre utilizando as aspas e com a correta indicação das páginas. Destaco isso porque parece-me um elemento importante na compreensão de um "método científico", isso é, o cuidado no tratamento e apresentação das referências utilizadas. Essa é uma prática de aquisição muito difícil, os estudantes do primeiro ano costumam fazer muitos trabalhos baseados no "copia e cola", ou com cópias literais de livros.

Mais do que uma questão de honestidade intelectual (em alguns casos existe a intenção deliberada de burlar o professor, o que fica evidente na cópia integral de trabalhos de colegas), creio que nesse momento a maioria não tem a compreensão do significado e da importância da citação. É algo que eu trabalho bastante com os estudantes, já fazia isso no ensino fundamental e reforcei agora que trabalho com o médio. Explico que é próprio da ciência o fato de que os novos conhecimentos são construídos a partir do conhecimento já existente, que para produzir algo novo eu preciso conhecer bem o que já foi produzido, que citar os locais onde estudam não é demérito, mas ao contrário, denota esforço, dedicação, honestidade intelectual, etc...

Além disso, a Educanda 7 mostrou compreensão na difícil tarefa de distinguir acontecimentos de interpretações, ela citou dois exemplos, um em cada livro. Do livro organizado pelo Sindicato dos Químicos ela destacou que são apresentados gráficos com a "evolução dos acidentes", parece demonstrar compreensão de que os gráficos não são o fato, mas que através deles é possível encontrar os fatos. Cito o trecho para que meus leitores possam avaliar a justeza da minha interpretação:

[...] nas páginas 48 e 49 mostra um gráfico com o título de “evolução dos acidentes de trabalho com máquinas”, nele, é possível encontrar os fatos escritos em números, índices e dados referentes ao ano e tipo do acidente (fratura, amputação ou óbito), total e média anual. (Educanda 7).

Ela segue a explicação dizendo que "na parte da interpretação do autor" (Educanda 7), - depois de explicar os gráficos e falar da elevação do número de acidentes entre os anos de 2011 e 2015, - ele interpreta os gráficos falando do risco de trabalhar na indústria do plástico, e de que "é impossível afirmar que todas as máquinas estejam devidamente protegidas". (Educanda 7). Dito isso, ela amarra uma comparação entre as duas obras, assim no livro da Abiplast "eles falam pontos positivos e defendem a ideia de que as máquinas estão equipadas

contra os acidentes". (Educanda 7). Esse livro também é discutido na perspectiva do binômio acontecimento e interpretação, depois de falar que o livro mostra a evolução dos empregos no setor, volume de lucros e produção, ela afirma que:

[...] encontra-se uma narrativa do presidente, uma interpretação, onde ele fala que a representatividade da ABIPLAST que possibilitou a promoção da imagem positiva do plástico e o desenvolvimento de ações para que o material tenha o ciclo de vida conforme as leis, fala da alavancagem da indústria, da expansão petroquímica, entre outras, eles fazem mais uma propaganda da empresa, ou seja, o livro não irá mostrar os pontos negativos. (Educanda 7).

Destaco a ideia de que números são tratados como fatos, que os educandos não avançam na compreensão de que tais dados são produzidos por seres humanos de determinada perspectiva, de que a coleta e produção já supõe uma interpretação, ou uma perspectiva sobre a realidade. No entanto, destaco que não era objetivo dessa atividade que o educando chegasse a esse grau de relativização das fontes, conforme a visão de história que apresentei, independente da perspectiva que adotemos, alguns dados são factuais: por exemplo, é um acontecimento histórico a indústria do plástico ter ampliado a geração de empregos ao longo das primeiras décadas do século, não observar isso seria um erro, não uma interpretação. Não creio que a relativização constante da realidade contribua com a formação de um senso crítico, como Hobsbawm (2019) entendo que os historiadores têm um compromisso com a realidade factual.

Na última questão, que pedia para a educanda formular uma hipótese acerca de seu problema de pesquisa, ela disse que a partir do material disponibilizados era possível dizer que os trabalhadores não tinham direitos no século XIX, condição que poderia ser estendida aos trabalhadores do plástico. Ela relacionou a bibliografia com os dados sobre acidentes no século XXI, presentes no livro organizado pelo Sindicato dos Químicos, depois de apontar alguns índices sobre acidentes a educanda afirmou que:

Em cima disso, pôde-se obter uma hipótese de que durante os primeiros trabalhadores da indústria plástica, onde não existiam leis e condições, os números de acidentes deviam ser muito maiores, já que em 2014, com as leis já existindo, já eram altos. (Educanda 7).

No trabalho de conclusão a educanda começou afirmando que estudar a história do trabalho na indústria é importante para "entendermos as mudanças e transformações que ocorreram nos direitos trabalhistas para chegar então nas leis atuais". (Educanda 7). Avaliando o curso ela diz que considerou importante o que aprendeu porque não sabia como eram as condições de trabalho nas primeiras indústrias plásticas, e "consequentemente, não tinha noção de como as leis mudaram até os dias atuais". (Educanda 7). Ela afirma ainda

que seria muito importante para "as pessoas que atuam hoje na indústria do plástico, para saberem dos seus direitos". (Educanda 7).

Na questão que pedia para construir uma ordem de sucessão entre acontecimentos ligados ao seu problema de pesquisa a estudante destacou a Revolução Industrial como ponto a partir do qual as máquinas entram no mundo do trabalho, as pessoas migram do campo para a cidade, e ocorrem transformações por todo mundo. Depois cita o advento do marxismo "como uma forma de revolta às classes dominantes e a exploração que os trabalhadores passavam nas grandes indústrias". (Educanda 7). Vincula ao advento das "ideias marxistas" uma série de lutas e transformações sociais, especialmente o fortalecimento dos sindicatos, relacionando ao tema das condições de trabalho. Conclui citando a Era Vargas e a CLT.

Entendo que a educanda demonstrou compreensão do conceito de sucessão, organizando uma série coerente de processos e acontecimento. A menção a Vargas e às leis trabalhistas ficou um pouco descolada da reflexão que vinha fazendo, ligando Revolução Industrial e marxismo, isso é: ela não constrói uma narrativa que explicitamente busque relacionar as ideias marxistas ou a luta sindical ao advento da CLT, mas uma vez que as lutas sindicais e a repercussão da Revolução Industrial em várias partes do mundo foram citadas na primeira parte da resposta, concluo que a educanda entendeu essa relação.

A questão três era a que solicitava aos educandos o estabelecimento de relações de permanência e transformação nas condições de trabalho em comparação com a Revolução Industrial, foi aquela na qual a educanda mais escreveu. Ela citou a exploração do trabalhador e os acidentes de trabalho como permanências. Demonstrou cuidado no tratamento das fontes e referências, ao citar Hobsbawm utilizando aspas, e indicar os trechos da entrevista de Maria onde a entrevistada relatava a exploração na indústria. Mais significativo foi que a educanda tentou elaborar uma explicação para essas permanências. Partindo da reflexão de Hobsbawm de que, com o advento da Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo, uma parcela dos trabalhadores havia caído na "desmoralização", sujeitando-se à exploração do seu trabalho e às precárias condições de vida, a educanda conclui que uma reflexão semelhante poderia ser feita para os dias de hoje:

Creio que essas permanências existam por conta da grande demanda que o setor plástico possui, e também pelo grande número de desempregos (sic), onde a maioria das pessoas se obriga a aceitar qualquer emprego para poder se sustentar. (Educanda 7).

Entre as diferenças a educanda citou a existência de leis trabalhistas, a proibição do trabalho infantil e o reconhecimento dos direitos das mulheres, novamente aqui ela tentou formular uma explicação para as mudanças, segundo a educanda:

Acredito que a causa dessas transformações seja por conta do movimento feminista estar crescendo nos últimos anos e também as instituições sociais ajudam na visão das pessoas como a infância ser uma parte essencial para o desenvolvimento da criança. (Educanda 7).

Entendo que as respostas foram bastante satisfatórias, a educanda demonstrou domínio do conteúdo estudado, e foi além, elaborando possibilidades explicativas para permanências e transformações. Também demonstrou compreensão acerca da diferença entre uma simples opinião e uma hipótese, isso é, procurou reforçar sua explicação citando autores e fontes históricas, do que concluo que a educanda avançou no sentido da compreensão da História como campo específico de saber, com método e conceitos próprios.

Do ponto de vista da visão de história destaco as transformações indicadas: quase todos os educandos responderam essa questão citando o tema do trabalho infantil como uma grande diferença, entendo que isso pode ser explicado pela forma com que Maria da Silva relatou sua experiência de trabalho infantil, algo que deve ter sido bem forte para os estudantes. Também é marcante na visão de história expressa pelos estudantes a dificuldade de compreender a articulação entre os diferentes setores do mundo do trabalho, eles dizem que não existe mais trabalho infantil na indústria, mas parece ter passado despercebido o fato de que crianças continuam trabalhando, por exemplo, na plantação de cana utilizada para a produção do tal "plástico verde" que promete solucionar os problemas ambientais, e entre os catadores, que fornecem matéria-prima para a indústria. Isso é, não consegui trabalhar a compreensão de que a indústria se articula com setores não industriais, e acaba subordinando esses aos seus imperativos.

Na questão 4, que pedia pela construção de uma possível resposta para o problema formulado, a estudante destacou que pôde concluir que as condições de trabalho eram péssimas. Na sua resposta ela procurou diferenciar as fontes que falavam da Revolução Industrial das fontes que falavam especificamente do trabalho no plástico, mas concluiu que é possível relacionar essas fontes, destaco integralmente o último parágrafo, a conclusão da resposta da educanda:

Nos textos sobre a revolução industrial, é (sic) citado (sic) as péssimas condições assustadoras em que os trabalhadores viviam, nos depoimentos orais, também é citado a pressão psicológica que até hoje é feita em cima dos trabalhadores, (porém essa visão varia de classe para classe), fala também dos acidentes de trabalho que não são cobertos pelas indústrias, e até mesmo de óbitos, nas fontes disponíveis, mostram imagens das moradias operárias, que eram sujas e imundas, também da exploração infantil, no texto “ A indústria de transformados plásticos”, mostram os números dos acidentes, e falam que alguns nem são registrados. Assim podemos obter a hipótese de que a indústria plástica durante o século XIX, oferecia uma péssima condição de trabalho. (Educanda 7).

Ou seja, na conclusão do trabalho ela reforça aqueles elementos da avaliação positiva que fiz acima: consegue identificar e relacionar fontes com interpretações, constrói hipóteses coerentes com o material disponibilizado, e incorpora a relatividade das visões, relatos, e da própria realidade do trabalho na indústria.

5.3 Meio Ambiente e Consumo de Plásticos

A Educanda 11 é umas das pessoas que apresentaram dificuldade para compreender a noção de "problema". Na questão do trabalho 1 que pedia pela identificação dos problemas dos materiais disponibilizados a estudante manifestou uma confusão entre "problema de pesquisa" e problema como sinônimo de "coisa ruim", "malefício". Comentando o vídeo "A história do plástico" ela disse que:

Um problema presente na indústria do plástico é que todo o processo de fabricação desde a extração do petróleo é poluente e não apenas o descarte dos produtos. Um ponto importante é o quão barato são os produtos plásticos que pó (sic) consequência é tão descartável e substituível tornando-os desprovidos de valor, este não apenas monetário. (Educanda 11).

Tratando do mesmo vídeo, a questão 3 pedia para que os educandos relacionassem as questões estruturais apontadas ali com a Revolução Industrial. A Educanda 11 identificou corretamente a lógica do consumismo e produção desenfreada de plásticos que marcou o Pós-Guerra nos Estados Unidos, e que é relatado no vídeo, ela escreveu que:

No pós-guerra a indústria nos EUA voltou-se para a produção de bens de consumo que foi amplamente aderido ela população que vinha de um período de recessão. Nos EUA a indústria plástica desenvolveu-se muito bem por ter produtos baratíssimos ao alcance de todos, pela praticidade e durabilidade de seus produtos, depois os itens passaram a ser mais descartáveis mesmo os que não fossem de fato destinados a isso, pois eram muito baratos e de fácil substituição com a mídia sempre propagando o imagem de novos produtos, lançamentos do mercado que eram adquiridos, mesmo que desnecessariamente tomando o lugar de produtos funcionais que eram descartados pois não tinha valor algum. (Educanda 11).

Na hora de escrever sobre a relação entre o vídeo e a Revolução Industrial a educanda citou uma permanência, ela disse que:

Analisando os vídeos e os textos e comparando-os observei a exclusão dos trabalhadores em relação aos benefícios das fábricas. Exploração de recursos naturais, contaminação de água e solo, exploração de mão de obra, locais de trabalho insalubres e moradias precárias. (Educanda 11).

Na questão que pedia para relacionar os textos da Revolução Industrial com os textos disponibilizados na pasta, a estudante produziu um parágrafo bastante autoral, no qual citou ao mesmo tempo as desigualdades e a possibilidade de aumento do consumo por parte dos trabalhadores:

Tanto a indústria plástica quanto a indústria que surgiu com a revolução industrial tinham a finalidade de baixar os custos de produção e de venda aumentando o lucro

e partem do sistema capitalista. As massas populacionais puderam adquirir bens de consumo com o surgimento da indústria e posteriormente isso se intensificou com a indústria plástica. (Educanda 11).

A educanda parece projetar o consumismo que se seguiu à Segunda Guerra para a Primeira Revolução Industrial, sem atenção ao fato de que essa revolução, conforme mostram todos os textos disponibilizados, piorou as condições de vida dos trabalhadores.

Finalmente, na questão que pedia para retomar seu problema e tentar formular uma hipótese a partir dos materiais disponibilizados, a educanda afirmou que sim, podia formular a hipótese de que a "exploração de mão de obra, exploração de recursos naturais, poluição do ambiente e visual nos locais que as fábricas são instaladas e onde o lixo é tratado e descartado, que são países de 3º mundo, as sedes das indústrias (sic) comumente fica (sic) nos países de 1º mundo e as fabricas (sic) no exterior". (Educanda 11). Ela acrescentou ainda que os materiais disponibilizados ajudaram na elaboração dessa hipótese porque permitem a observação de que "a busca incessante por maiores lucros e a despreocupação com os danos desde que estes não os afetem diretamente (os donos das indústrias) ou torne o lugar onde vive (sic) feio". (Educanda 11).

A resposta pareceu-me bem coerente com o problema que ela havia formulado, isso é, a estudante havia perguntado sobre os impactos sociais e identificou corretamente a exploração da mão-de-obra e dos recursos ambientais, bem como a relação entre os países desenvolvidos e os países pobres. Onde seu problema perguntava sobre como "as pessoas" que consumiam os produtos plásticos enxergavam a indústria, ela modificou a abordagem destacando os donos de indústria e não os consumidores, talvez pelo fato de o vídeo destacar com ênfase maior o papel das grandes indústrias e menos o consumo, considerei a modificação coerente na medida em que ela está relacionada às fontes disponibilizadas, que pouco ajudavam na percepção acerca dos consumidores.

No trabalho de conclusão a estudante reformulou seu problema. Sem perder o eixo inicial, entendo que a educanda demonstrou capacidade de reformulação na medida em que o curso agregou novos elementos, ao mesmo tempo em que a ausência de determinadas fontes ou textos históricos inviabilizou o aprofundamento de outros aspectos. Ela reorganizou sua questão da seguinte forma:

O problema que estudei é sobre o consumo de plástico e como isso alterou a vida das pessoas e reação delas perante a indústria. Também foram tratadas (sic) as modificações das indústrias por conta das pressões populares. Este assunto é importante ser tratado nas aulas de história, pois mostra o impacto da Revolução Industrial na vida das pessoas atualmente e no desenvolvimento da sociedade. O motivo pelo qual julguei interessante este tema é também os (sic) que considerei relevante para ser tratado em aulas de história, e também para perceber as

modificações que foram feitas por conta das exigências feitas pelas pessoas. (Educanda 11).

Ou seja, ela agregou a ideia de que modificações ocorrem através de pressões, se afastando da narrativa sobre consciência de consumidores, nesse sentido demonstrou ter percorrido e incorporado os materiais disponibilizados. Também agregou na sua justificativa a ideia de mudanças e da importância de perceber a Revolução Industrial como assunto presente, e não como tema simplesmente do passado.

Na segunda resposta ela destacou a Revolução Industrial na medida em que condicionou a nossa sociedade como capitalista, depois citou a industrialização brasileira, destacando que ela só ganhou impulso a partir da década de 1930, e finalmente posicionou a indústria do plástico no contexto do Pós-Guerra, quando as "indústrias passaram a produzir e vender muitos bens de consumo o que impulsionou a economia, principalmente, industrial". (Educanda 11). Na terceira questão, que pedia pelo estabelecimento de semelhanças e diferenças entre as realidades de trabalho narradas nas entrevistas e a realidade de trabalho da Primeira Revolução Industrial, a estudante destacou que: "permaneceu o descaso e exploração do funcionário, principalmente de operários da linha de produção. O objetivo de maior produção e lucro". (Educanda 11).

Já nas diferenças ela cita que do século XVIII para cá aconteceram diversos avanços tecnológicos e conquistas de direitos, como os salários. Ela destaca os sindicatos como sujeitos históricos dessa mudança: "as organizações sindicais ao longo do tempo conquistaram vários direitos para com os trabalhadores, que ainda, são desrespeitados". (Educanda 11).

Na última questão, que pedia a formulação de uma possível resposta para o seu problema, a educanda elaborou uma hipótese bastante coerente e autoral, sem a utilização de citações diretas ela foi capaz de articular a leitura de diferentes materiais em uma possível explicação para o problema que havia construído, disse a educanda:

A indústria desde seu surgimento era poluente e ainda é, mas agora exporta seu lixo e suas fábricas que não atendem as normas ambientais dos países que mais consomem seus produtos. Com a preocupação social sobre a poluição e descarte de resíduos as empresas passaram a reciclar parte de seus resíduos e a produzir produtos com materiais recicláveis, mas a verdade é que essas medidas sozinhas são insuficientes para conter a poluição, pois a mesa (sic) marca vende o mesmo produto com embalagens diferentes em países diferentes, onde um atende as normas ambientais e no outro não, porque não há norma ambiental a ser seguida. As empresas estão usando a preocupação ambiental da população como marketing, mas a pressão popular por indústrias e produtos mais sustentáveis fez com que as empresas modificassem parte de suas produções. (Educanda 11).

Entendo que as respostas da educanda evidenciam que ela atingiu os objetivos pedagógicos propostos para o curso, demonstrando evolução na aprendizagem e domínio dos conceitos trabalhados.

Passo agora à análise da evolução do Educando 6. No primeiro trabalho ele falou dos problemas e justificativas dos materiais disponibilizados em apenas um parágrafo, demonstrando capacidade de síntese, mas também demonstrando alguns erros conceituais, por exemplo, ao afirmar que a humanidade passou de "agricultora para assalariada", sem perceber que a agricultura é uma atividade econômica que pode ser desenvolvida sob diferentes relações de produção, inclusive sob a forma assalariada. Também escreveu que os "problemas" apontados pelo vídeo e pelos textos são a "saúde do trabalhador" e a "poluição do meio ambiente", em uma clara identificação da ideia de problema histórico como algo ruim, e não com o questionamento que fomenta a reflexão.

Finalmente, reproduziu generalizações em algumas passagens, dizendo que a indústria tornou "a humanidade" consumista, sem a devida atenção ao fato de que "a" humanidade é bastante diversa, e que os materiais citados demonstravam que o acúmulo de lucro no setor industrial foi acompanhado de carestia para amplas camadas da humanidade.

Na minha interpretação, o que explica esses equívocos não é a dificuldade de interpretar o material disponibilizado, mas uma certa urgência em fazer uma resposta demasiadamente sintética, que buscava em um único parágrafo falar sobre três materiais distintos. Essa impressão foi confirmada pelo educando em e-mail que troquei com ele, ao afirmar que estava com bastante coisas para fazer durante a pandemia, e inclusive precisou faltar em uma aula síncrona. Eu fiz essas ponderações nos comentários ao trabalho, e solicitei que ele corrigisse isso no desenvolvimento do curso.

Na questão 2, que pedia a identificação das fontes utilizadas pelos autores dos livros e do vídeo, o educando também respondeu em um parágrafo, porém dessa vez sem apresentar erros, confirmando que dominou a noção de fonte histórica. Ele disse que as fontes utilizadas são entrevistas, imagens e dados disponibilizados na forma de gráficos sobre a poluição.

A questão 3 da pasta de meio ambiente era a que pedia para identificar o que o vídeo História do Plástico chama de "problemas estruturais", e estabelecer uma relação entre eles e a Revolução Industrial. Reproduzo a resposta do estudante integralmente:

A revolução industrial começou com um objetivo de alcançar um maior público e gerar maiores lucros com isso. Então a indústria desde seus primórdios busca uma constância em sua produção para obter uma maior venda em sua empresa, desde então os produtos vem ganhando uma quantidade cada vez maior. O vídeo faz ênfase na quantidade de produtos no meio ambiente e seus malefícios, com o plástico ganhando um papel principal. Pela extrema quantidade de produtos sendo

produzidos cada vez mais, acabam não obtendo um lugar onde possam ir todos esses produtos, pondo o meio ambiente em um precipício. A relação que fazemos são as produções em massa, para obtenção de um lucro constante. (Educando 6).

Na questão 4, que pedia para estabelecer uma relação de complementaridade ou contradição entre os materiais disponibilizados na terceira semana e os materiais disponibilizados na pasta temática, o educando voltou a enfatizar que existia uma diferença entre a indústria daquele período e a atual, tal diferença é a preocupação com questões "externas, como o meio ambiente". (Educando 6). Segundo ele essa preocupação é necessária porque as empresas que não tomam atitudes em relação à preservação ambiental não conseguem se manter no mercado, e por isso elas estão dispostas a aumentar os seus custos com esse tema, algo que não acontecia na Revolução Industrial.

Uma vez que o educando mostrou entendimento dos materiais, acredito que suas respostas são excelentes para o debate acerca da visão hegemônica sobre a indústria do plástico e sua relação com o meio ambiente. Esse discurso sobre a necessidade de ser ecologicamente correto para obter sucesso no mercado, inunda as publicações empresariais sobre o assunto, não posso afirmar, por falta de uma investigação mais detida sobre isso, como ela foi reproduzida no curso de plásticos do IF, mas acredito que é razoável estabelecer a hipótese de que o curso é um dos vetores de reprodução dessa visão junto aos educandos, evidente que essa visão é muito difundida por meios de comunicação, não é uma exclusividade da indústria do plástico ou do curso técnico do IF.

Também chama atenção o fato de que o vídeo *A História do Plástico* enfatiza bastante que as empresas poluidoras são gigantes do setor, isso é, empresas muito bem sucedidas, que não têm dificuldades para se manter no mercado. Então, por que um educando que demonstrou capacidade de compreensão dos argumentos listados no vídeo, apontando corretamente as fontes utilizadas, e mostrando capacidade de síntese ao explicitar do que trata o vídeo, não observou essa parte tão explicitamente contraditória com sua linha de argumentação? Parece-me difícil atribuir isso a dificuldades de entendimento, ou compreensão teórica do assunto, acredito que esse aparente "esquecimento" de um ponto tão importante no vídeo é fruto do processo educativo mais amplo, da dialética instrução-educação: o educando foi instruído no conteúdo histórico, mas o professor não logrou conseguir a articulação entre a instrução e o senso comum no qual ele se movimenta, dessa forma ele continuou reproduzindo uma narrativa empresarial, contraditória com o conteúdo que aparentemente apreendeu.

Abaixo transcrevo o comentário que fiz sobre essa resposta, para que meus leitores possam melhor compreender a forma com que busquei intervir no processo:

Essa resposta pode ser melhorada. Está correto dizer que as indústrias passam a assumir algumas preocupações com o meio ambiente, mas as fontes disponibilizadas nos vídeos sugerem que isso não acarretou aumento de custos (veja a comparação que o vídeo "História do plástico" faz entre o lucro das principais empresas do setor e os valores investidos em programas de reciclagem); os vídeos também mostram que essa preocupação com o meio ambiente é restrita aos países sede, e que elas acabam "externalizando" a poluição, isso é, mandam o lixo para China, para Indonésia, etc...(Comentários do Professor).

A última questão pedia para o educando formular uma hipótese, coerente com o que havia escrito até aqui, o estudante afirmou que:

O cuidado com o meio ambiente surgiu com a evolução e os fatos observados pela ciência, as empresas tiveram que se preocupar não apenas com as suas ações internas, mas também as externas. Que justifica o cuidado das empresas com o meio ambiente. Esse fato nos permite ressaltar que as indústrias estão dispostas a fazer o necessário para permanência do plástico não apenas para obtenção do seu lucro, mas para a permanência no mercado. (Educando 6).

Além dos elementos já destacados acima, que reaparecem nessa resposta, destaco que "a evolução" aparece agora como um sujeito histórico responsável pelo cuidado com o meio ambiente. Outro fato a ser destacado é que o estudante não mencionou na sua resposta nenhuma das fontes, não fez relação explícita entre sua hipótese e os materiais estudados, o que pode indicar tanto pouca dedicação à realização da atividade, quanto uma recusa de incorporar dados que pudessem contradizer a hipótese apresentada. Nesse caso avaliei que não existia apenas uma questão referente à visão do educando, ao que chamei de educação em contraposição à instrução, mas que existia também um problema de compreensão sobre o que é uma hipótese e o papel que as evidências jogam na hipótese, assim fiz o seguinte comentário na avaliação disponibilizada para o educando:

[...] os vídeos sugerem o contrário da sua hipótese, a ideia chave presente ali é que as empresas trabalham para baixar custos e externalizar a poluição. Para defender a hipótese que você apresentou aqui é necessário consultar outros textos ou dados, os vídeos que você citou não permitem afirmar isso. (Comentário do professor no Moodle).

O trabalho de conclusão do Educando 6 foi apresentado no formato de uma única redação abordando todas as questões destacadas, uma redação de duas páginas, cujo título já adiantava a conclusão do seu trabalho: "Meio Ambiente: o controle de poluição se tornou necessário para a indústria". (Educando 6).

Explicou na introdução da sua redação que iria discutir porque esse controle se tornou necessário para a indústria e justificou a importância da temática pelo fato de "também estarmos inseridos no meio ambiente". (Educando 6). Na sequência passou a destacar a sucessão de acontecimentos que se ligam ao seu problema, explicou que a Revolução

Industrial marca o nascimento da indústria e da mecanização da produção, que ela se desenvolveu em diferentes fases, sendo que para o plástico o fundamental foi a Segunda Revolução, sendo a indústria do plástico uma inovação do século XX. Destacou que o sucesso do plástico a partir da década 1920 deveu-se ao baixo custo dele enquanto matéria-prima. Concluiu sua sucessão mostrando como o crescente consumo de plástico está atrelado ao problema ambiental, apresentando o dado do Fórum Econômico Mundial, de que 91% do plástico produzido atualmente não é reciclado.

Refletindo sobre a sucessão apresentada ele relacionou a legislação ambiental ao movimento ambientalista, em uma clara inflexão no sentido de refletir causas externas à indústria como elementos que a pressionaram no sentido de maiores cuidados com o meio ambiente. Encaminhando-se para a conclusão do trabalho o estudante expressou uma visão bastante diferente da hipótese que havia formulado no primeiro trabalho, para ele:

[...] vimos e vivenciamos um mundo industrial, capitalista e cada vez mais consumista desde os primórdios da industrialização, que podemos observar nas fontes apresentadas, como a Maria, que teve que trabalhar desde cedo, como também o trabalho dos catadores que nos permitem dizer que a indústria não se preocupa com o seu produto fora da empresa, ou seja, continuam com a mesma marca do início da industrialização, se preocupando apenas com a produtividade, o custo e o lucro da empresa. (Educando 6).

Apesar disso, ele diz que o controle da poluição se tornou necessário para a indústria, não apenas a do plástico, mas também as outras, já que o plástico é utilizado em várias áreas como matéria-prima. Por isso, a indústria do plástico combate a poluição através do investimento em reciclagem, e "cada vez mais inovações para as soluções desta poluição gerada no meio ambiente, como por exemplo, o plástico verde. Que busca cada vez mais opções sustentáveis de consumo". (Educando 6).

Na minha avaliação, o trabalho final demonstrou uma transformação na maneira de encarar o seu problema, o estudante mostrou apropriação do material disponibilizado, o que é evidenciado pela relativização de suas convicções acerca das preocupações das indústrias de efetivarem uma produção limpa para manterem-se no mercado. Essa hipótese, que ocupava lugar destacado nas elaborações do Educando 6 até o primeiro trabalho, embora continue presente, no trabalho de conclusão já divide espaço com o movimento ambientalista, e com a crítica ao comportamento das indústrias, crítica essa referenciada nos materiais dos catadores e na entrevista de Maria da Silva.

A narrativa não alcança uma conclusão para a questão que havia formulado, chegamos ao final sem saber claramente o que teria feito com que a indústria se preocupasse com as questões ambientais. No entanto, não era objetivo do trabalho que os educandos

apresentassem respostas para questões tão complexas quanto essa, destaco esse ponto para evidenciar o caráter de inconclusão do trabalho final do Educando 6, minha impressão é de que os materiais do curso serviram para relativizar suas certezas em relação à indústria, mas não permitiram a elaboração de uma nova visão.

Penso que o estudante atingiu os objetivos pedagógicos do curso: demonstrou compreensão da noção de fontes e problemas para o estudo da história, formulando um problema e comentando fontes relacionadas a ele; também demonstrou capacidade de relacionar a Revolução Industrial ao seu problema, expressando entendimento acerca de alguns dos aspectos centrais desse fenômeno, como a produção em massa, e a busca pelo lucro através da redução de custos. Também elaborou uma narrativa histórica, que embora inconclusiva, guarda coerência interna na medida em que o educando levanta várias hipóteses explicativas sem excluir ou afirmar a exatidão de nenhuma delas.

Especialmente, o educando mostrou atenção e dedicação ao estudo, observando os comentários sobre o seu trabalho que haviam sido feitos, e recriando suas interpretações a partir de novos materiais disponibilizados.

5.4 Indústria do Plástico no Brasil

O Educando 8 respondeu a questão sobre fontes, problemas, justificativas e perspectivas dos autores dos textos dizendo que eles "escreveram esses textos para dar seu ponto de vista sobre a indústria, o primeiro visando os trabalhadores da área do plástico e o outro dos donos de grandes indústrias". (Educando 8). No entanto, não citou trechos que pudessem justificar essa afirmação, ele parece ter transposto para a resposta dessa questão o raciocínio presente nos textos das duas primeiras semanas, de que o historiador sempre escreve de um ponto de vista e acaba narrando a história desse ponto de vista, assim identificou quem eram os autores e estabeleceu o raciocínio.

Na hora de explicar o problema de cada livro o educando fez uma espécie de síntese (baseada na introdução dos livros) do que tratava cada obra. A questão sobre as fontes foi respondida com uma única frase: "As fontes são bem diversas sendo documentos, imagens, livros e entrevistas". (Educando 8). A terceira pergunta pedia para o estudante identificar semelhanças e diferença entre os textos:

Diferenças:

Um texto e (sic) mais histórico e outro e (sic) mais técnico.

Um deles foca na indústria brasileira como um todo e não somente na indústria do plástico enquanto o outro também busca dados internacionais para fazer comparações. (Educando 8).

Entendi que o texto histórico seria o da CNI, pois é mais narrativo, e o "técnico" seria o do Sindicato dos Químicos. Existe aqui uma aproximação de "técnica" com número, e a ideia implícita de que a obra de história não requer uma "técnica". Enquanto visão sobre o mundo do trabalho e a história acredito que essa posição é bastante sintomática, expressa por um educando do terceiro ano reforçou minha impressão de que o currículo do IF, embora buscando integrar a parte técnica com a parte propedêutica, não logra uma integração e sim uma justaposição. De maneira geral, o currículo parece não encaminhar o educando na compreensão de que o conhecimento nas ciências humanas também requer uma determinada técnica, e o "técnico" acaba virando sinônimo de "ciências exatas", ou do saber fazer nos laboratórios da instituição.

Do ponto de vista do conhecimento histórico fica evidenciado que o estudante não compreendeu os textos disponibilizados, pois ali era bastante grifada a ideia de que o conhecimento histórico pressupõe um determinado método, e requer técnicas capazes de interpretar fontes e organizar a compreensão dos acontecimentos. Nas semelhanças o educando destacou algo bastante evidente, que os dois falam sobre a indústria, e que os dois falam sobre o Brasil.

A questão 4 pedia para o estudante localizar contradições ou complementaridades entre os textos disponíveis na pasta e os textos trabalhados na terceira semana. O Educando 8 disse que eram complementares e citou o tema da "escravatura" como justificativa, disse ele que:

[...] um fala muito superficialmente, já o outro descreve a forma de trabalho da escravatura de forma mais detalhada. O mesmo acontece após a escravatura um texto não dando tanta ênfase no trabalhador e o texto de Eric Hobsbawm contando como eram suas condições. (Educando 8).

Na realidade nenhum dos dois textos têm a escravidão como seu tema central, tanto no texto de Eduardo Bueno quanto no de Hobsbawm ela aparece na relação com a industrialização. Hobsbawm escreve sobre escravidão para explicar o contexto de acumulação primitiva do capital, ela aparece como elemento que permite a emergência da Revolução, mas na hora de falar de Revolução Industrial ele se detém no trabalho "livre", isso é, assalariado. Interpretei essa resposta como evidência da dificuldade do estudante de compreender o eixo central dos livros, isso é, embora na primeira questão ele houvesse conseguido resumir do que trata cada um dos livros, baseando-se sobretudo nas introduções, na hora de comparar ele se deteve em temas que nas duas obras eram secundários, não estando no centro da narrativa.

Já na segunda semelhança o educando parece-me mais assertivo, de fato é uma diferença que salta aos olhos: enquanto o texto de Eric Hobsbawm nos conduz ao mundo dos

trabalhadores, às suas lutas e misérias, a narrativa de Eduardo Bueno funciona como uma *ode* à indústria nacional, ali o trabalhador é um detalhe. Na última questão, que pedia para o estudante explicar em que medida o material disponibilizado o ajudou no desenvolvimento do seu problema, o Educando 8 disse que o livro da CNI foi útil porque:

[...] fala o nome de duas empresas que foram pioneiras em suas áreas do plástico no Brasil e após pesquisar essas empresas se vê que se trata de uma multinacional americana e a outra chefiada por um imigrante Francês, o que se pode acreditar é que elas trouxeram um pouco de experiência de seus países para a indústria (sic) no Brasil. (Educando 8).

O educando conseguiu fazer uma relação demonstrando que investigou o material com atenção. Por outro lado revela uma ideia um tanto ingênua para um educando que, conforme o programa do IF, já deveria ter estudado o processo de imperialismo e financeirização da economia: para ele uma multinacional americana nos ajudou trazendo experiência, não existe nenhuma menção à subordinação tecnológica do país, e sua dependência em relação aos centros hegemônicos do capitalismo.

A questão ainda pedia para que o estudante explicasse como os materiais lhe ajudaram na percepção das condições históricas de emergência do problema de pesquisa que havia criado. O estudante respondeu que sim, que especialmente o livro da CNI ajudou a ver como o Brasil se desenvolveu e quais foram os principais problemas para a formação da nossa indústria. Citou dois exemplos de problemas, ser uma colônia de Portugal, e "a política interna do país". No que refere-se ao passado colonial parece evidente que entendeu o texto, já no que diz respeito aos problemas da política interna o educando não cita o que compreendeu serem esses problemas.

Ele conclui o trabalho elogiando o texto organizado a pedido do Sindicato dos Químicos, para o Educando 8 essa obra:

[...] deveria ser lida pôr (sic) todos que cursam o técnico em plástico, pois explica o cenário (sic) da indústria (sic) plástica no Brasil de forma não tão difícil o primeiro e o terceiro capítulos são excelentes mostrando como o Brasil esta em âmbito internacional e o terceiro falando sobre nosso mercado de trabalho. (Educando 8).

Lembro que esse é o livro que apresenta dados estatísticos, do qual falei na introdução desse capítulo, ele não apresenta uma narrativa histórica. A reflexão que fiz é que o Educando 8 escreve pouco, e teve dificuldade no entendimento de alguns conceitos da disciplina de História, mas que demonstrou aplicação no estudo e na investigação dos materiais disponibilizados. Demonstrou entendimento de conceitos como "fontes" e "problemas históricos", e conseguiu articular algumas informações com a sua problemática.

O trabalho de conclusão do Educando 8 tem 3 páginas.

Na primeira questão, justificando a importância de sua investigação, ele disse que gostaria de saber em quais empresas e países os donos de indústria no Brasil se inspiraram para moldar suas empresas, e como isso afetou no processo de tomada de decisões, explicou que isso é importante para sabermos:

[...] as inspirações que as empresas tiveram e como isso as afetou. Os problemas que eles solucionaram rapidamente por já ter precedentes em outros países, o padrão de produção que escolheram para suas empresas, e também os problemas que tiveram, pois tentaram fazer igual à outra empresa, mas não conseguiram e etc. (Educando 8).

Ele segue o texto explicando que esse assunto é importante para entendermos o comportamento da indústria nos dias atuais:

[...] afinal nós não fomos os pioneiros na indústria do plástico então é natural que não cometemos tantos erros quanto os pioneiros dessa indústria, mas por não termos passados (sic) por tanta dificuldade quanto eles isso pode ter afetado o nosso jeito de pensar e fazer as coisas. (Educando 8).

Destaco a ausência da ideia de subordinação tecnológica que havia sido bastante trabalhada na aula que gravei sobre a industrialização do Brasil, bem como da articulação entre as partes pobres e ricas do mundo em uma divisão de trabalho desfavorável aos países de industrialização tardia, como o Brasil. O educando seguiu reproduzindo uma visão ingênua, de que as grandes empresas do exterior "ajudam" a indústria brasileira a se desenvolver, e que a relação da "nossa" indústria com a indústria dos países centrais é amistosa. Entendi que o educando não viu a aula, uma vez que não a indiquei como obrigatória, e foi postada na quarta semana, fora da pasta temática (não é possível colocar vídeo dentro de pasta no Moodle).

Na questão que pedia para organizar acontecimentos em ordem de sucessão, o educando destacou a Abolição da Escravidão, a Revolução Industrial e os Direitos Trabalhistas. Utilizando o resumo comentado do texto de Hobsbawm o educando começou explicando a relação existente entre a Revolução Industrial e o trabalho escravo produtor de algodão, mas ao desenvolver o raciocínio demonstrou que estava confundido o feudalismo e a servidão com a escravidão. Para justificar a ideia de que a abolição é simultânea à Revolução Industrial, o educando citou um trecho no qual Hobsbawm menciona que para o desenvolvimento da industrialização era necessária uma revolução social que acabasse com os laços de servidão no campo, o que o educando traduziu por "uma revolução social para a quebra do sistema feudal começando com o trabalho escravo". (Educando 8). É uma dificuldade de compreensão que já tinha aparecido no primeiro trabalho, e que não consegui auxiliar o educando a superar, parece que nesse ponto fazia-se necessária uma aula mais tradicional, pontuando melhor os conceitos.

A vinculação entre a Revolução Industrial e a emergência da luta por direitos trabalhistas, aparece de maneira mais clara em um parágrafo no qual ele demonstrou autoria e capacidade de articular as informações sobre o assunto, o Educando 8 afirmou que:

Durante a revolução industrial o espaço de trabalho era precário, a exploração da mão de obra era constante e mantinha os trabalhadores em um nível de subsistência. Os trabalhadores não aguentando mais os abusos, tanto por parte do ambiente de trabalho precário, o salário que era baixíssimo e falta de consideração pela classe trabalhadora, começou a se “rebelar” utilizando o sindicato e o auxílio (sic) mutuo (sic) juntamente com as greves e a solidariedade assim dando o primeiro “sinal” da formação dos direitos trabalhistas. (Educando 8).

Depois ele explicou que para conquistar esses direitos foi muito difícil, que os trabalhadores precisaram fazer "greves" e "instrumentos para se defender", mas conclui com uma visão bem otimista sobre o presente, dizendo que "ainda a(sic) alguns abusos aos trabalhadores, mas isso já e (sic) algo que não e (sic) tão comum quanto a alguns anos atrás e a tendência desses abusos e (sic) diminuir". (Educando 8). O Educando 8 não cita nenhuma fonte ou dado que corrobore essa perspectiva otimista. Na terceira questão, que pedia para identificar e comentar semelhanças e diferenças no trabalho industrial contemporâneo em relação ao início da Revolução Industrial, o educando citou a preocupação com o meio ambiente e os direitos trabalhistas como transformações, e a busca pelo lucro e por uma produção sempre maior como permanências. Falando das transformações ele pontuou que:

A preocupação com o meio ambiente é algo relativamente novo, mas é algo que a cada dia que passa se torna mais importante e esse mercado está em constante expansão, o que fez com que muitas empresas adotem iniciativas verdes. As pessoas viram que a preocupação com o meio ambiente e (sic) algo tem muita importância para nosso planeta. (Educando 8).

A resposta evidencia a reprodução de um discurso bastante difundido sobre a preservação ambiental como um interesse de mercado, atrelado à ideia de uma consciência crescente das empresas em relação ao ambiente. O texto do livro didático reforçava tal discurso, chamando atenção para a consciência ecológica e para a atuação de ONGs como o Greenpeace, mas destoava bastante da posição apresentada no vídeo A História do Plástico.

Cito integralmente a passagem do educando sobre os direitos trabalhistas:

Os direitos trabalhistas foi (sic) algo muito importante que os trabalhadores conquistaram na revolução industrial os trabalhadores viviam em nível de subsistência, diferente do que vivemos agora onde temos leis que os protege (sic). Mesmo existindo essas leis e sendo muito melhor que do na revolução industrial ainda existem donos de indústria e empresas que tentam fugir desses direitos dos trabalhadores podemos ver isso na entrevista da “Maria dos Santos” onde ela relata que muitos donos de empresas que não ligam para seus funcionários e fazem eles trabalharem arriscando sua própria vida e mesmo quando um desses funcionários morre cumprindo suas tarefas na empresa eles tentam fugir de pagar seus direitos. Mas nem todos os donos de empresas são assim podemos ver pela entrevista da “Joana dos Santos” que ela diferente da outra entrevistada não teve muitos problemas com a indústria ela alega que a indústria está sempre mudando, com isso

acredito que chegará o momento em que todas as empresas irão ter que no mínimo cumprir todos os direitos dos trabalhadores. (Educando 8).

Ou seja, existem donos de empresas bons e donos de empresas ruins, a exploração do trabalhador aparece como um problema de ordem moral. Segue presente um otimismo gigantesco, durante a Revolução Industrial os trabalhadores estavam no nível da subsistência, agora temos leis que nos protegem. Finalmente aparece uma visão evolucionista de que o simples passar do tempo vai resolver o problema daqueles que ainda não encontraram bons patrões, afinal a indústria está sempre mudando e "chegará o momento em que todas as empresas irão ter que no mínimo cumprir todos os direitos dos trabalhadores". (Educando 8).

A visão moralista acerca dos problemas da indústria segue na questão em que o educando cita as permanências. Para ele a busca pelo lucro está "enraizada na cabeça das pessoas", sendo que:

Muitos problemas na indústria são causados pela ganância como diminuir cada vez mais os salários dos empregados, diminuir a qualidade do produto para ganhar mais. Para os donos de empresas eles não se preocupam com o funcionário ou outras coisas eles só se preocupam com o quanto podem lucrar. (Educando 8).

Acredito que no trabalho do Educando 8 é possível visualizar duas concepções de mundo em choque, a base da visão que expressa sobre o trabalho e a história é o discurso hegemônico no mundo empresarial, com forte caráter moralista, tratando os problemas como desvios individuais. Essa perspectiva segue dominante, é ela que organiza as respostas do estudante ao trabalho, no entanto, nas margens dessa visão aparecem alguns elementos apreendidos durante o curso, a entrevista de Maria da Silva citada várias vezes, e o elemento de exploração presente no trabalho industrial, que parece vir do texto de Hobsbawm, material seguidamente citado pelo educando. No entanto, esses elementos de instrução não lograram se impor em relação ao senso comum, aparecem como elementos contraditórios, acomodados a uma visão distinta.

Na questão 4, apresentando uma possível resposta para o problema que formulou, o educando começa citando que a indústria do plástico no Brasil começou com uma multinacional americana. Interpretando a vinda dessa empresa para o Brasil o educando afirma que:

Graças ao momento em que o Brasil estava a empresa Americana viu uma oportunidade de negócios no Brasil assim abrindo uma empresa de plástico no Brasil trazendo toda a sua experiência das suas empresas já existentes na América ajudando assim o crescimento da indústria do plástico no Brasil e por consequência toda empresa que teve de inspiração nessa empresa multinacional acabou por moldar sua empresa com características dos estados unidos (sic), o mesmo aconteceu com o imigrante Francês ele viu uma oportunidade e abriu sua empresa assim inspirando diversas outras empresas a fazer o mesmo. (Educando 8).

Na sequência ele retoma o problema que havia formulado - sobre como as primeiras indústrias de plástico do Brasil influenciaram a "tomada de decisão das indústrias no Brasil" - diz que a leitura desse material não permite "sabermos como exatamente essas empresas influenciaram a tomada de decisão das outras" (Educando 8), seria necessário:

[...] consultar novas fontes que relatassem em quais inovações exatamente que essas empresas trouxeram para o Brasil como era (sic) as políticas dessas empresas para então compararmos as políticas das outras empresas e vermos se até hoje utilizamos alguma política que adquirimos graças a essas influências e como isso nos levou e nos ajudou a nos desenvolver. (Educando 8).

Considerarei essa conclusão bastante positiva, na medida em que o estudante demonstrou reconhecimento da insuficiência das fontes para elaboração de uma hipótese, ao invés de simplesmente preencher a lacuna de evidências com opiniões pessoais, o educando pontuou a necessidade de desenvolver os estudos. Confirmou a impressão positiva que tive sobre o entendimento dele acerca dos conceitos referentes ao método, sobre como se constrói o conhecimento histórico.

5.5 Mulheres na indústria do plástico

A Educanda 3 realizou o trabalho 1 com bastante atenção e cuidado, respondeu a primeira questão identificando, em cada um dos textos disponibilizados na pasta temática, o nome das autoras e o problema que animava cada obra. Ela promoveu citações literais dos trechos sem o cuidado de colocá-los entre aspas. Esta forma de responder as questões levantou dúvida sobre o real entendimento da educanda acerca dos textos que leu, por exemplo, teria ela entendido o significado da expressão "novos paradigmas produtivos", ou de objetivos como "desvendar e desarticular discursos utilizados para justificar desigualdades de gênero nos espaços produtivos"?

A questão 2, sobre as fontes utilizadas nas obras, foi respondida da mesma forma, a educanda localizou corretamente uma série de fontes, e reproduziu listas de fonte para cada texto que leu. As listas foram bastante completas, a educanda parece ter utilizado as referências bibliográficas de cada texto, reproduzindo o nome dos autores.

A terceira questão perguntava se a educanda conseguiu perceber relações de permanência/continuidade, ou transformação/ruptura, entre o texto que trata da situação das mulheres no início do século XX, e o texto que trata dessa temática no mundo contemporâneo. Aqui aparece a primeira resposta genuinamente autoral do trabalho, a Educanda 3 respondeu que:

Conseguí perceber uma relação de permanência das mulheres no mercado de trabalho, embora tenham ocorrido transformações nas condições e modelo das vagas

disponíveis. No entanto, não houve uma ruptura, quando se trata em ocupar postos de maior liderança e melhores salários. (Educanda 3).

A resposta foi breve, a educanda não explorou nenhum exemplo concreto das transformações nos modelos e condições das vagas disponíveis, tampouco argumentou listando dados ou situações que evidenciassem a ausência de rupturas no tema dos postos de liderança ou melhores salários. Essa resposta reforçou a ideia de um trabalho realizado em grande medida através de cópia de texto, sem uma apropriação crítica do conteúdo dos mesmos.

A questão 4 pedia para comparar os textos disponibilizados na pasta temática com os textos do módulo 3, a pergunta era se a educanda identificava aspectos complementares ou contraditórios entre os textos da pasta e os textos da terceira semana. Na avaliação da educanda os textos eram complementares, e não contraditórios, para ela:

[...] cada texto se aprofunda em épocas e perspectivas diferentes. Em relação aos textos do módulo três não há uma contradição. O que ocorre é um enfoque no trabalho feminino, enquanto os textos do terceiro módulo abordam o trabalho de uma forma mais abrangente. (Educanda 3).

De fato, os textos tratavam de épocas diferentes, a pasta temática enfocava apenas a perspectiva do trabalho feminino, enquanto os textos da terceira semana, embora também tocassem no assunto trabalho feminino - como o capítulo de Hobsbawm e o texto didático, que enfatizavam a entrada da mulher no mercado de trabalho relacionando-a com a ampliação da exploração da força de trabalho e do rebaixamento geral de salários - o faziam em uma relação mais geral, ou "abrangente" na expressão da educanda, sem atenção específica à temática da opressão de gênero.

Na última questão, a educanda escreveu que a partir dos textos lidos conseguia estabelecer uma hipótese para seu problema de pesquisa, para ela o pouco espaço que as mulheres ocupam hoje na indústria do plástico pode ser explicado pela:

[...] historicidade de como as mulheres ingressaram no mercado de trabalho e o papel atribuído a elas pela sociedade. Da mesma forma, em relação aos espaços que ocupam em áreas de subordinação, visto que não houve uma ruptura sobre a visão da trabalhadora como uma liderança. (Educanda 3).

Aqui não encontro cópia literal dos textos lidos pela educanda, parece-me possível afirmar que existe autoria e coerência na hipótese formulada, o negativo é que a educanda não desenvolve o argumento, não faz relações com dados, conceitos ou com a argumentação dos autores. A expressão "historicidade" aparece ali como sinônimo de história, isso é, o lugar das mulheres na indústria do plástico seria resultado da história de ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Respondendo se os materiais ajudaram na percepção das relações da Revolução Industrial com a problemática formulada, a educanda reiterou o dito acima, que

sim, porque os textos permitiram a percepção das "condições históricas da representação das mulheres na indústria do plástico". (Educanda 3).

Minha avaliação é que por "condições históricas" a educanda entendeu o processo histórico de entrada das mulheres na indústria, e pontuou que os textos haviam auxiliado nessa percepção. Nesse sentido os textos ajudaram a historicizar a problemática que ela havia formulado, por outro lado, o pouco desenvolvimento das questões parece indicar uma limitada apropriação, ou um limitado interesse da educanda pelos textos indicados.

Nas considerações que fiz para a estudante, além das indicações referentes às citações, procurei estimular a ampliação de suas reflexões, por exemplo, na questão sobre permanências e transformações pontuei que:

A resposta está correta, você utilizou muito bem o conceito de permanência, poderia desenvolver mais citando exemplos apresentados no livro e verificados nos dias de hoje. Como esse é o seu problema de pesquisa é importante desenvolver mais a sua reflexão. (Comentários do professor no Moodle).

Passo para a análise do trabalho de conclusão da estudante.

Na primeira questão, que pedia para retomar o problema e justificar a relevância do assunto, a estudante iniciou pontuando algumas justificativas explicitadas nos textos que leu, como por exemplo o argumento de Melo (2000), de que a crise e a reestruturação produtiva abriram novas possibilidades de ingresso das mulheres no mercado de trabalho, o de Galvane (2016), que mostra como os gestores de RH costumam reproduzir discursos machistas, e o de Venâncio (2001), para quem Estado, empresários, e o próprio movimento dos trabalhadores, atuaram no sentido de minimizar a participação das mulheres no mercado de trabalho. As citações não são diretas, a educanda mostrou apropriação das respostas, o que ficou evidente por sua capacidade de, após fazer essas referências, construir dois parágrafos de síntese, um primeiro relacionando o material estudado com o mundo contemporâneo:

[...] diante de tantos estudos e contextualizando com o momento atual, no qual há uma grande mobilização de grupos em defesa dos direitos da mulher, entre eles, o direito ao trabalho, à equiparação salarial e ao acesso de postos de liderança pelas mulheres, justifica-se a relevância em discutir esse tema nas aulas de História. (Educanda 3).

E um segundo, relacionando a temática aos seus interesses pessoais:

Este assunto é importante para minha vida, pois estou incluída nesse grupo feminino e logo farei parte da classe trabalhadora. O recorte em relação à representação das mulheres na indústria do plástico e o espaço que elas ocupam nos dias atuais é em virtude de ser estudante do curso de Plásticos e há possibilidade de algum dia eu trabalhar na indústria, então, preciso saber sobre esse ambiente e como nós mulheres atualmente estamos inseridas nele. (Educanda 3).

Na questão que solicitava para os estudantes destacarem em uma ordem de sucessão ou simultaneidade acontecimentos ligados ao seu problema de pesquisa, a educanda listou o processo de entrada das mulheres no mercado de trabalho, citou a Revolução Industrial como processo inicial, e acompanhou os movimentos da força de trabalho feminina dentro desse processo, destacando dados disponíveis nos textos sobre a participação das mulheres no emprego industrial. Identificou a partir desses textos um processo de escalada da participação feminina durante a Primeira Revolução, sucedido de um recuo gradual ao longo do século XIX (com dados para a Inglaterra).

Como segundo processo (acontecimento) ela destacou a emergência da Primeira Guerra, e o retorno das mulheres ao mercado de trabalho. Passou então a refletir sobre o Brasil, citando as disputas políticas da Era Vargas, que envolviam a tentativa de condenar o trabalho da mulher fora de casa. Esses argumentos aparecem no texto de Galvane, e foram citados de maneira indireta no texto da Educanda 3. Finalmente, a educanda cita dados sobre a força de trabalho feminina na década de 1990, presentes no estudo do Sindicato dos Químicos.

Na questão 3, que pedia para identificar permanências e transformações no trabalho industrial partindo das entrevistas disponibilizadas, a educanda apontou como primeira permanência a exploração do trabalho, disse que as pessoas continuam trabalhando muito porque recebem pouco, e estabeleceu corretamente uma relação com o texto de Hobsbawm, onde o autor afirmava que uma das estratégias da burguesia para disciplinar o operariado era pagar salários muito baixos, forçando-os a trabalhar por longos períodos. Citou a entrevista de Maria da Silva como evidência pela qual podemos perceber que, mesmo com algumas modificações e nuances, a realidade de exploração é uma permanência.

Ela citou um acidente fatal relatado por Maria, apontando como outra permanência o fato de que as condições de segurança no trabalho continuam sendo secundárias para os empregadores. Depois de citar o trecho no qual a entrevistada relata a morte de um jovem de 19 anos eletrocutado por uma máquina, a Educanda 3 elabora a seguinte conclusão:

O que importa é a máquina não parar e continuar a produzir, incessantemente, corpos caem e são substituídos pelo próximo contratado, demonstrando total desprezo pelos seus funcionários. O trabalhador na indústria do plástico tem seu bem-estar frequentemente visto como descartável. (Educanda 3).

No aspecto transformações ela cita a formação do trabalhador, segundo a educanda, - citando o resumo comentado do livro de Hobsbawm - na época da Primeira Revolução Industrial, "o trabalho se aprendia na prática", sendo que a economia industrial inglesa havia se formado sem um planejamento referente ao fornecimento de mão-de-obra. Para evidenciar

a transformação ela cita um trecho da entrevista de Joana dos Santos onde essa argumenta que hoje existe toda uma estruturação do trabalho, com uma base profissional estruturada. No texto resumo citei um trecho de Hobsbawm mencionando o caráter "empírico" pelo qual ocorreu a industrialização britânica, já na entrevista de Joana dos Santos ela menciona a preocupação com a qualificação dos trabalhadores, de modo que é possível concluir que a educanda interpretou corretamente os materiais disponibilizados, embora, a partir de uma análise mais ampla, pudéssemos questionar se de fato existe uma exigência de qualificação para "todos" os trabalhadores.

A outra mudança citada foi o trabalho infantil, é curioso que para reforçar essa avaliação ela cita o trecho da entrevista de Maria da Silva no qual ela diz ter trabalhado em uma indústria durante a infância, e depois concluiu que "esse resquício da Revolução Industrial sofreu alteração com as novas leis que proíbem o trabalho infantil. Pelo menos na indústria, a fiscalização combate esse tipo de prática." (Educanda 8). Isso é, o fato de Maria ter trabalhado na indústria durante a década de 1990, quando ainda era criança, aparece como um resquício da Revolução Industrial, que teria sido superado nos dias de hoje devido à fiscalização.

Na questão 4, que pedia uma possível resposta para o problema formulado no início do curso, a estudante escreveu que "não há uma representação significativa das mulheres na indústria do plástico, principalmente, em posições estratégicas e de liderança". (Educanda 3). Para justificar essa hipótese ela cita diferentes trechos dos textos disponibilizados, e um trecho da entrevista de Joana dos Santos, onde ela indica como um dos aspectos negativos do trabalho na indústria do plástico, a dificuldade das mulheres ascenderem na carreira para ocupar os cargos de chefia. Na conclusão, justificando a importância do tema que estudou, a Educanda 3 afirma que:

Infelizmente, essa realidade não só acontece na Indústria do Plástico, como nas empresas em geral. Debater sobre esse tema, levantar dados sobre esse assunto, são de suma importância para criar políticas públicas que fomentem a inserção das mulheres no ambiente da indústria e favoreçam condições para que elas possam ascender nos postos de trabalho. Além disso, é necessário um amplo debate social, para que as empresas de recrutamento repensem suas concepções sobre o perfil para esses cargos. (Educanda 3).

Entendo que é possível identificar um avanço significativo na construção desse trabalho, diferente do primeiro, aqui a educanda tem vários trechos de autoria, e citou corretamente as obras, pontuado entre aspas o que são transcrições literais, e sempre com a devida citação de autor e obra consultada. Também mostrou domínio sobre os conceitos

trabalhados, compreendeu o que é uma fonte, conseguiu organizar acontecimentos e processos em ordem de sucessão, demonstrou compreensão da discussão sobre Revolução Industrial.

Na avaliação final do curso a educanda disse que ele havia "cumprido" com as suas expectativas, que se matriculou porque queria conhecer mais sobre a indústria do plástico, que isso era importante tanto para os seus estudos quanto para a profissão que gostaria de seguir, e que no curso efetivamente aprendeu mais sobre o plástico, elogiou também os "feedbacks" dado pelo professor aos seus trabalhos, segundo a educanda "eles ajudaram bastante na trajetória do curso". (Educanda 8).

Outro ponto significativo da sua avaliação foi na comparação desse curso com as aulas do Ensino Fundamental, ela citou como semelhança o fato das aulas serem bastante "teóricas", tanto no curso quanto no fundamental. Compreendi que por teórica ela estava se referindo às leituras, em contraposição às atividades práticas, porque se por teoria ela tivesse se referindo à teoria da história não faria sentido a frase, dado que dificilmente alguém discute teoria da história no Ensino Fundamental. Mais importante, ela destacou como diferença a ênfase na pesquisa, de que esse curso tinha adotado essa metodologia, enquanto no Ensino Fundamental ela não desenvolvia isso.

Entendo que a educanda demonstrou evolução ao longo do curso, especialmente na capacidade de relacionar os textos disponibilizados ao seu problema de pesquisa. Os trabalhos entregues pela educanda evidenciam que ela entendeu os conceitos de sucessão e fonte histórica, e também que conseguiu compreender a relação do processo de Revolução Industrial com o trabalho feminino. Penso que os limites observados no desenvolvimento de sua aprendizagem estão relacionados aos materiais que disponibilizei, o excesso de textos acadêmicos, sem a mediação de debates ou a preparação de resumos comentados, dificultou o desenvolvimento das reflexões da Educanda 8.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão propositiva que deu vida à minha pesquisa de mestrado tomou a atividade laboral na indústria do plástico como base para o aprendizado de conceitos e processos históricos, e através deles para uma reflexão capaz de historicizar e problematizar o trabalho. Por esse caminho procurei problematizar limites e possibilidades do trabalho enquanto princípio educativo no ensino de História, situando o processo de ensino e aprendizagem desta disciplina no contexto de crise estrutural do capital, marcada pelo fenômeno do desemprego, da precarização do trabalho, do agravamento das desigualdades sociais, e de uma lógica de expansão econômica violenta em relação ao meio ambiente, que no limite ameaça as condições de reprodução da vida humana.

Porém, mais do que compreender e explicar os limites dessa abordagem, mais do que interpretar o ensino de História nesse contexto, procurei desenvolver uma experiência concreta de educação baseada na reflexão crítica sobre o trabalho, colocar de pé uma proposta capaz de relacionar a disciplina de História ao mundo do trabalho. Sem abandonar a ideia de que a História educa para a cidadania, quis explorar as potencialidades da História situando-a no próprio processo de trabalho.

A pandemia foi um obstáculo (quase) incontornável, não nego que ela também possa ser compreendida como possibilidade, por exemplo, eu aprendi a fazer uma disciplina via Moodle, aprendi a gravar aulas, toscas, mas ainda assim aulas. Mas é forçoso dizer, no meu projeto ela foi um limite: limite na execução da dimensão propositiva, limite na análise do problema proposto.

Na primeira das perspectivas as dificuldades começaram pela utilização das tecnologias digitais, pelo modelo de Atividade Pedagógica Não-Presencial (APNP). Ao longo do texto explorei um pouco minhas dificuldades com essas tecnologias, foram muitas, desde coisas "bizarras" como o fato de que para utilizar o Google Meet precisa ter um Gmail, coisa que não conseguia fazer, até problemas mais complexos, como a configuração do meu computador que é muito antiga, e não comportava algumas das possibilidades do OBS. Essas coisas acabaram deixando o curso pouco dinâmico, não consegui criar mecanismos que pudessem estimular a participação, a interação entre os estudantes, não consegui criar estratégias que superassem a distância física. Isso trouxe prejuízos: primeiro quanto à organização dos debates na turma, a plataforma RNP não possibilitou muitos debates, nem tampouco os fóruns do Moodle, assim acabamos trabalhando de maneira mais individualizada, com cada estudante recebendo orientações individuais, e produzindo uma pesquisa individual, sem as trocas no grupo.

Outro limite na execução foi a distância do trabalho, foi educar sem a presença em espaços nos quais se realiza o trabalho. Com a pandemia não pudemos realizar visitas às fábricas, não pude combinar parcerias com os professores da área técnica, levando a História para os laboratórios. Não conheci a condição real de vida dos estudantes, na relação com eles a distância física foi uma barreira praticamente intransponível, posso dizer que cheguei ao fim do curso sem efetivamente conhecê-los: qual a relação real deles com o trabalho? Isso é, uma vez que os educandos não trabalham, com o que trabalham seus pais? Onde vivem? Quais os trabalhos domésticos que fazem? Tudo se passou com distância, frieza, minha sensação é que dei aula para uma tela de computador.

Do ponto de vista da análise do problema de pesquisa proposto, um limite importante da proposta que construí foi o fato do curso se desenvolver com matrícula optativa, nesse sentido um dos grandes desafios educacionais já estava resolvido de saída, isso é, todo mundo que se matriculou queria fazer a disciplina, estava interessado e dedicado aos estudos. Não precisei desenvolver o interesse do educando, ele já existia, as pessoas que se matriculam em um curso de história e trabalho espontaneamente, sem que isso faça parte do currículo obrigatório, já têm interesse em estudar esse tema. Creio que os colegas professores compreendem a diferença radical que existe entre ensinar para pessoas que já estão convencidas da necessidade de desenvolver determinada aprendizagem, e ensinar para pessoas que precisam ser convencidas dessa importância. Assim, quando ao longo desse texto afirmei que tal ou qual atividade pedagógica foi bem sucedida, tive sempre em mente que trabalhava em uma situação confortável, que contava com o envolvimento do estudante, coisa que em circunstâncias normais precisam ser conquistadas com muito suor.

Além de ter lecionado para estudantes que voluntariamente decidiram participar da disciplina, o número de participantes foi significativamente menor em relação aquele que participa normalmente das disciplinas de História I e História II. Isso permitiu uma maior dedicação à orientação individual de cada estudante, o rumo que dei à disciplina dificilmente poderia ser dado com uma turma regular - eu não conseguiria dedicar o tempo de orientação aplicado nesse curso com diversas turmas de 30 estudantes ao mesmo tempo.

A reflexão sobre os limites do trabalho como princípio educativo acabou prejudicada pelos limites muito mais evidentes da minha capacidade de trabalhar através das APNPs, a diferença do projeto metodológico que propus quase sumiu diante da diferença prática imposta pela pandemia. Ficou difícil compreender até onde as dificuldades encontradas no curso foram decorrentes do princípio educativo do trabalho, ou decorrência direta da distância

física e da minha incapacidade com as tecnologias digitais. Por outro lado, através desse curso consegui me preparar de maneira mais eficiente para a retomada das aulas remotas.

Mesmo com essas dificuldades, acredito que o curso possibilitou a construção de uma proposta para a utilização do trabalho como princípio educativo no ensino de História. Entendo que funcionou a ideia de utilizar entrevistas e dados contemporâneos do mundo do trabalho como meio de estimular o aprendizado de conceitos da História, como "fonte histórica", "sucessão", o processo de "Revolução Industrial", e as contradições entre capital e trabalho que estão em sua base. Penso que o curso auxiliou também do ponto de vista da produção de um pensamento histórico por parte dos educandos, isso é, a construção de uma visão histórica do mundo do trabalho, permitindo a compreensão da realidade atual como síntese de acontecimento anteriores, e parte de um processo permanente de transformação.

Nesse sentido considero que o curso atingiu seus objetivos pedagógicos fundamentais: os estudantes matriculados aprenderam História, e conseguiram refletir sobre o trabalho contemporâneo a partir da História, de categorias próprias a esse campo de estudo. Fundamentalmente, acredito que atingi o objetivo de preparar uma disciplina sistematizando fontes contemporâneas capazes de despertar o interesse e facilitar o entendimento de conteúdos centrais ao estudo da história do trabalho, consegui formular um caminho de ensino e aprendizagem de História relacionando o passado e o presente do trabalho.

Ainda do ponto de vista dos objetivos de aprendizagem, entendo que é possível afirmar que os educandos conseguiram identificar permanências e transformações, continuidades e rupturas nos processos de trabalho industrial. Partindo da leitura da transcrição das entrevistas de História Oral dos trabalhadores da indústria do plástico, os estudantes foram capazes de apontar semelhanças e diferenças em relação aos fenômenos observados na Primeira Revolução Industrial. Mais importante do que isso, foram capazes de situar acontecimentos em uma relação de sucessão, problematizando possíveis hipóteses, historicamente coerentes, para a existência dessas permanências e dessas transformações.

Também conseguiram identificar e refletir acerca das fontes históricas e de seu papel na construção do conhecimento histórico. Analisando o caráter plural das entrevistas dos trabalhadores atuais, os estudantes foram capazes de compreender experiências distintas do mundo do trabalho.

Os educandos conseguiram produzir problemas de pesquisa acerca do trabalho na indústria do plástico, bem como hipóteses coerentes com o método da reflexão historiográfica para esses problemas. Desenvolveram seus estudos com base em problemas históricos formulados nas primeiras semanas, abordando temas como os direitos trabalhistas na

indústria, o papel das mulheres e das tecnologias, e o consumo de plásticos e seus impactos no meio ambiente. Isso é, o curso atingiu o objetivo de lançar um olhar histórico sobre problemas contemporâneos.

Entendo que entre os objetivos alcançados por esse curso está o de construir perspectivas para a produção de uma história do trabalho na indústria do plástico na Região Metropolitana de Porto Alegre. Existe uma grande lacuna nessa área, já que a bibliografia sobre a história do plástico no Brasil resume-se a obras patrocinadas pela própria indústria, com uma visão notadamente otimista, descolada de uma reflexão crítica capaz de explicar a pluralidade das experiências e condições do desenvolvimento industrial. Entendo que a metodologia da História Oral pode ajudar na construção de pesquisas nesse campo.

Essa lacuna se apresentou como limite porque vi-me diante do desafio de ensinar algo sobre o qual não existe um conhecimento consolidado. Por outro lado, entendo que pedagogicamente esse limite também pôde ser trabalhado de maneira propositiva, como possibilidade. Ao explicitar a ausência de conhecimento sistematizado sobre o assunto, procurei caminhar com a turma no sentido do ensino e aprendizado dos métodos e pressupostos de construção do conhecimento histórico, mais do que aprender uma história do trabalho na indústria do plástico, os estudantes caminharam no sentido de entender como se constrói uma história do trabalho na indústria do plástico.

Voltando ao tema da necessária articulação entre limites e possibilidades, inerente a perspectiva teórica do trabalho como princípio educativo, destaco a visão predominante entre os educandos que, conforme o referencial teórico que orienta esse trabalho, chamei de senso comum discente (Gramsci, 1999). Nesse caso, percebe-se o predomínio de uma narrativa que trata a tecnologia como um sujeito histórico, como promotora de transformações, indutora de processos, o que acaba obscurecendo o papel dos humanos, dos grupos e classes sociais como produtores de tecnologias e sujeitos da sua história.

Outro ponto desse senso comum é o que chamei de visão "moralista" sobre a exploração do trabalho e o caráter predatório da indústria plástica em relação ao meio ambiente. É como se estas coisas dependessem do caráter bom ou mau dos patrões e suas empresas, da maior ou menor sensibilidade em relação ao trabalhador e ao meio ambiente. Entendo que é um desafio para o ensino de História trazer à luz o entendimento das contradições inerentes a lógica de produção industrial, que evidenciam a exploração do trabalho e o caráter agressivo em relação ao ambiente como componentes estruturais do desenvolvimento industrial sob o regime do capital.

Penso que identificar esse entendimento hegemônico, e propor estratégias de ensino e aprendizagem a partir dele, foi uma das contribuições desse trabalho. Como Gramsci (2001), entendo que um dos desafios fundamentais daqueles que educam no contexto histórico marcado pelo acesso das classes populares à escola, é situar sua prática pedagógica a partir da dialética instrução-educação. Como expliquei nessa dissertação, acredito que o trabalho é a dimensão humana mais potente para articulação entre o instruir e o educar, porque é uma dimensão síntese entre teoria e prática, capaz de explicitar os aspectos teóricos e ideológicos presentes nas atividades cotidianas.

Finalmente, compreendo que a principal possibilidade construída com esse trabalho diz respeito à relação entre interpretar e mudar o mundo, à célebre Tese 11 sobre Feuerbach (Marx, 2006) que serve de epígrafe para essa dissertação. A ideia de um mestrado profissional foi-me atraente nessa perspectiva, porque desloca para o âmago do processo de trabalho docente o desafio acerca das reflexões capazes de fazer entender e modificar a realidade entendida. Da forma como vejo o marxismo (e sei que existem muitos "marxismos") essa tese comporta ao mesmo tempo uma dimensão teórica e um desafio ético: a interpretação de uma realidade é parte indissociável do exercício de transformá-la porque a própria interpretação é tributária de uma prática, entender os limites do princípio educativo do trabalho exige um esforço por praticá-lo, é isso que busquei aqui.

Por outro lado, apontar os limites existentes no currículo, ou no projeto pedagógico dos IFs, é uma tarefa incompleta se não estiver acompanhada do exercício de transformá-los, a crítica marxista só é coerente quando acompanhada de uma prática que tenta transformar a realidade criticada. Essa pesquisa possibilitou a realização de uma experiência concreta tentando relacionar trabalho e ensino de História na busca de uma educação emancipatória, soma-se ao esforço coletivo de construção de uma educação integral, capaz de superar a dualidade curricular e classista que marca a educação brasileira. Entendo que essa é a grande contribuição do meu trabalho, oferecer o relato de uma experiência, expor erros e acertos, somar na tentativa de transformar a realidade educacional.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3a edição. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15a edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, Ricardo. 2a edição. **Os sentidos do Trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.
- AZEVEDO, Gislaine; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento. Vol.2**. Ática: São Paulo, 2013.
- AZEVEDO, Gislaine; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento. Vol.3**. Ática: São Paulo, 2013.
- BASSO, Itacy Salgado. **As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente**: um estudo a partir do Ensino de História. Orientador: Demerval Saviani, 1994. 148 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1994.
- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 7a edição. São Paulo: Contexto, 2002.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. 18a edição. São Paulo: Braziliense, 1988.
- BRASIL. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia**: um novo modelo de educação profissional e tecnológica, concepções e diretrizes. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica: Brasília, 2010.
- BUENO, Eduardo. **Produto Nacional**: uma história da indústria no Brasil. CNI, Sistema Indústria: 2008.
- CAIMI, Flávia Heloisa. **Conversas e controvérsias**: o ensino de história no Brasil (1980 - 1998). Editora da UPF: Passo Fundo, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. 6a edição. São Paulo: Braziliense, 1981.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras 2011.

- CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (org.). **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83 – 105.
- CIAVATTA, Maria Franco. Formação profissional para o trabalho incerto: um estudo comparativo Brasil, México e Itália. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis: Vozes, 1998. p.100-137.
- CIAVATTA, Maria Franco. A reconstrução histórica de trabalho e educação e a questão do currículo na formação integrada - ensino médio e EJA. *In*: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria. (org.). **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Liber Livro e Editora da UFF, 2011. p.25-55.
- CUSINATO, Ricardo. **A formação do professor da área de Estudos Sociais**. Orientador: José Dias Sobrinho, 1987. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1987.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o 'aprender a aprender'**. Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2 ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.
- KUENZER, Acácia. **O trabalho como princípio educativo**. CAD. Pesq. São Paulo, fevereiro de 1989.
- FERREIRA, Marques Bruno Malaquias; SALLES, Alexander Ottoni Teatini. Política Ambiental Brasileira: análise histórico-institucionalista das principais abordagens estratégicas. **Revista de Economia**, Curitiba, vol.43, n.2, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 43a edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56a edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A Gênese do decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-56.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Trabalho e Conhecimento: dilemas da educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 2012.
- GALVANE, Fábiana Alberton da Silva. **Políticas de gestão de RH na (re) produção das normas de gênero**. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.

- GOULART, Tiago Martins da Silva. **O Ensino de História nos Cursos Técnicos em Agropecuária Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS**. Orientadora: Isabel Aparecida Bilhão, 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, 2019.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol.1. Introdução ao estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol.2. 2ª edição. Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2001.
- HELMAN, Hélio. **A indústria do plástico no Brasil**. São Paulo: Editora Definição, 2017.
- HOBBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. 19ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- HOBBSBAWM, Eric. A história britânica e os Annales: um comentário. *In*: HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019c. p.250-259.
- HOBBSBAWM, Eric. Marx e a história. *In*: HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b. p.221 - 239.
- HOBBSBAWM, Eric. O que os historiadores devem a Karl Marx. *In*: HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p.200 - 220.
- INSTITUO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNICA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL). **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Plásticos Integrado ao Ensino Médio**, 2017. Disponível em sapucaia.ifsul.edu.br . Acesso em: 17/01/2021.
- INVERNIZE, Noela. Teoria da competência: categorias analíticas e ideologia na compreensão dos novos processos de trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n9, p.132-148, jul./dez. 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**: resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, Karl. **Teses Ad Feuerbach**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MESQUITA, Ilka Miglio de. **Memórias/identidades em relação ao Ensino de História e formação de professores**: diálogos com fóruns acadêmicos nacionais. Orientadora: Ernesta Zamboni, 2008. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2008.

- MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. 2a edição. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2a edição. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MIRANDA, Juliana Gomes. **Era do Plástico**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro: 2010.
- MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL (MNCR). **Cartilha de Formação Política #2: se unir é reciclar!** São Paulo, 2010.
- RAMOS, Marise Nogueira. A educação profissional pela pedagogia das competências: para além da superfície dos documentos oficiais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n80. p 405 - 472, set, 2002.
- RAMOS, Marise Nogueira. **Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural**. Vozes: Petrópolis, 1981.
- RIBEIRO, Marlene. É possível vincular educação e trabalho em uma sociedade “sem trabalho”? **Revista da UCPel**, Pelotas, n.1, p.5-27, 1999.
- RIBEIRO, Marlene. **Trabalho-Educação numa perspectiva de classe: apontamentos à educação dos trabalhadores brasileiros**. Artigo produzido para a Conferência de Abertura do III Simpósio Trabalho e Educação, na UFMG, em 16/11/2005.
- SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei de Educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas**. Autores Associados: Campinas, 1998.
- SAVIANI, Demerval. Educação socialista, pedagogia histórico crítica e os desafios da sociedade de classes. *In*: SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.223 – 274.
- TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. **A indústria de transformados plásticos**. São Paulo: Sindicato dos Químicos de São Paulo, 2017.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros**. Porto Alegre: impressão da Gráfica da UFRGS, 2009.
- VENÂNCIO, Gisele Martins. Lugar de mulher é... na fábrica: Estado e trabalho feminino no Brasil, 1910 - 1934. **Revista História: questões e debates**, Curitiba, n34, Editora da UFPR, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Slides da aula assíncrona sobre problemas históricos

Módulo 1: questão do fórum

A PARTIR DA LEITURA DO TEXTO "APOLOGIA DA HISTÓRIA" E DA APRESENTAÇÃO "BREVE HISTÓRIA DA HISTÓRIA", CRIE UM **PROBLEMA DE PESQUISA** SOBRE A HISTÓRIA DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO, E UMA **JUSTIFICATIVA** PARA O ESTUDO DESSE ASSUNTO.

PROBLEMA

- ✘ Também pode ser chamado de “tema”, “objeto”, “questão”.
- ✘ O ponto de partida é o presente, diz respeito a questionamentos que surgem da sociedade atual.
- ✘ Envolve a ideia de “duração”, mesmo que esta não esteja escrita (permanência, transformação, ruptura, continuidade, semelhança, diferença).

JUSTIFICATIVA

- ✘ Existe sempre uma dimensão pessoal, ela pode ser explicitada.
- ✘ Existe uma justificativa própria aos estudos históricos, ela deve ser explicitada:
 - a) compreender/ explicar algo do presente;
 - b) identificar problemas e eventuais soluções;
 - c) preservar, promover, reparar, etc.

ATENÇÃO AO TEXTO E AO CONTEÚDO DA AULA

- ✘ Leia o resumo do livro de Marc Bloch e procure identificar o que é o objeto de estudo da História.
- ✘ Ainda no resumo de Marc Bloch, veja como ele justifica a importância da História.
- ✘ Reveja os slides da última aula, veja como os problemas e as justificativas da História mudaram ao longo do tempo.
- ✘ Se tiver dúvidas poste no fórum de dúvidas, se não as tiver, tente relacionar elementos do texto e/ ou da aula na sua resposta.

BOM ESTUDO!

- ✘ Lembre-se, nosso próximo encontro é na sexta-feira, 4/09, 14h.
- ✘ Responda a questão postada no fórum até essa data.
- ✘ Abraços e até lá!

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. São Paulo: Braziliense, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Braziliense, 1981.

APÊNDICE B - Slides da aula síncrona *Breve história da História*

Breve história da História

OBJETIVO: IDENTIFICAR PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NO OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA E NOS OBJETIVOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.

O nascimento da História

- História como “investigação”, “informação”, nasce na Grécia Antiga, no século V a.C.
- Aparece preocupada em explicar a democracia grega, a ascensão de cidades-estado como Atenas.
- Aparece como crítica dos mitos de explicação da sociedade, especialmente como crítica ao papel atribuído aos deuses nessas explicações.
- Explica os acontecimentos a partir de fatores humanos, como costumes, interesses, talento; ou naturais, como o clima e a vegetação.

O século XIX



- Pela primeira vez a História foi tratada como um campo específico de saber, com método e problemáticas próprias. As características principais da História produzida nesse período são:
 - a) ênfase nos textos, nos documentos “oficiais” como fontes de construção do conhecimento;
 - b) ênfase nos fatos “únicos”, especialmente os acontecimentos políticos e militares;
 - c) ênfase na narração, no relato, desprovido de explicação;
 - d) preocupação com a construção de histórias nacionais;
 - e) crença na “imparcialidade” do historiador.

A Escola dos Annales



- Essa tendência desenvolve-se a partir de 1929, suas principais características são:
 - a) ao invés dos fatos singulares, buscam compreender as estruturas, e aquilo que é comum;
 - b) História deve partir sempre de problemas do tempo presente, o retorno ao passado faz-se com base nos interesses do presente;
 - c) o historiador não pode resumir-se à narração, ao relato, ele precisa explicar;
 - d) ampliação no repertório das fontes, tudo o que é produzido ou tocado pelos seres humanos pode ser fonte para o estudo da História.

O marxismo

- As principais influências dessa corrente na História são:
 - a) crítica à noção de “neutralidade” ou “imparcialidade” do historiador – todos se movem no terreno das ideologias;
 - b) busca pelas pessoas comuns, por seu protagonismo na história;
 - c) busca por leis dinâmicas do processo histórico;
 - d) insistência nos aspectos sociais, coletivos e repetitivos, em detrimento das biografias e individualidades

Por que estudar História?

- Para explicar o presente.
- Para entender o sentido das transformações.
- Para entender a força das permanências.
- Para preservar e valorizar identidades e memórias.
- Para garantir o direito à reparação.
-
- O que você pensa?

Referências para a elaboração dessa aula



BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História.** São Paulo: Braziliense, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História.** São Paulo: Braziliense, 1981.

APÊNDICE C - Slides da aula síncrona sobre História Oral

A HISTÓRIA ORAL:
ENTREVISTAS COMO FONTE PARA O
ESTUDO DA HISTÓRIA

Aula Síncrona do dia 02/10

O que é História Oral?

- Uma metodologia de pesquisa em História que valoriza o depoimento das pessoas, é construída a partir de entrevistas intencionalmente produzidas
- Começou seu desenvolvimento na Universidade de Columbia (EUA) após a Segunda Guerra Mundial.
- É utilizada por várias linhas teóricas, especialmente a Nova História Cultural e o Marxismo.

Justificativas para sua utilização

- Capturar as subjetividades e as diferentes perspectivas acerca de um mesmo fenômeno histórico.
- Preservar e valorizar memórias auxiliando na construção de identidades
- Dar voz aos “subalternos”, isso é, aos grupos que têm menos acesso aos instrumentos escritos e canais oficiais
- Acessar aspectos da história não alcançados por outras fontes

Sobre as entrevistas disponibilizadas

- Foram concedidas via plataforma RNP, especialmente para esse curso/ pesquisa.
- Tratam-se de perspectivas distintas sobre o trabalho na indústria do plástico (gestão e sindicato).
- Foram feitas a partir da perspectiva temática.
- Preservei o anonimato das fontes e empresas.

Cuidados na utilização das entrevistas

- Buscar certa “empatia” com o entrevistado, NÃO ficar “brigando” com a fonte.
- NÃO estamos interessados em contestar o entrevistado, mas em entender a sua perspectiva, os seus motivos.
- Busque relacionar o que o entrevistado está dizendo com as outras fontes e textos que estudamos na disciplina.

Questões do Fórum

1 - Destaque as principais diferenças entre os depoimentos disponibilizados. A partir do que estudamos sobre fontes históricas você consegue formular uma explicação para a existência dessas diferenças? Caso você tenha considerado as semelhanças mais relevantes pode responder essa questão utilizando-as.

2- Destaque os trechos (ou algum trecho) que podem ser relacionados ao seu problema de pesquisa. Eles permitem a formulação de alguma hipótese para a questão que você formulou?

REFERÊNCIAS, links no Moodle

1 - Vídeo "O que é História Oral?", tem duração de 5 minutos e 33 segundos, é organizado pela Editora Contexto e apresenta o professor José Carlos Sebe Meihy explicando os significados da história oral.

2 - Vídeo "História Oral: panorama histórico e reflexões para o presente", vídeo organizado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no qual a professora Suzana Lopes Salgado Ribeiro apresenta a história oral a partir de sua origem e com algumas reflexões sobre suas contribuições para o mundo presente. O vídeo tem 49 minutos e 56 segundos.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.
- MESQUITA, Ilka Miglio de. **Memórias/identidades em relação ao Ensino de História e formação de professores: diálogos com fóruns acadêmicos nacionais**. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas, 2008.

APÊNDICE D - Textos disponibilizados nas pastas temáticas.

TECNOLOGIA, CONDIÇÕES DE TRABALHO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. Capítulo 28 Imperialismo e Neocolonialismo, 1. Uma nova revolução industrial. *In*: AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento**, vol.2. Ática: São Paulo, 2013. p.236 - 238.

HELMAN, Hélio. **A indústria do plástico no Brasil**. São Paulo: Editora Definição, 2017.

INSTITUO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNICA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL). **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Plásticos Integrado ao Ensino Médio**, 2017. Disponível em sapucaia.ifsul.edu.br. Acessado em 17/01/2021

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. Cortez: São Paulo, 2010. Resumo elaborado pelo professor.

PINHO, Luana Cavalcante. BEZERRA, Marília Sarmiento. **Direitos Trabalhistas no Brasil: uma aproximação crítica**. Texto apresentado no II Seminário de Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais, na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. Capítulo 2: Saúde e condições de trabalho na indústria do plástico. Capítulo 3: Perfil do emprego no setor plástico. *In*:

TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. **A indústria de transformados plásticos**. São Paulo: Sindicato dos Químicos de São Paulo, 2017. p.41 - 101.

MEIO AMBIENTE E CONSUMO DE PLÁSTICOS

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. Capítulo 17: Duas Décadas de Crise: 1. A era de ouro do capitalismo. IN **História em Movimento**, vol.3. Ática: São Paulo, 2013.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento**, vol.3. Ática: São Paulo, 2013. p.202 - 205.

EIGENHER, Emílio Maciel. **Lixo: a limpeza urbana através dos tempos**. Gráfica Palloti: Porto Alegre, 2009.

FERREIRA, Marques Bruno Malaquias; SALLES, Alexander Ottoni Teatini. Política Ambiental Brasileira: análise histórico-institucionalista das principais abordagens estratégicas. **Revista de Economia**, Curitiba, vol.43, n.2, 2016.

MIRANDA, Juliana Gomes. **Era do Plástico**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro: 2010.

TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. Capítulo 1: A origem dos transformados plásticos. In: TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. **A indústria de transformados plásticos**. São Paulo: Sindicato dos Químicos de São Paulo, 2017. p.11 - 40.

A INDÚSTRIA DO PLÁSTICO NO BRASIL

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. Capítulo 17: Duas Décadas de Crise: 1. A era de ouro do capitalismo. IN **História em Movimento**, vol.3. Ática: São Paulo, 2013.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento**, vol.3. Ática: São Paulo, 2013. p.202 - 205.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. Capítulo 4: O Brasil chega ao século XX. In AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento**, vol.3. Ática: São Paulo, 2013. p.38 - 51.

BUENO, Eduardo. **Produto Nacional: uma história da indústria no Brasil**. CNI, Sistema Indústria: 2008.

HELMAN, Hélio. **A indústria do plástico no Brasil**. São Paulo: Editora Definição, 2017.

IVO, Alex de Souza. O trabalho na indústria do petróleo: hierarquias sociais, moradia e nacionalismo. **Revista Mundos do Trabalho**, vol 1, n.1, janeiro - junho de 2009.

LUCCHESI, Celso Fernando. Petróleo. **Revista de Estudos Avançados**, vol 12, n.33, 1998.

TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. **A indústria de transformados plásticos**. São Paulo: Sindicato dos Químicos de São Paulo, 2017.

MULHERES NA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO

GALVANE, Fábila Alberton da Silva. **Políticas de gestão de RH na (re) produção das normas de gênero**. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.

MELO, Hildete Pereira. **O trabalho industrial feminino**. IPEA, texto da discussão: Rio de Janeiro, 2000.

VENÂNCIO, Gisele Martins. Lugar de mulher é... na fábrica: Estado e trabalho feminino no Brasil, 1910 - 1934. **Revista História: questões e debates**, Curitiba, n34, Editora da UFPR, 2001.

TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. Capítulo 3: Perfil do emprego no setor plástico. *In*: TEIXEIRA, Marilane; CIRINO, Claudia; LINO, Domingos. **A indústria de transformados plásticos**. São Paulo: Sindicato dos Químicos de São Paulo, 2017. p.71 - 101.

VÍDEOS DO YOUTUBE DISPONIBILIZADOS NO MOODLE

Vídeo Revolução Industrial na Inglaterra

<https://www.youtube.com/watch?v=jt-o3EBQPMU>. Acessado em 10/09/2020

História das Coisas

<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>. Acessado em 10/09/2020

História do Plástico

https://www.youtube.com/watch?v=_xRZA1wo68k. Acessado em 10/09/2020

Vídeo O que é História Oral

<https://www.youtube.com/watch?v=rI8CDDXFmTE>. Acessado em 3/09/2020

Vídeo História Oral: panorama histórico e reflexões para o presente

<https://www.youtube.com/watch?v=Kfq8aNL3GeE>. Acessado em 3/09/2020

ANEXOS

ANEXO A - Imagens sobre Revolução Industrial disponibilizados na terceira semana. Todas as imagens foram retiradas do livro de Hobsbawm (2005), são encontradas no centro do livro, em folhas de papel couchê, sem a indicação de páginas.

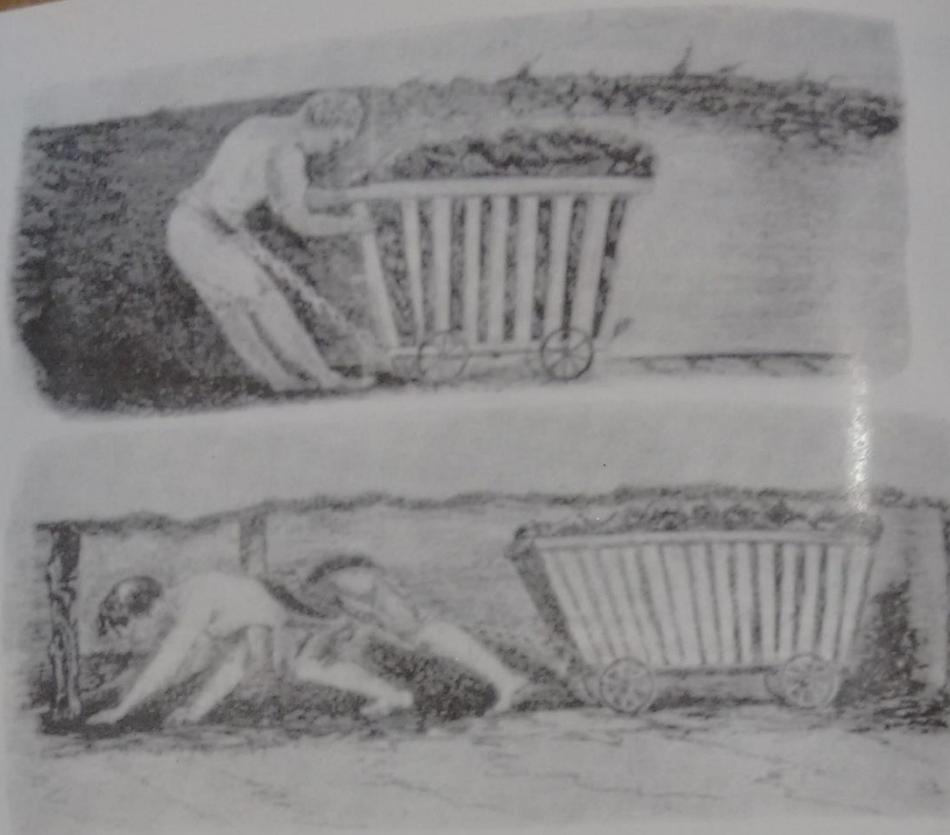


OS ESTADOS DA EUROPA EM 1836

| Nome | População total (milhões) | Número de cidades (mais de 50 mil) | Terras cultivadas em morgen (medida holandesa equivalente a 2116 acres) (milhões) | Produção de sementes em Scheffel* (milhões) | Gado bovino (milhões) | Ferro (milhões de cwt) | Carvão |
|--|---------------------------|------------------------------------|---|---|-----------------------|------------------------|--------|
| Rússia, incluindo Polónia e Cracóvia | 49.538 | 6 | 276 | 1.125 | 19 | 2,1 | |
| Áustria, incluindo Hungria e Lombardia | 35.000 | 8 | 93 | 225 | 10,4 | 1,2 | 2,3 |
| França | 33.000 | 9 | 74 | 254 | 7 | 4 | 20,0 |
| Grã-Bretanha, incluindo a Irlanda | 24.273 | 17 | 67,5 | 330 | 10,5 | 13 | 200 |
| Confederação Alemã (excluindo Áustria e Prússia) | 14.205 | 4 | 37,5 | 115 | 6 | 1,1 | 2,2 |

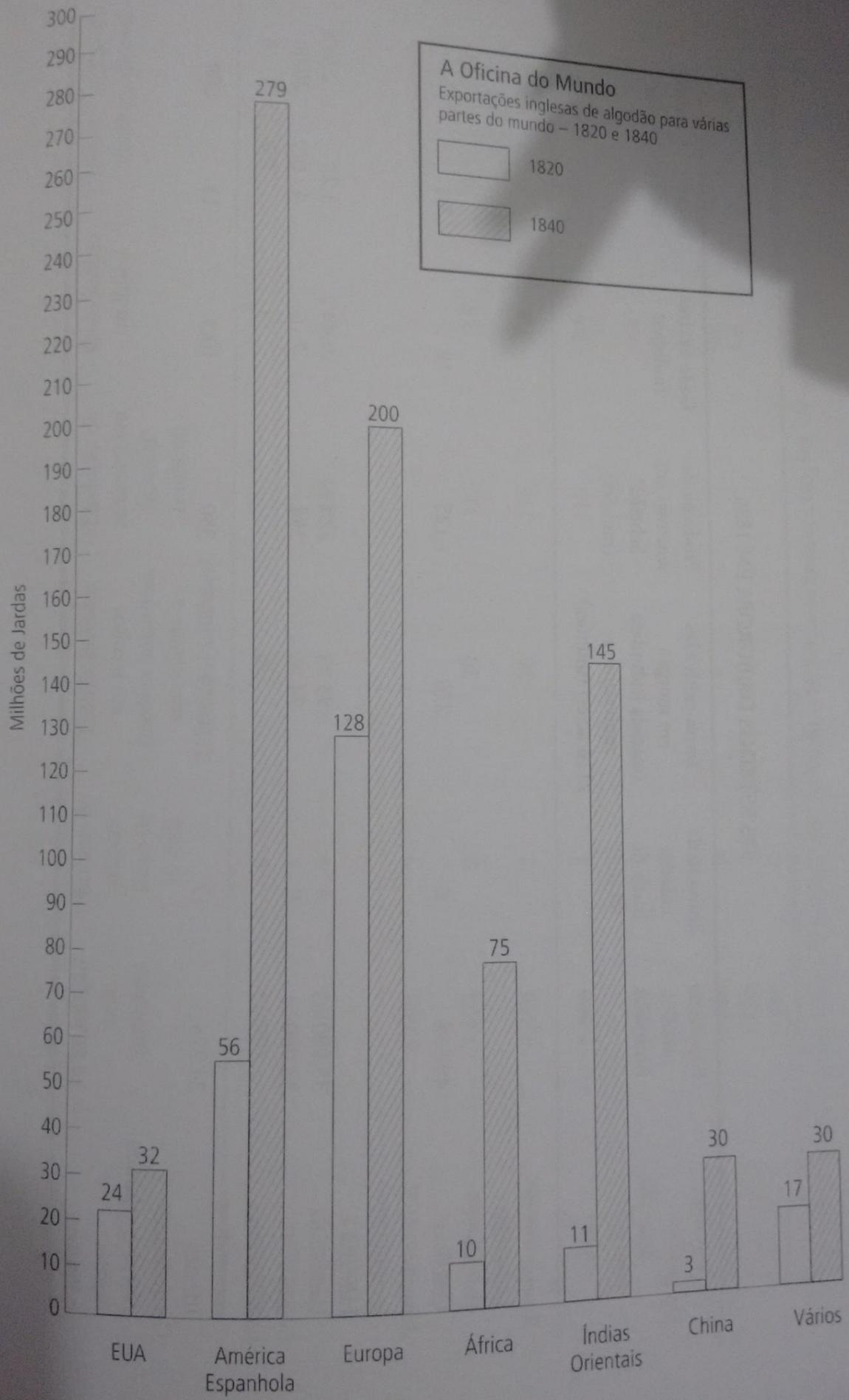
| Nome | População total (milhões) | Número de cidades (mais de 50 mil) | Terras cultivadas em morgen (medida holandesa equivalente a 2116 acres) (milhões) | Produção de sementes em Scheffel* (milhões) | Gado bovino (milhões) | Ferro (milhões de cwt) | Carvão |
|----------------------------|---------------------------|------------------------------------|---|---|-----------------------|------------------------|--------|
| Espanha | 14.032 | 8 | 30 | | 3 | 0,2 | 0 |
| Portugal | 3.530 | 1 | 30 | | 3 | 0,2 | 0 |
| Prússia | 13.093 | 5 | 43 | 145 | 4,5 | 2 | 4,6 |
| Turquia, incluindo Romênia | 8.600 | 5 | | | | | |
| Reino de Nápoles | 7.622 | 2 | 20 | 116 | 2,8 | 0 | 0,1 |
| Piemonte-Sardenha | 4.450 | 2 | 20 | 116 | 2,8 | 0 | 0,1 |
| Resto da Itália | 5.000 | 4 | 20 | 116 | 2,8 | 0 | 0,1 |
| Suécia e Noruega | 4.000 | 1 | 2 | 21 | 1,4 | 1,7 | 0,6 |
| Bélgica | 3.827 | 4 | 7 | 5 | 2 | 0,4 | 55,4 |
| Holanda | 2.750 | 3 | 7 | 5 | 2 | 0,4 | 55,4 |
| Suíça | 2.000 | 0 | 2 | | 0,8 | 0,1 | 0 |
| Dinamarca | 2.000 | 1 | 16 | | 1,6 | 0 | 0 |
| Grécia | 1.000 | 0 | | | | | |

* Medida que nesta época equivalia, na Alemanha, a 501., na Prússia, a 54.961., e na Saxónia, a 103.841. (N. do T.)



90. Para o sofrido trabalhador, a indústria não era um triunfo mas um fardo. As ilustrações da Real Comissão sobre o Emprego de Crianças (Minas), 1842, não exigem comentários.





ANEXO B - Páginas da cartilha do Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR), disponibilizadas na sétima semana.



Coordenação
Alexandre Araújo Cambuim / MNCR
Roberto Lauriano da Rocha / MNCR

Edição de Texto
Tatiana de Oliveira

Revisão
Janaína Belhing
Davi Amorim / Setor de Comunicação MNCR

Colaboração
Eni Leide Conceição Silva

Projeto Gráfico e Arte
Davi Amorim / Setor de Comunicação MNCR

Fotografias
Alderon Costa / Rede Rua
Gilberto Warley Châgas / MNCR
Arquivo MNCR

MNCR
Sede nacional: rua Vergueiro, 2.551 Vila Mariana
São Paulo - SP Brasil CEP 04101-200
Tel. (55 11) 3399-3475
E-mail: articulosul@mncr.org.br
Site: www.mncr.org.br

2ª edição
Maio de 2010

CATAFORTE

Fortalecimento do Associativismo e Cooperativismo
dos Catadores de Materiais Recicláveis



FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Ministério do
Trabalho e Emprego



O ciclo produtivo dos materiais recicláveis

O surgimento da categoria catadores de materiais recicláveis é resultado de um modelo de acumulação capitalista, baseado num processo de industrialização desigual, que atraiu grandes contingentes do povo brasileiro para as cidades, sem lhes garantir perspectivas de emprego e vida digna.

A profissão de catador, muitas vezes, é a única saída encontrada para garantir a sobrevivência, através da catação dos materiais recicláveis descartados pela sociedade.

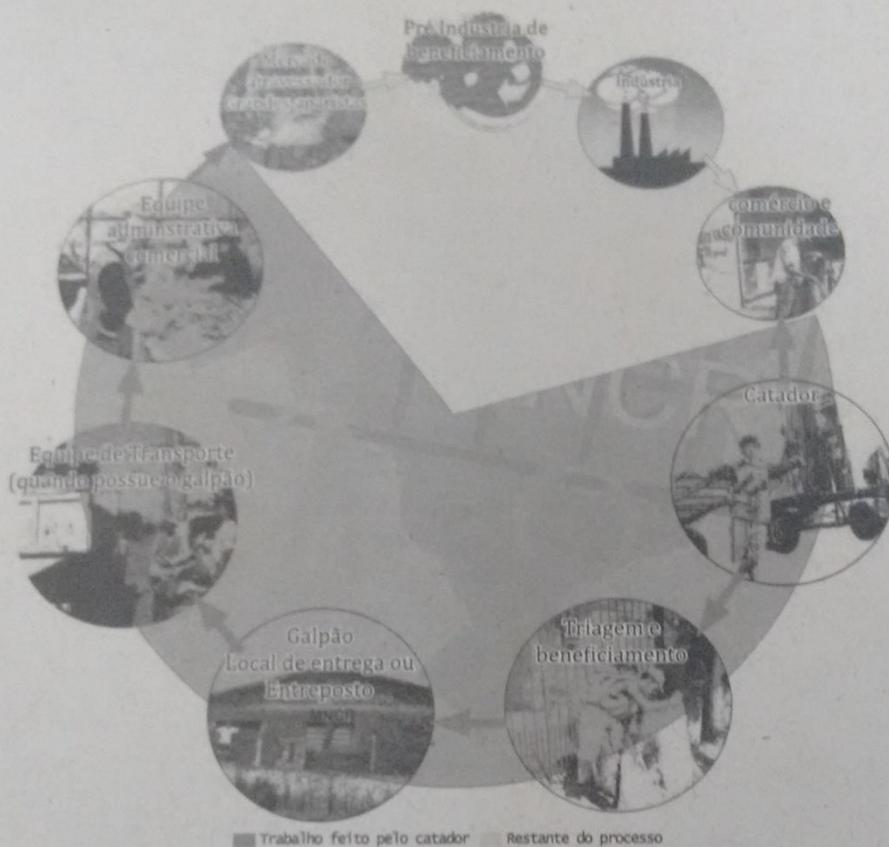
Mesmo diante de tanta exclusão social e até diante de muito preconceito, sabemos que o catador é um prestador de serviço social de extrema importância nos dias de hoje, mesmo que, muitas vezes, não sejamos reconhecidos pelo poder público e pela própria sociedade. A valorização do trabalho do catador passa pelo aspecto do benefício ambiental que proporciona, mas também, pela geração de renda proporcionada, gerando trabalho no meio econômico que deve ser considerado.

VOCÊ SABIA?

A atividade catador de material reciclável existe há mais de 50 anos, sempre fizemos um trabalho de prestação de serviços à sociedade recolhendo resíduos recicláveis que provocam impactos negativos ao meio ambiente, riscos à qualidade de vida e à saúde pública de toda a população.

Depois de muita luta, hoje a profissão catador de materiais recicláveis é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

Este reconhecimento afirma o trabalho do catador como uma ocupação tão digna como qualquer outra. Isto é fruto de toda a nossa história de luta e organização.



O Ciclo

Na sociedade capitalista em que vivemos existem grandes indústrias que produzem seus produtos e lucram muito dinheiro, através da exploração do trabalho e da venda destes produtos no mercado. A sociedade capitalista produz resíduos a toda hora, e é parte da sua lógica consumir e descartar a todo o momento.

Neste ciclo, as empresas, em geral, se preocupam somente com seus lucros e não se responsabilizam pelas embalagens e resíduos produzidos que vão parar em ruas, lixões ou aterros sanitários. Mas, enquanto há muitos anos esses resíduos foram considerados apenas “lixos”, hoje são alvos de disputa no mercado, porque a reciclagem se mostrou uma atividade muito, mas muito lucrativa mesmo, se tornando um grande negócio.

O catador de material reciclável é parte do ciclo da cadeia produtiva da reciclagem atuando, na maioria das vezes, na base de sustentação da cadeia, porém, como sabemos, o catador é o que menos recebe por seu trabalho.

Caso concreto:

Foto: Marcello Casal Jr / ABR

A catadora Ceilma Souza Santos de 39 anos, mãe de 12 filhos foi assassinada com um tiro no dia 14 de fevereiro de 2006, no lixão da Vila Estrutural em Brasília/DF. Segundo testemunhas, o autor do disparo foi o funcionário de um grupo de compradores de material reciclável. A catadora havia calculado o peso do material em 400kg, mas o atravessador queria pagar por apenas 270kg, o que em dinheiro daria uma diferença de R\$ 22,00. As testemunhas afirmaram que o atravessador havia concordado que Ceilma recolhesse o material para vender a outros atravessadores, quando atirou na trabalhadora. Até o presente momento o responsável pelo assassinado continua impune.

Fonte: Delires Brun

O Catador é um sujeito que, historicamente, tira do lixo o seu sustento, seja através da prática da coleta seletiva, junto a alguns parceiros que doam o seu lixo, seja 'catando' recicláveis pelas ruas e lixões, sacando os recicláveis do lixo misturado que o gerador não teve a decência de separar.

Com esse trabalho, as Prefeituras Municipais economiza recursos públicos, pois diminui a quantidade de resíduos coletados e aumenta a vida útil dos aterros sanitários. São economias de recursos financeiros para pagamento do serviço de coleta e destinação final, sem contar as economias de recursos ambientais geradas pelo nosso trabalho!

É um serviço feito gratuitamente a toda a sociedade, já que esses materiais coletados pelos catadores vão evitar o consumo de matéria prima esgotável; além de gerar economia com coleta e disposição final.

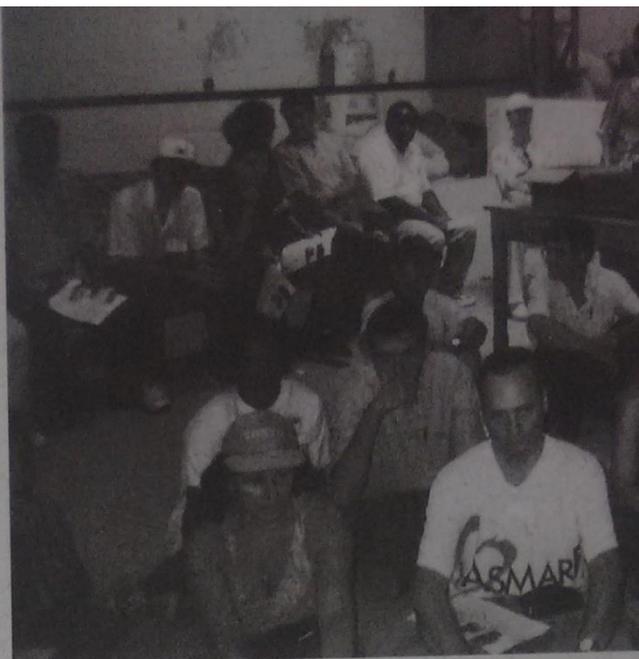
Cooperação

No MNCR a cooperação e a autogestão formam os princípios fundamentais do Movimento. Aderindo ao trabalho coletivo, acreditamos poder melhorar, em vários aspectos, o trabalho que desenvolvemos todos os dias, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e uma maior organização das bases orgânicas do Movimento.

As principais vantagens da decisão pela formação da cooperativa, associação ou grupo estão em poder agregar maior valor ao produto reciclável comercializado e em garantir que os produtos sejam vendidos diretamente à indústria, inviabilizando a ação exploradora dos atravessadores.

O cooperativismo e a autogestão se caracterizam sempre por um processo em construção, em que as relações de trabalho entre as pessoas devem resgatar o seu dimensionamento humano, enquanto trabalhadores que produzem e tomam decisões. Quando falamos em gestão democrática, queremos dizer que os trabalhadores e trabalhadoras devem poder decidir sobre tudo o que acontece no processo produtivo, tomando para si o poder de gerir e decidir sobre seu próprio processo de trabalho.

A tarefa, agora, é conhecer um pouco mais sobre como colocar em prática essa forma organizativa, respeitando os seus valores e objetivos essenciais.



Valores fundamentais à prática diária do cat

Ética

Trabalho enquanto construção da dignidade

Trabalho Coletivo

Dignidade

Crítica ao assistencialismo

Responsabilidade

Confiança

Controle Político

Combate aos desvios

Combate à discriminação



| COOPERATIVISMO | EMPRESA CAPITALISTA |
|--|---|
| Sociedade simples de pessoas, regida por legislação específica; | Sociedade de capital - ações; |
| Número de associados limitado à capacidade de prestação de serviços; | Número limitado de sócios; |
| Controle democrático: cada pessoa corresponde a um voto; | Cada ação - um voto; |
| Objetiva a prestação de serviços; | Objetiva o lucro; |
| Quorum de uma assembléia é baseado no número de associados; | Quorum de uma assembléia é baseado no capital; |
| Não é permitida a transferência de quotas-parte a terceiros; | É permitida a transferência e a venda de ações a terceiros; |
| Retorno dos resultados é proporcional ao valor das operações. | Dividendo é proporcional ao valor de total das ações. |

Nas experiências, baseadas nas mais diferentes práticas de trocas, os princípios do cooperativismo foram sendo aperfeiçoados e recriados de acordo com as características de cada povo e de cada lugar.

Apesar de gerar diversidade, há vários pontos de convergência sobre os princípios do cooperativismo, como:

- A valorização social do trabalho humano.
- A satisfação plena das necessidades de todos.
- O reconhecimento do lugar fundamental da mulher e numa economia fundamentada na solidariedade.
- A busca de uma relação de respeitosa com a natureza.
- A valorização da cooperação e da solidariedade.

- A valorização do trabalho, enquanto saber e enquanto criatividade humana, e não enquanto capital/dinheiro.
- A busca por outra qualidade de vida e de consumo, e isso requer a solidariedade permanente entre os trabalhadores e entre os povos de todo o mundo.

São estes princípios e valores que, juntamente com os Princípios, Objetivos e Bases de Acordo do MNCR, devem ser referências para a gestão das cooperativas.

Qual a diferença entre cooperativismo e associativismo?

Comparando Associação e Cooperativa é importante saber que as duas são formas de organização utilizadas pelos catadores e devem se basear nos princípios de autogestão e democracia, defendidos pelo MNCR.

Inicialmente, é preciso conhecer muito bem os objetivos sociais da associação, isto é, perguntar para que ela foi constituída? Muitas pessoas constituem associação quando, na verdade, deveriam organizar-se em cooperativa. Neste caso estamos diante de uma inadequação da figura jurídica e, portanto, de equívoco jurídico.

Nos termos do art. 53 do Código Civil, “constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos”.

Portanto, as associações não possuem fins econômicos, logo, para o mundo jurídico - é importante registrar - estas não podem ser constituídas para realizar operações de mercado. Isto não significa que ela não poderá vender produtos ou mercadorias, no entanto, esse não deve ser seu escopo principal.

Veja alguns exemplos típicos do que estamos falando:

1- Uma igreja pode vender bíblias, velas, imagens, etc para os fiéis. O objetivo desta entidade é promulgar a fé e a venda destes produtos é um mero “meio” para atingir seus fins.

2- Hospital (instituição de assistência social) que possui estacionamento e cobra por esses serviços. Os serviços prioritários desta entidade é atender as pessoas necessitadas de atendimentos médicos. O estacionamento é acessório, ou seja, uma forma de criar condições que possibilitem recepcionar os pacientes com maior conforto.

Etapa do processo produtivo de materiais recicláveis

Conhecer as etapas do processo produtivo de materiais recicláveis é fundamental para qualquer catador e catadora. Hoje, existem cerca de 800 mil catadores vivendo da catação de materiais recicláveis, mas sabemos que apenas cerca de 40 mil se encontram organizados.

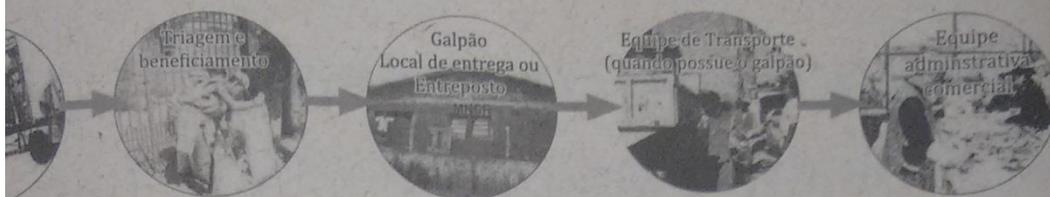
Nossa principal tarefa é organizar coletivamente nossa atuação para que a sociedade encontre facilmente as características de um catador organizado, pois as características de um catador desorganizado, geralmente, são as mais comuns e pouco contribuem para o fortalecimento da nossa categoria.

Isso porque, apesar do reconhecimento que possui hoje a profissão de catador, o reconhecimento da sociedade é uma conquista mais longa, que dependerá muito mais da atuação do catador nas ruas e na organização do processo produtivo dos materiais recicláveis.

Portanto, este reconhecimento apenas virá se conseguirmos elevar o nível de organização dos catadores, a ponto de termos milhares de catadores pelo Brasil à fora, capacitados economicamente e politicamente, para realizarem o trabalho da Coleta e para lutar pelos seus direitos.

Vamos, agora, conversar sobre os passos mais importantes no longo caminho do domínio da cadeia produtiva, algo que tanto almejamos. Mas, para isso, precisamos fortalecer nosso trabalho desde a Campanha de Rua nas comunidades até a própria organização de todo o processo produtivo. Já existem muitos companheiros e companheiras que estão trilhando este caminho; a nossa tarefa é ampliar o máximo que pudermos este processo e, para que ele aconteça, nos reunirmos, conversarmos, avaliarmos e planejarmos o que precisa ser feito; são os primeiros passos.





Nossa sugestão é que, daqui para frente, o Ciclo da Cadeia Produtiva dos Materiais Recicláveis esteja exposto no local do estudo, para servir de guia nas reflexões que serão feitas. A primeira tarefa é reconhecer o grupo no Ciclo, buscando identificar em que estágio se encontra para, depois, identificar os passos que precisam ser dados na caminhada pela tomada das demais etapas do ciclo produtivo.

Vamos agora, então, retomar os três primeiros momentos da organização política e produtiva dos catadores; a cada passo é importante refletir sobre os passos que o grupo já conseguiu dar e a partir daí, juntos, pensar em como tudo pode ser melhorado para que o coletivo de catadores seja cada vez mais organizado.

A estratégia do MNCR é conseguir, aos poucos, ir dominando as etapas do processo produtivo, tornando este domínio um processo coletivo e autogestionário da produção dos materiais recicláveis. Sabemos que esta estrada é muito difícil de ser trilhada, por motivos que já estudamos na Cartilha de Formação de Base I, nesta Cartilha e em outros materiais do Movimento, mas o desafio está colocado e, sem organização, jamais o alcançaremos.

Neste momento estudaremos juntos as Etapas da Campanha de Rua, da Triagem e da Dinâmica da Base Regional, ficando as demais etapas da cadeia produtiva dos materiais recicláveis para estudarmos e aprofundarmos em outros materiais de formação.

Acreditamos que, se conseguirmos avançar nessas três primeiras etapas, com bom nível de organização política e econômica, estaremos dando um grande passo no processo de fortalecimento das bases orgânicas do MNCR e, também, fortalecendo o Movimento desde a base estaremos nos fortalecendo nos níveis estaduais e em nível nacional.

A triagem

A Etapa da Triagem é uma fase que exige muita habilidade na organização dos materiais recicláveis e muita atenção para evitar o re-trabalho, muito comum entre os catadores e que somente aumenta desnecessariamente o tempo de trabalho.



OS CRITÉRIOS DE SEPARAÇÃO DOS MATERIAIS

A primeira atitude importante nesta etapa é conhecer e estudar a Tabela de classificação dos materiais recicláveis é através desta tabela que obtemos as orientações fundamentais de como organizar e classificar os materiais que serão vendidos.





PARA SEPARAR OS MATERIAIS

Os aspectos fundamentais para a construção de uma adequada estratégia de separação dos materiais são:

1 Saber que cada empresa (recicladora ou aparista) em cada região do país segue regras de classificação e combinação de materiais relacionadas com o que está sendo produzido nas indústrias. Conhecer quais são as demandas de mercado pode ser um caminho importante para agregar valor ao produto reciclado.

2 Buscar conhecer formas de calcular o preço de mercado dos resíduos sólidos recicláveis é uma forma de conhecer os produtos que estão com maior valor de mercado e é também uma forma de não ser enganado durante as negociações.

Dica:

Uma das formas de saber a que preço andam os recicláveis de maior valor de mercado é verificar, através da internet, a cotação na bolsa de valores de materiais como o ferro, cobre, alumínio, PET PEAD, PEBD, PVC, OS, PP, PU, PA (nylon), etc.

O ensaque e a amarração

A tarefa desta etapa é separar e depois condicionar o material para seu devido destino. Assim, o primeiro objetivo deste trabalho é buscar garantir a pureza dos materiais que serão comercializados. Isto é importante se lembrarmos da credibilidade em construção, realizada agora entre o catador e os compradores dos produtos.

Neste processo os aspectos mais importantes que necessitam de muita atenção do catador são:

1. Certificar-se sempre da pureza dos materiais;
2. Após a separação mais adequada, amarrar os sacos de maneira que os mesmos não se soltem e exigindo um novo trabalho de ensaque;
3. Identificar os produtos contidos nos sacos para acesso fácil do catador aos produtos.
4. Organizar os sacos por produtos.
5. Sempre ao final de todo trabalho de ensaque e amarração, garantir a limpeza e organização do local de trabalho.



Lembramos que:

"Quanto mais organizado forem os nossos espaços maior será a ideia de organização que iremos passar".